

**FELIPE DE OLIVEIRA RIBEIRO**

**APLICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO “PRATIC VIOLÃO” PARA  
APRENDIZAGEM DA GUITARRA E DESENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO  
MOTORA FINA.**



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

FARO

2019

**FELIPE DE OLIVEIRA RIBEIRO**

**APLICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO “PRATIC  
VIOLÃO” PARA O APRENDIZAGEM DA GUITARRA E  
DESENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO MOTORA  
FINA.**

**Mestrado em Educação Especial  
(Especialidade em Domínio  
Cognitivo e Motor)**

**Trabalho feito sob a orientação  
de: Prof. Doutor João Miguel  
Quintino Guerreiro**



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

**FARO**

**2019**

**Aplicação e desenvolvimento do “Pratic Violão” para aprendizagem da guitarra e desenvolvimento da coordenação motora fina.**

**Declaração de autoria do trabalho**

Declaro ser autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados deverão estar devidamente citados neste texto e constam na listagem de referências incluída.

---

(Assinatura)

**Copyright by  
Felipe de Oliveira Ribeiro**

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

## **Agradecimento**

Dedico este trabalho a pessoas importantes em minha vida, tanto profissional quanto pessoal. Há diversas pessoas a quem devo gratidão e algumas delas serão citadas aqui, com o grande risco de deixar de citar todas elas. Agradeço a instituição, APPC e os profissionais que lá desempenham sua profissão com afinco e dedicação. Durante a investigação fui muito bem amparado, além de ter disponível um excelente espaço para que pudesse realizar o trabalho com liberdade e qualidade. Não posso deixar de citar também os utentes que lá estavam (e aqueles que participaram da investigação).

Agradeço ao meu orientador, prof. Doutor João Quintino Guerreiro, por toda sua disponibilidade, assiduidade e interesse em ajudar para que este trabalho de investigação pudesse ser realizado de forma satisfatória.

Agradeço aos grandes amigos que tenho e que tive, aos que me acompanharam, pelo menos em algum momento de minha vida, em uma jornada de companheirismo e confiança.

Agradeço aquelas pessoas que, comigo, compartilharam abraços, que tive convívio no ambiente de trabalho, que me ajudaram a construir minha personalidade profissional e que são sempre lembradas em meu cotidiano, nas diversas situações onde me deparo profissionalmente.

Agradeço aos alunos que tive e que me fizeram aprender, experienciar situações, lidar com problemas e buscar soluções. Sem eles não há sentido ao que está sendo concretizado nesta investigação.

Agradeço a família da minha esposa, estes meu sogro, sogra e cunhados, por todo o suporte, carinho e amizade. São pessoas que terei amor pelo resto de minha existência.

Agradeço a minha família, tios, primos, meu irmão e aos agregados, por todo o suporte, em especial a minha mãe, minha avó e meu eterno avô. Estas pessoas me educaram, deram o melhor que puderam para me criarem com amor e dignidade. Devo o que sou e quem sou a estas pessoas, que amo incondicionalmente.

Agradeço finalmente, com todo o amor, a minha esposa, Priscilla Ribeiro, e minha filha, Melissa Ribeiro. São minhas grandes apoiadoras, amores incondicionais e que dão sentido a minha vida. Não há nada que eu busque ou faça que não envolva a felicidade, segurança, e amor para essas duas pessoas tão especiais. É com elas que tudo

faz sentido e todo o esforço vale. Cada lágrima, suor e, quiçá, sangue derramados. Por nossa família.

## Resumo

Tem sido estudado que a música pode trazer ganhos ao indivíduo, corroborando a ideia de que ter vivência com o universo musical acarreta em benefícios como o desenvolvimento social, cognitivo, motor e psicológico.

Esta investigação tem como objetivo a aprendizagem do instrumento, a potencializar as aptidões motoras através da prática da guitarra, utilizando o manual e desenvolvendo sua aplicação em crianças com paralisia cerebral. Os objetivos pretendidos neste trabalho extrapolam a aprendizagem tradicional do instrumento musical, visando trazer mais benefícios ao aluno em alguns aspectos que contemplam o indivíduo além da sala de aula. Pensando nisto, foi idealizado o “*Pratic violão*”, uma espécie de dispositivo adaptado que busca expandir a possibilidade de mais alunos terem acesso ao contacto e aprendizagem do instrumento.

Nesta investigação foi feita uma abordagem inicial ao processo de ensino do “*Pratic violão*” de forma a observar a postura dos alunos, quais suas dificuldades ou facilidades ao tocar o instrumento, perceber o que seria útil para ajudar na aprendizagem da viola acústica. Buscar, de forma cada vez mais constante, a interação entre os indivíduos, de forma a melhorar suas relações, quebrar as barreiras de preconceitos e estimular a conscientização da sociedade de que todos somos capazes, ao nosso tempo e ao nosso jeito.

Nesta investigação foi utilizada a metodologia qualitativa, com uma avaliação baseada em anotações, durante as sessões de música com alunos que apresentam necessidades específicas, portadores de Paralisia Cerebral (PC), em uma instituição. Além do ensino do instrumento musical houve toda uma estimulação social. Participar do cotidiano destes alunos foi importante para entender suas motivações, personalidades e estabelecer um vínculo entre as partes.

Proporcionar a estas pessoas autoconfiança, momentos de resiliência, empoderamento e autonomia de tocarem um instrumento, interagindo socialmente, a promover em seu cotidiano uma forma de serem capazes de superar suas batalhas interiores.

**Palavras-chave:** educação especial, música, violão, paralisia cerebral, *pratic violão*.

## Abstract

It has been studied that music can bring positive effects to individuals, supporting that being in touch with the musical universe leads to many benefits as: social development, cognitive, motor coordination and psychological.

This research has as objectives the learning of the instrument, the strengthening of the motor fitness through the practicing of the guitar utilizing the manual and the developing of its application within kids with Cerebral Palsy. The goals of this study overcome the traditional learning of musical instrument, aiming to provide more benefits to the students in some features that go beyond the classroom. Aware of this situation, it was designed the “*Pratic violão*”, a type of adapted tool seeking to expand the possibility of more students having access to the contact and the knowledge of the instrument.

An initial approach to the teaching-learning process of the “*Pratic violão*” was done, in a way to observe the students’ posture, its difficulties and facilities when playing the instrument and to realize what would be useful to help in the learning to play the acoustic guitar. Seeking to constantly increase the interaction between individuals in a way to strength the relationships, breaking down the barriers of prejudice and stimulating the awareness of the society that we are all capable, in our own timing and own way.

This research was done with a qualitative methodology, with students presenting Cerebral Palsy (CP), in an institution where besides teaching of musical instruments the social stimulation also happened. Participating in the daily life of this students was important for a better understanding of their motivations, personalities and to stablish a relationship.

Providing those students, self-confidence, resiliency, empowerment and autonomy of playing an instrument, socially interacting, promoting on their routine a way of winning their own battles.

**Keywords:** special education, music, guitar, cerebral palsy, pratic violão.

## Índice geral

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 Introdução .....</b>                              | <b>11</b> |
| <b>2 Enquadramento teórico.....</b>                    | <b>15</b> |
| 2.1 Processo de aprendizagem .....                     | 15        |
| 2.1.1 Ensino da música.....                            | 15        |
| 2.2 Modelo de inclusão .....                           | 18        |
| 2.3 Paralisia Cerebral .....                           | 19        |
| 2.3.1 Classificação – tipos de paralisia cerebral..... | 21        |
| 2.3.2 Etiologia .....                                  | 22        |
| 2.3.3 Motricidade Fina .....                           | 23        |
| 2.4 Produtos de apoio.....                             | 24        |
| 2.5 Tipos de produto de apoio.....                     | 25        |
| 2.5.1 Produtos de apoio para o ensino de música.....   | 26        |
| <b>3 Metodologia .....</b>                             | <b>28</b> |
| 3.1 Tipo de estudo .....                               | 28        |
| 3.1.1 Metodologia Qualitativa.....                     | 28        |
| 3.1.2 Metodologia avaliativa .....                     | 29        |
| 3.1.3 Investigação-acção .....                         | 31        |
| 3.2 Instrumento de estudo .....                        | 32        |
| <b>4 Dispositivo de apoio .....</b>                    | <b>32</b> |
| 4.1 Manual de apoio.....                               | 34        |
| 4.2 Período de voluntariado .....                      | 35        |
| 4.3 Participantes .....                                | 36        |
| 4.4 Critério de seleção dos participantes.....         | 36        |
| 4.5 Modelo de recolha de dados.....                    | 37        |
| 4.6 Sessões de música .....                            | 38        |
| <b>5 Resultados observados.....</b>                    | <b>39</b> |
| <b>6 Discussão.....</b>                                | <b>47</b> |
| <b>7 Conclusão.....</b>                                | <b>52</b> |
| <b>Bibliografia.....</b>                               | <b>54</b> |
| <b>Apêndices.....</b>                                  | <b>60</b> |

## Índice de apêndices

|  |     |
|--|-----|
| <b>APÊNDICE 1.</b> Termo de Consentimento Informado -----              | 61  |
| <b>APÊNDICE 2.</b> Sessões de música -----                             | 63  |
| <b>APÊNDICE 3.</b> <i>Pratic Violão</i> – Fotos do equipamento -----   | 70  |
| <b>APÊNDICE 4.</b> Livreto de auxílio -----                            | 72  |
| <b>APÊNDICE 5.</b> Foto da sala -----                                  | 94  |
| <b>APÊNDICE 6.</b> Estudante P.-----                                   | 95  |
| <b>APÊNDICE 7.</b> Estudante Z.-----                                   | 96  |
| <b>APÊNDICE 8.</b> Estudante R. -----                                  | 97  |
| <b>APÊNDICE 9.</b> Estudante A. -----                                  | 98  |
| <b>APÊNDICE 10.</b> Estudante A. C. -----                              | 99  |
| <b>APÊNDICE 11.</b> Estudante T. -----                                 | 101 |
| <b>APÊNDICE 12.</b> Estudante C. R. -----                              | 103 |
| <b>APÊNDICE 13.</b> Estudante J.-----                                  | 104 |
| <b>APÊNDICE 14.</b> Estudante Ra. -----                                | 105 |
| <b>APÊNDICE 15.</b> Descrição das aulas “ <i>Pratic Violão</i> ” ----- | 107 |

## 1 Introdução

Nesta investigação será analisada a relevância do dispositivo “*Pratic Violão*”, juntamente com seu manual de auxílio, criados com a proposta de oportunizar a aprendizagem da viola acústica a pessoas com necessidades educativas específicas.

Quando assumimos a posição de aprendizes podemos demonstrar diferentes formas de entender e apreender os conteúdos, a partir dos afazeres cotidianos ou em tarefas mais sofisticadas. É necessário percebermos que, como pessoas, temos distintas maneiras de absovermos conhecimento, e que tais maneiras dizem muito sobre a forma como enxergamos o mundo. Nestas diferenças, que nos tornam tão singulares, é onde encontramos nossas aptidões e preferências. Aplicar esta forma de percepção sobre o outro é importante, particularmente quando falamos e trabalhamos com educação especial. Desta forma nos é dada a oportunidade de entender e perceber, de maneira cuidadosa, a perspectiva de aprendizagem de cada aluno.

Além destas preferências por diferentes vertentes, existe também a particularidade do tempo que cada ser necessita para perceber e interiorizar conteúdos. Com isto é preciso dizer que ter sensibilidade e atenção, por parte do educador, para observar as variadas formas de compreensão do conteúdo entre os alunos é de suma importância. Isto pode tornar-se de grande utilidade e ajudar durante o processo de aprendizagem, pois com esta abordagem mais humana e observadora é onde flexibilizamos os conteúdos e damos a oportunidade para aqueles que aprendem de forma mais lenta possam estar em equidade com seus pares.

A convivência e experiência com estudantes com necessidades educativas específicas tem permitido perceber que se deve buscar ferramentas para maximizar a capacidade de aprendizagem, a fim de contemplar o maior número de indivíduos possível. Para esta condição existir, há de ter curiosidade e interesse por parte de quem ensina, acreditando na ideia de que todos têm direito ao conhecimento, por mais que existam barreiras para fazê-lo.

Trabalhar com a música em sala de aula possibilita uma série de atividades que, a partir da criatividade do educador, podem estimular o aluno e tornar-se uma ferramenta pedagógica. A aprendizagem do instrumento musical é uma destas possibilidades de trabalho, desde que haja interesse mútuo por parte do aprendiz e de quem ensina. Desta forma, esta investigação busca a otimização de uma ferramenta de ensino da viola acústica para alunos com necessidades educativas especiais.

Foi neste aspecto que surgiu o “*Pratic Violão*”, um dispositivo que visa, com uma nova abordagem, fazer com que alunos que tenham limitações na parte motora (ou cognitiva) possam ter acesso a aprendizagem da viola acústica. O conceito da criação deste dispositivo acontece por meio de um objeto adaptado (para a formação de acordes no braço da viola acústica) somado ao uso do livreto de auxílio (este apresenta a explicação de como utilizar o dispositivo, além de atividades musicais, juntamente com o repertório a ser trabalhado). Esta junção pretende trazer ao aluno a introdução a prática e conhecimento musical. O conjunto desta criação é voltado para os educadores instruírem seus alunos.

O “*Pratic violão*” pode revelar-se como facilitador para a aprendizagem do instrumento musical, pois o dispositivo possibilitaria uma compreensão menos abstrata sobre a formação dos acordes. Ao trabalhar com o livreto de apoio, juntamente do “*Pratic Violão*”, concebido para esta investigação, o aluno tem a possibilidade de, ao tocar a viola acústica: relacionar as cores aos acordes, exercer pressão sobre as cordas, aprender sobre as grandezas musicais, a trabalhar a autoestima do indivíduo, dentre demais fatores que podem promover ganhos para o mesmo.

Com o “*Pratic Violão*” a estratégia é treinar a memória motora do aluno e, com o auxílio do objeto elaborado, juntamente com o livreto de apoio, tentar maximizar os resultados da aprendizagem dos acordes. A ideia principal é tornar o aluno autônomo, para que, após memorizar as posições dos dedos, fique independente da utilização do objeto e toque o instrumento de forma autossuficiente.

Ao redor da questão da aprendizagem surge uma outra conotação a ser percebida: de que forma o aparelho pode levar a uma melhora nas competências que dizem respeito a motricidade fina, no aluno? Tendo como complemento, tal indagação põe em voga que, não somente aprender a parte prática do instrumento, mas potencializar os ganhos motores dos alunos, podem estar intrinsecamente ligados a temática explorada.

Sobre mais benefícios que a música pode proporcionar ao indivíduo com PC, Marques (2014) diz que o contacto destas pessoas com atividades musicais pode favorecer ao desenvolvimento de áreas sociais, físicas e psicológicas, influenciando em sua qualidade de vida. Desenvolver competências num âmbito motor através da música significa potencializar estas pessoas com PC em sua organização espacial, conhecimento do próprio corpo, equilíbrio (lateralidade), postura, desenvolver a expressão facial, controle da respiração; relativo ao desenvolvimento

psíquico/emocional fala-se no controle de estereotípias (movimentos repetitivos). Ligado ao social pode-se citar o envolvimento do indivíduo com o professor de música e seus pares, durante as atividades sugeridas. No quesito cognitivo pode-se destacar a memorização, concentração, conhecimento timbrístico (diferentes sonoridades), desenvolvimento da linguagem ou vocabulário. Nestes aspectos é preciso dizer que há no “Pratic Violão” uma expectativa para que o aluno, além de aprender a tocar o instrumento, trabalhe a música e seus benefícios, paralelamente.

## **Objetivos**

O objetivo geral deste trabalho visa conhecer de forma aprofundada a aprendizagem musical em crianças com necessidades educativas específicas, em especial no campo da Paralisia Cerebral e identificação das metodologias de ensino da viola acústica neste campo.

O objetivo específico prende-se, com o desenvolvimento e aplicação do “Pratic Violão” (manual e dispositivo), analisar um método de ensino de guitarra mais inclusivo, a identificar quais os pontos positivos que justifiquem sua utilização. A partir de sessões realizadas, uma vez por semana, com os utentes da instituição, perceber a evolução da aprendizagem do instrumento, potencializar as aptidões motoras através da prática da viola acústica, a utilizar o manual e desenvolver sua aplicação em pessoas com Paralisia Cerebral. Estas sessões funcionam como uma forma de avaliar, de maneira empírica e através de anotações, os resultados obtidos.

Como tal é esperado que ao longo das sessões sejam observadas melhorias a coordenação motora do aluno e se, principalmente, o estudo permitiu ao indivíduo a apreensão e competência de tocar viola acústica de acordo com a proposta e expectativas empregadas ao estudo, trabalhando além da coordenação motora o aspecto social e autónomo de cada aluno.

## **Hipóteses de estudo**

Tendo por base Marques (2014) e Santos (2016), estes afirmam que a proximidade das pessoas com necessidades educativas específicas através de atividades musicais podem favorecer ao desenvolvimento de áreas sociais, físicas e psicológicas, influenciando em sua qualidade de vida. Desenvolver competências num âmbito motor

através da música significa potencializar estas pessoas com NEE (necessidades educativas específicas) as seguintes hipóteses, dentro desta investigação:

1. A aplicação do “Pratic Violão” possibilita a aprendizagem dos acordes .
2. A utilização do “Pratic Violão” possibilita a autonomia do aluno na utilização da viola acústica.
3. As sessões em grupo e o vínculo com o professor facilitam a aprendizagem.

Tornar possível a aprendizagem da viola acústica para aqueles alunos com difícil capacidade de memorização, ou com dificuldades motoras, expandindo as possibilidades e ferramentas facilitadoras para um resultado onde haja ganhos para o aprendiz. Viabilizar a estes alunos a oportunidade de vivenciar a sensibilidade artística através da música, participando ativamente do fazer musical, descobrindo sons, acordes, texturas, aguçando e exercitando a criatividade.

## 2 Enquadramento teórico

O ensino de arte nas escolas e sua contribuição na vida dos alunos, a inclusão através da música e quais dispositivos musicais estão disponíveis para alunos com necessidades educativas específicas são questões de relevância para perceber a importância do ensino musical na vida destas pessoas.

### 2.1 Processo de aprendizagem

#### 2.1.1 Ensino da música

A música tem uma relação estreita com os primórdios da humanidade e das civilizações, seja em atos ritualísticos, religiosos ou comemorativos, como afirmam os autores Chiarelli e Barreto (2004). Ainda segundo o pensamento dos autores citados anteriormente, há vários estudos antropológicos sobre a música e sua representatividade perante nossos antepassados, então é certo que temos uma ligação profunda com a expressão musical.

Os benefícios do ensino musical têm se provado cada vez mais, de acordo com investigações e artigos publicados, por diversos professores e investigadores, ao redor do mundo, de acordo com Hummes (2014). Ainda sob a ótica da autora a música pode um viés de “uso” (determinado pela situação aplicada a ações humanas) e outro de “função” (as razões onde a música pode ser utilizada e seus propósitos).

Através do monitoramento cerebral, por meio de equipamentos e dispositivos tecnológicos, foi percebido que, a partir de estímulos musicais, diferentes áreas do cérebro são ativadas, principalmente quando o indivíduo toca um instrumento. Dentre estas áreas estão localizadas as partes linguísticas e matemáticas, além do desenvolvimento da memória, como afirmam **Fernandes e Rizzo** (2018). De acordo com os autores ainda não foi encontrado pela ciência uma atividade que trabalhasse de forma tão ativa as partes direita (responsável pela criatividade) e esquerda (responsável pela parte das ciências exatas) do cérebro.

Segundo os autores citados anteriormente, temos várias reflexões sobre música e sua função social, sendo listada em dez importantes fatores, como:

- a) expressão emocional e criatividade;
- b) prazer estético;

- c) entretenimento e comunicação;
- d) simbólica e representação de ideias e comportamentos;
- e) reação física e expressão de movimento corporal;
- f) validação das instituições sociais e dos rituais religiosos;
- g) manifestação de expressão cultural.

Nesta miscelânea de fatores, alguns, inclusive, citados anteriormente, esta função é atribuída a contribuição de uma estabilidade cultural, dando respostas ao que é certo e deve, ou não, ser seguido socialmente, junto da função de contribuição para a integração da sociedade (música como cooperação social, atraindo seus membros em prol de uma unidade ideológica). Sob esta visão antropológica, destacamos a música como um importante aglutinador social, tendo ao seu redor ligações ao comportamento humano e suas formas de expressão.

A música mostra-se intimamente ligada ao desenvolvimento da fala e cognição. Pedriva e Tristão (2006) retratam em seu estudo que música e fala são similares, por utilizar o som como principal aspecto, além destas informações sonoras serem recebidas pelo mesmo órgão do corpo humano, os ouvidos. Ainda neste estudo é dito que os códigos da fala e o musical possuem diferentes caminhos, ou seja, são interpretados de forma diferente. Porém, assim como a fala, a melodia é composta por curtos silêncios, diferenciados pelos padrões rítmicos. A vocalização está relacionada até mesmo a fatores histórico-biológicos, como instinto de sobrevivência, enquanto a música aborda elementos e aspectos culturais.

Associar o contacto do indivíduo com a música ao desenvolvimento do mesmo mostra-se mais presente, pois há uma série de estudos que buscam comprovar esta relação. Segundo Chiarelli e Barreto (2004), a música pode estimular o desenvolvimento cognitivo/linguístico ao trabalhar sonoridades e estimulando a parte auditiva, imitação e reprodução sonora, desenvolvimento sócio-afetivo e sensório-motor.

A performance musical está intrinsecamente ligada a uma série complexa de movimentos ligados ao sistema nervoso. Aliar precisão e velocidade exigem uma série de execuções importantes, atreladas ao sistema cognitivo e motor, envolvendo várias estruturas neurais. É somado a isto as adaptações a variadas formas e respostas diversificadas, durante a execução musical, tornando importante a plasticidade cerebral, segundo Pedriva e Tristão (2006).

A diversidade de sons percebidos por um indivíduo estimula uma grande área cerebral e ajuda a desenvolver a inteligência, como afirmam Pedriva e Tristão (2006). Quanto mais sonoridades diversas forem captadas, mais é latente a atividade cerebral para reter estas informações e mais desenvolvimento é estimulado. Esta investigação também relaciona a música a capacidade facilitadora de memorização. A música possui uma variedade de códigos, possibilitando o desenvolvimento intelectual daquele indivíduo, então a criança, ao entrar em contacto com o universo musical, tende a armazenar mais sonoridades em sua memória e isto é intensificado se esta mesma criança praticar um instrumento musical.

Existem relações entre os benefícios cognitivos e a música, como o processo de sequencialização, estabelecer relações entre itens (signos e símbolos), memorização entre outros ganhos. O estímulo musical traz mais descobertas quando o assunto é a neurociência, pois trabalha alturas, timbres, intensidades, memória musical, processos de imitação, expressão e demais funções psico-sociais, como nos relata as autoras.

Ao tratar da música na escola Pedriva e Tristão (2006) relatam que esta disciplina pode atribuir diversas competências (compreensão musical, ajuda na expressão e parte emocional, experiência cultural, concentração, aprendizagem, habilidades linguísticas, coordenação motora, sociabilidade, entre outras) através das vivências musicais. Ter na escola um ambiente musical pode favorecer positivamente, pois torna-se um lugar bom e alegre para as relações pessoais.

Ainda dentro da temática sobre música e escola, Rodrigues, Almeida e Souza (2019) constataram que aqueles alunos que eram envolvidos com atividades musicais dentro do ambiente escolar, em sua maioria, obtêm melhores resultados em seu desempenho escolar, na parte social, psicologia e de autoestima.

O cérebro humano encontra-se em constante processamento e armazenamento de informações, valorizando as tarefas que mais utilizamos diariamente durante nossas ações (ex: andar, conduzir, escrever), através das sinapses cerebrais (Amor, Rodrigues, Santos, Milani, & Vagenas, 2017). A plasticidade cerebral, ainda de acordo com os autores, é responsável por realizar novas sinapses a partir de estímulos ligados ao sistema nervoso, que reage a estes fatores ambientais, ajudando no desenvolvimento da percepção, mobilidade, cognição e comunicação do indivíduo, além de interiorizar, interpretar, memorizar e associar esta gama de informações que vivenciamos diariamente.

Ao tocar um instrumento musical dedicamos ao seu estudo uma série de movimentos corporais complexos, exercitando regiões diferentes do nosso cérebro, através da movimentação das mãos, a repetitividade dos exercícios ligados àquela atividade, a memorização que envolve a aprendizagem, todos estes fatores aliados a prática diária, desenvolvendo e estimulando capacidades neuromotoras. Estas atividades cerebrais, aliadas a música, estimulam áreas, algumas delas são o córtex pré-frontal (esta responsável pela criação e satisfação de expectativas), o córtex pré-motor (responsável pelos movimentos da dança e tocar um instrumento), o córtex sensorial (reação tátil quando o indivíduo toca um instrumento musical), o córtex auditivo (área responsável pela recepção e percepção sonora) e o córtex visual (leitura musical e associação dos símbolos), citadas por Amor *et al.* (2017).

## 2.2 Modelo de inclusão

De acordo com o decreto de lei 54 e 55/2018, as prioridades do governo em relação a inclusão pretende responder as especificidades e potencialidades das pessoas que necessitam de cuidados específicos, promovendo sua participação social, com equidade. Serem acompanhados por equipe multidisciplinar durante seu processo educacional, dando suporte para a aprendizagem destes indivíduos, valorizando e identificando as particularidades de cada aluno.

Ainda sob a luz deste decreto acima citado, a inclusão é de direito pleno e deve contemplar todos os alunos. A importância da família tem grande peso e poderá participar ativamente em reuniões, não atribuindo a responsabilidade somente à escola, mas dividindo experiências que serão relevantes para o desempenho e desenvolvimento do aluno. A **escola terá um papel, além do educacional, de disseminar** e construir uma cultura inclusiva, valorizando a diversidade e adequando seus conteúdos. Também vale ressaltar a importância de profissionais especializados para o trabalho com estes alunos, além de dispor de tecnologias de apoio para certas necessidades específicas.

Tendo como apoio o que cita o decreto de lei 54 e 55/2018, a tal cultura da inclusão precisa ser disseminada e reforçada no ambiente escolar, mas também extrapolar a estrutura física das instituições de ensino e ser aplicada em nosso cotidiano. Os aspectos humano, arquitetônicos, laborais e demais setores sociais necessitam ser adaptados para que todas as pessoas tenham equidade em seu cotidiano, ou seja, possam estar em igualdade perante as oportunidades disponibilizadas, juntamente com o direito

de ir e vir. É necessário trabalhar as competências destas pessoas, independente de suas necessidades específicas.

Outro aspecto importante que encontramos no decreto de lei 54 e 55/2018 e poderá ser aplicado a esta investigação seriam as relações interpessoais, pois através da música e da aprendizagem da viola acústica poderá ser oportunizado a prática em conjunto, onde o aluno terá acesso a partilhar as experiências com outros colegas, podendo ser acompanhado por outros instrumentos. Assim pode-se estabelecer a interação social, cultural por meio da música e das artes.

Falar sobre inclusão, e de que forma esta precisa ser implementada em nossa sociedade, precisa ser um assunto constantemente referenciado, principalmente ao falarmos em ensino. Há vários fatores que constroem uma cultura da inclusão e, dentro de sala de aula, o professor atua com uma ferramenta muito importante para este feito. Segundo Pacheco (1995), e os autores Mota e Lopes (2018), é necessário que o educador mantenha um pensamento a perceber o aluno com um indivíduo com suas próprias características e personalidade. Esta bidimensionalidade agregada ao aluno está relacionada aos fatores internos e externos de sua história, o contexto em que vive e sua forma de observar o mundo.

Ainda sob a ótica dos autores acima, esta compreensão do mundo do sujeito, no caso o estudante, oportuniza uma comunicação mais eficiente e certa identificação com o professor e com o conteúdo abordado por ele. Adaptar as formas em que se transmite conhecimento para situações concretas da vida do aluno, juntamente com um discurso didático pode tornar o ensino, de certa forma, necessariamente “desnormalizado”, contribuindo para uma prática variável e adaptável. A experimentação pode transformar o conteúdo a ser estudado em uma atividade reflexiva, relacionando os contextos pessoais destes alunos ao que será lecionado. Está também associado a prática do ensino os lados afetivo, emocional, detalhes importantes para o contributo da aprendizagem em sala de aula.

### **2.3 Paralisia Cerebral**

Segundo Leite e Prado (2019), em torno do ano de 1843 foi a primeira vez em que foi descrito o termo “encefalopatia crônica da infância”, associada a diferentes causas e características, somente em 1897 o psicanalista Sigmund Freud trouxe a expressão “Paralisia Cerebral”. Porém os autores Sassá, Silva e Teixeira (2016) afirmam que o termo foi dado por Freud, mas cimentado por Phelps, no ano de 1946.

Ainda de acordo com os autores acima citados, a paralisia cerebral (PC) apresenta desordens no âmbito da motricidade, movimento, equilíbrio, podendo acontecer no período pré, peri ou pós-natal – devido ao desenvolvimento anormal do cerebelo, falta de oxigenação no momento do nascimento (muito ligado a prematuridade), uso de fórceps, algum processo lesivo ou infecção cerebral. A PC pode ter um caráter de progressão rápida ou lentamente, com o passar do tempo, além de apresentar um atraso no desenvolvimento e reflexos básicos e primitivos, considerados anormais.

As manifestações clínicas da PC são variadas. A condição comum deste grupo condiz com anormalidades relacionadas a coordenação motora (postura ou movimento), com ou sem comprometimento cognitivo (Madeira e Carvalho, 2009). Há conflito entre autores quanto ao termo Paralisia Cerebral, pois o mesmo remete a uma disfuncionalidade geral da parte motora ou mental (o que generaliza de forma equivocada todos os casos de PC). Há ainda a afirmação de Silva e Marchese (2015), relatando a PC como uma alteração da parte motora, dificultando a movimentações destas pessoas, influenciando em sua funcionalidade cotidiana.

Outros estudos (Amor *et al.*, 2017) indicam que esta desordem pode causar diversas sequelas durante a vida do indivíduo, motivadas pelas lesões. Porém a neuroplasticidade é uma forma de diminuir o impacto destas sequelas através de estímulos sensoriais relacionados ao SNC, onde o indivíduo capta e armazena estas informações (ao sentirmos, olharmos, ouvirmos ou pensarmos), dando respostas aos estímulos fornecidos pelo ambiente.

Permanecendo sob a ótica dos autores acima citados, aqueles indivíduos acometidos pela PC tem um comprometimento do tônus muscular (hipotonia) devido às limitações motoras causadas pelo distúrbio, além de um relaxamento anormal (laxidão), tanto em repouso como em momentos de movimento ou atividade física. Isso dificulta tarefas cotidianas como verticalização ou marcha. Estas condições ainda podem ser acompanhadas, principalmente, por problemas auditivos, visuais, cognitivos, motores, de aprendizagem, intestinais, depressão ou posturais.

Amor *et al.* (2017) apresentam o sistema de classificação, o *The Gross Motor Function Classification System (GMFCS)* (Sistema de Classificação da Função Motora Grossa). Dentro desta classificação há cinco padrões de função motora relacionadas a PC. Esta escala GMFCS vai da numeração 1 a 5, e quão mais alto a numeração, maior o comprometimento motor destes indivíduos. Nos casos mais complexos são utilizados

equipamentos de apoio, seja para locomoção, atividades físicas ou circunstâncias cotidianas.

### **2.3.1 Classificação – tipos de paralisia cerebral**

Ainda sob a ótica de Sassá, Silva e Teixeira (2016), o principal aspecto da PC é o comprometimento da parte motora que, em grande parte dos casos, impedem a plena capacidade da realização de atividades cotidianas do indivíduo, tornando-o dependente do auxílio de terceiros para tais realizações, afetando seu desempenho funcional. Neste estudo dos autores é relatado dois processos classificatórios da paralisia cerebral: a disfunção motora presente (quadro clínico) e pela localização da região do corpo afetada.

Os autores Silva, Costa, Dias, Pacheco e Barbosa (2017), juntamente com a afirmação de Leite e Prado (2019), indicam que a manifestação das características da PC segundo a região corporal afetada são:

- a) Hemiplegia: o tipo mais comum, apresentando espasmos e paralisia em somente um lado do corpo e maior comprometimento dos membros superiores.
- b) Tetraplegia: acomete 9 a 43% dos indivíduos com PC. Pode ser acompanhada de epilepsia ou macrocefalia. Atinge os membros superiores e inferiores e a causa é por lesões medulares.
- c) Diplegia: acomete 10 a 30% dos indivíduos, com maior incidência em casos de prematuridade. Atinge os membros inferiores, apresentando a postura das pernas em formato de “tesoura” (síndrome de Little). Desde que seja diagnosticada de forma precoce (e dependendo da intensidade em que afeta o indivíduo) pode haver considerável redução dos sintomas, porém os cuidados precisam ser bem administrados, tornando a pessoa apta a adaptar-se ao cotidiano normalmente. Há casos em que o quadro é irreversível.
- d) Discinesia: a mais rara forma da manifestação da PC. Movimentos espasmáticos involuntários é uma característica fortememnte presente nestes casos.
- e) Ataxia: assim como o distúrbio motor citado anteriormente, a ataxia é mais um caso raro. É previsto nesta situação o comprometimento do equilíbrio ou, de forma menos comum, da coordenação motora.
- f) Formas mistas: 75% dos indivíduos com PC demonstram alguma forma de espasmo. A forma mista é a associação das manifestações anteriores.

Se menos frequente, podem ocorrer ainda manifestações de deficiência mental (30 a 70% dos casos), epilepsia (25 a 35% dos casos), distúrbios da linguagem, distúrbios visuais, distúrbios do comportamento e distúrbios ortopédicos, levando à necessidade de aplicação de produtos de apoio.

### **2.3.2 Etiologia**

De acordo com Rotta (2002), a PC, tanto sob a ótica etiológica quanto ao quadro clínico são relacionados ao comprometimento motor acompanhado de comorbidades.

A PC pode ocorrer nos períodos pré-natal, perinatal ou pós-natal. Neste contexto exponho a seguir o que Rotta (2002) apresenta como possibilidades da causa da PC nos indivíduos como estas causas. Na condição pré-natal pode dar-se por diminuição da pressão do oxigênio; diminuição da concentração de hemoglobina; diminuição da superfície placentária; alteração da circulação materna; tumores no útero; nó, má formação, prolapso, pinçamento ou cordão curto. Para as causas perinatais são apresentados três fatores: os maternos (idade da mãe, anomalias da placenta, cordão ou de contração uterina), os fetais (primogenidade, prematuridade, dismaturidade, gemelaridade, má formação fetal ou macrosomia fetal) e os fatores de parto (parto instrumental, anomalias de posição e duração do trabalho de parto). Para as causas pós-natais existe a anóxia anêmica, anóxia por estase, anóxia anoxêmica e anóxia históxica.

De acordo com Petan e Murata (2000) a PC apresenta uma série de limitações que podem abranger as áreas psicomotora (movimentação de forma desordenada), cognitiva (aprendizagem ou lado emocional), auditiva/visual, problemas na fala, entre outras formas que comprometem a plenitude da autonomia e convívio social.

No estudo de Madeira e Carvalho (2009) defende-se uma das causas, durante o momento do nascimento, um Apgar muito abaixo do esperado, mas também acompanhado de vários outros fatores que apresentam riscos para o desenvolvimento do indivíduo, além de outras complicações após o nascimento (e demais determinantes, como infecções no SNC ou a prematuridade, asfixia perinatal, meningite, traumatismos entre outros).

### 2.3.3 Motricidade Fina

Segundo Costa e Cavalcante Neto (2019), a motricidade fina refere-se à capacidade de controlar uma combinação de atividades de movimento de certas partes do corpo, aplicando a força mínima de modo a receber uma determinada resposta.

Papalia, Olds e Feldman (2001, citados por Caixinha, 2015) destacam que algumas atividades de vida diária, como apertar os cordões dos sapatos ou até cortar com uma tesoura, ficam bastante afetadas e envolvem a coordenação óculo-manual e de pequenos músculos, o que por sua vez, possibilita que a criança adquira maior responsabilidade por si própria.

É importante também referir, que o desenvolvimento da autonomia possibilita que a criança se torne, futuramente, mais independente, isto é, sentir e demonstrar-se capaz de realizar todas as atividades do seu dia-a-dia, visto que para desenvolver as suas futuras aprendizagens escolares, é essencial desenvolver as suas capacidades motoras, neste caso, a motricidade fina. Assim, a criança entende-se como uma mais-valia para a sua formação, tendo em conta as aprendizagens escolares em que a motricidade fina é indispensável (Caixinha, 2015).

A importância da motricidade fina aparece logo nos primeiros meses de vida, onde já se apresentam habilidades motoras (Coppede 2012), porém somente a partir dos dois anos é o período onde as crianças desenvolvem a maturidade do desenvolvimento, para permitir a aprendizagem da escrita, desenho, manuseio de objetos pequenos e demais atividades diárias.

Ainda dentro do ponto de vista do autor (Coppede 2012) a motricidade fina influencia diretamente no desempenho escolar uma vez que cerca de 30% a 60% das atividades diárias estão dependentes do auxílio da motricidade fina, sendo que quando o aluno apresenta dificuldades nesta área do desenvolvimento pode ser gerado uma série de frustrações e influenciar de forma negativa na criança durante o processo de aprendizagem com seus pares, principalmente a sua autoestima e autocompetência.

O atraso motor é uma forte característica da PC, seja em crianças ou adultos. Estes distúrbios motores podem causar sérios danos ao cotidiano do indivíduo, dependendo de sua gravidade, pois podem impossibilitar sua locomoção, causando alterações no tônus, alterações posturais ou de movimento (Rosa, Marques, Papst e Gobbi 2008). Nestes casos os indivíduos com PC têm a sua funcionalidade cotidiana

abalada, pois em alguns casos necessitam de auxílio para atividades diárias, comprometendo sua autonomia.

Muitos destes afazeres dependem da coordenação motora fina para o sucesso pleno ao realizá-los, como evidenciam os estudos de Mancini, Alves e Schaper (2004). Os autores informam-nos que a gravidade em que a PC acomete o indivíduo está diretamente ligada à sua funcionalidade cotidiana, quando citada a sua independência, principalmente para os casos mais extremos. Inclusive afetando suas relações interpessoais de interação com seus pares, seja por barreiras sociais de preconceito e exclusão, ou mesmo por limitações de locomoção relacionadas a fatores externos (arquitetônicos). Tais indivíduos necessitam, quando possível, de equipamentos adaptados, ajudando a minimizar seus déficits motores.

As crianças com PC, avaliados sob a ótica da motricidade fina (Mancini, Alves, Schaper, 2004), apresentam maior dificuldade no seu desempenho funcional nas tarefas como lavar as mãos, fechar a torneira, vestir, abotoar, fechar o fecho, pentear os cabelos, lavar o rosto, ou comer, entre outras atividades cotidianas). Tais atividades denotam, além de atributos manuais utilizando as duas mãos, exige-se também uma precisão postural por parte do indivíduo.

A PC (Mancini *et al.*, 2002; Rosa e Matos, 2017) acomete diferentes consequências, comprometendo o funcionamento integral do sistema músculo-esquelético, pois diferentes partes do corpo podem ser afetadas, o que pode ocasionar severa dificuldade relacionada a mobilidade e postura.

Estas limitações, se apresentarem uma maior gravidade, podem atrapalhar consideravelmente a rotina dessas crianças em atividades cotidianas, simples ou complexas, como o auto-cuidado (cuidados ligados a higiene pessoal), até o caminhar, brincar, frequentar o ambiente escolar, entre outros afazeres funcionais ou autônomos, como nos diz também Rosa e Matos (2017).

## **2.4 Produtos de apoio**

Para que pessoas com necessidades específicas tenham mais equidade socialmente (seja em sua locomoção, ferramentas de aprendizagem ou necessidades cotidianas) são concebidos produtos de apoio, ou tecnologias assistivas. Não somente a paralisia cerebral, como pessoas invisuais ou com determinadas limitações devem ter acesso aos equipamentos adaptados.

De acordo com Felicetti e Santos (2016) estas tecnologias influenciam na facilitação das habilidades diárias para estas pessoas com talheres adaptados, tecnologias para computadores ou softwares, próteses, acessibilidades através de projetos arquitetônicos, dentre outros, além dos tratamentos especializados de atendimentos terapêuticos. Para que este tipo de tecnologia seja implementado na vida das pessoas que necessitam deste auxílio é necessário que os profissionais desta área estejam capacitados e treinados a instruir sua utilização.

As autoras Fachinetti, Gonçalves e Lourenço (2017) informam que a criação de alternativas a partir destes produtos de apoio influenciam, positivamente, a vida escolar. Isto ocorre pois a autonomia do aluno é trabalhada, para que haja certa independência de seus cuidadores, sendo uma pessoa mais funcional naquele ambiente. Estas ferramentas assistivas visam promover tais funcionalidades através da interdisciplinaridade, com metodologias focando na qualidade de vida das pessoas que as utilizam. É afirmado pelas autoras que tais equipamentos, na qualidade de objetos inclusivos, obtêm excelentes resultados, pois os alunos tornam-se encorajados a realizar as atividades propostas, pois a possibilidade de sucesso é consideravelmente ampliada. Alunos que antes apresentavam um papel passivo em sala de aula, após o uso destas tecnologias, tornaram-se mais participativos.

Sob as afirmações de Heidrich, Branco, Mossman, Schuh e Jense (2016) existem jogos digitais e aparelhos adaptados aos sistemas de computadores, comandados por ondas cerebrais, que beneficiam pessoas com PC, com tecnologias interativas e inovadoras. Estas estratégias e criações de novas ferramentas e artefatos auxiliam na aprendizagem e estimulam o conhecimento.

## **2.5 Tipos de produto de apoio**

É visto que produtos de apoio e suporte para pessoas com necessidades específicas são de importante auxílio, pois influencia diretamente em como estes indivíduos interagem com o mundo ao seu redor, além tornar acessível certas tarefas cotidianas. Isso ocorre também com tecnologias de hardwares e softwares de computadores.

### 2.5.1 Produtos de apoio para o ensino de música

Com as tecnologias e, principalmente, a necessidade de produtos de apoio para pessoas com necessidades especiais, relacionados a música, é que estudos e criações têm sido construídos de forma a proporcionar a inclusão destes indivíduos.

Desta forma existem vários exemplos onde a música e a busca por formas alternativas para a aprendizagem desta disciplina superam as barreiras dos materiais existentes no mercado e são criadas maneiras de atingir os objetivos dos educadores musiciais. Nesta perspectiva Marcondes, Fillippo, Pimentel e Santos (2018) apresentam tapetes sonoros, onde os alunos necessitam da ajuda uns dos outros (a trabalhar a socialização) para a realização das atividades. Os tapetes emitem sons, pois estão ligados a placas sonoras que simulam timbres de eventos naturais (chuva, cães a ladrar, entre outros), como de instrumentos musicais (piano, percussão e variados). O corpo dos alunos, através de correntes elétricas ao pisar nos tapetes, tornam-se a ferramenta principal para a atividade.

Assim como esta investigação, existem estratégias para que haja ferramentas facilitadoras ao ensino de música para pessoas com necessidades específicas. Segundo Silva e Louro (2018) existem instrumentos criados, ou mesmo adaptações para auxiliar durante as aulas de música. Instrumentos eletrônicos, como um teclado adaptado para alunos que tem dificuldade na parte da coordenação motora.

É apresentado na investigação de Castro e Ferreira (2016) que há opções de softwares para pessoas com necessidades específicas em um contexto onde a música é inserida como forma de reabilitação. É visto também que softwares ligados as didáticas musicais contribuem para o ensino do violino, leitura de partitura e leitura ritmica. O programa de computador, somado a aprendizagem do violino, apresentou resultados positivos e estes alunos conseguiram desenvolver competências e tocar o instrumento.

As crescentes investigações sobre música e a necessidade dos materiais de apoio, ou de didáticas que realizem adaptações ao ensino musical para pessoas que necessitam de ferramentas de aprendizagem adaptadas, demonstram um interesse por parte dos educadores e sua preocupação com a inclusão. Em Carvalho Filho (2018) o autor nos insere em possibilidades didáticas e materias de ensino musical aos invisuais, através de atividades adaptadas a suas necessidades. Neste caso foi trabalhado o ensino da flauta doce, onde o investigador obteve bons resultados através destas adaptações.

Entre as ferramentas criadas para buscar soluções e materiais visando a inclusão no ensino da música é possível perceber que os estudos e investigações ao redor do tema são diversos. As soluções aqui citadas são apenas algumas das existentes, tendo como foco a aprendizagem por meio de uma didática adaptada.

Assim é necessário salientar que o “*Pratic Violão*”, ponto chave desta investigação, visa apresentar uma forma alternativa e inovadora para a aprendizagem da viola acústica, tanto voltado para alunos com necessidades específicas quanto para os demais usuários. O foco é que o ensino da viola acústica possa tornar-se acessível à partir deste método inclusivo, onde o lúdico une-se ao concreto para desenvolver as habilidades dos alunos para com o instrumento musical.

## 3 Metodologia

Para a aplicação do “*Pratic Violão*” foi necessário aplicar algumas atividades práticas, com os alunos da instituição. A ideia foi perceber de que forma estes alunos poderiam ser avaliados durante o percurso de investigação.

### 3.1 Tipo de estudo

A metodologia é entendida aqui como conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, indagando e questionando acerca de seus limites e possibilidades (Laranjeiras, Albuquerque e Fontes, 2011; Martins, 2004), são indispensáveis para orientação, instrumentação e sistematização das ações a realizar.

A partir das metodologias é possível coletar evidências do estudo, levantar questões, dados, informações, hipóteses, argumentos, teses e antíteses, a servir como um guia para as práticas pedagógicas nos trabalhos acadêmicos, como afirmam Laranjeiras, Albuquerque e Fontes (2011).

Para a realização deste estudo foi utilizada uma metodologia qualitativa e avaliativa, juntamente da investigação-ação, pois por tratar-se de uma investigação experimental foi preciso utilizar de diferentes metodologias em busca dos resultados obtidos.

#### 3.1.1 Metodologia Qualitativa

Numa investigação qualitativa há uma comunhão entre pessoas (estas, partes fundamentais para os objetivos a que se destina o estudo), é pautada por fenômenos humanos, portanto a tal importância das interações sociais durante o processo de recolha dos dados. É de muita valia ter sensibilidade e atenção, por parte do investigador, para, durante a investigação, perceber as nuances pertinentes e as conseguir traduzir em informações relevantes (Chizzoti, 2003; Mónico, Alferes, Castro & Parreira, 2017).

É comum que durante este tipo de investigação, enquanto é trabalhado o tema, apareçam outras indagações em seu percurso, pois a conjuntura variável das problemáticas pode expor o investigador a dificuldades, escolhas, erros e novos horizontes, além daqueles palneados inicialmente (Duarte, 2002).

São necessários parâmetros e critérios para a escolha dos sujeitos que participarão da investigação. A seleção destes é altamente relevante e se dá de acordo com a necessidade e prioridade da investigação, pois os resultados recolhidos são as

respostas para que o trabalho possa fundamentar suas ideias. As soluções para a problemática abordada dependem, fundamentalmente, dos resultados esperados, relacionados ao estudo e aos participantes (Duarte, 2002; Mónico, Alferes, Castro & Parreira, 2017).

As informações, recebidas através da investigação, coletadas, compiladas e fornecidas pelos participantes diretamente relacionados ao estudo, trazem as condições necessárias para que haja uma melhor percepção da realidade destes indivíduos. Perceber a forma com que os sujeitos submetidos num processo de investigação recebem estas informações e as devolvem como respostas, ou soluções, das questões abordadas durante o estudo, são aspetos importantes para a análise destes resultados. A forma com que se dá o contacto entre o investigador e os sujeitos contemplados pela investigação é de suma importância, já que esse elo poderá definir grande parte do sucesso dos resultados obtidos. Vale salientar que a postura do pesquisador influencia diretamente nas respostas fornecidas pelos sujeitos do estudo (Duarte, 2002).

Ainda de acordo com Duarte (2002), Com um carácter interpretativista a investigação qualitativa refere ao investigador como uma ferramenta de carácter ativo, dentro do estudo realizado. Ao aliar o conhecimento da prática cotidiana da docência, juntamente com a investigação dá origem ao termo professor investigador, entitulado e referenciado por Bortoni-Ricardo (2008). Esta condição de aglutinar a investigação a prática diária auxilia em perceber a problemática profundamente, onde o investigador pode observar as reações e realidades daquele contexto.

A seguir o mesmo raciocínio dos autores anteriormente citados, Ferreira (2015) afirma que a metodologia qualitativa apresenta a possibilidade de estudo empírico, com ênfase nos fatores sociais envolvidos a investigação, onde o investigador atua de forma direta, a observar os fenômenos que envolvem o estudo. Os dados são coletados de formas variadas, desde entrevistas a desenhos, fotografias ou maneiras distintas de documentar e registar para, posteriormente, analisar, de forma fidedigna, os resultados.

### **3.1.2 Metodologia avaliativa**

Avaliar não é um método atual, sendo que desde tempos remotos, no princípio da história humana já haviam testes ritualísticos, pondo à prova os seus participantes. Desta maneira, com a evolução social e pela forma como nos estabelecemos em nossa

sociedade, esta metodologia apresentou sofisticações, de acordo com a necessidade e aplicabilidade das formas de classificação, como relata Farias (2018).

O desenvolvimento da prática avaliativa (Ahlert 2002; Hoffman, 2015) exige uma visão ampla e detalhada da disciplina, de modo que se permita estabelecer relações entre as hipóteses formuladas e a cientificidade do conteúdo. É de costume relacionar avaliação com a ideia de classificação numérica, tornar exato alguns aspectos do comportamento humano, porém essa abordagem viabiliza o fortalecimento dos aspectos quantitativos em detrimento dos aspectos qualitativos.

Uma avaliação de qualidade e de credibilidade, depende da correção dos procedimentos de investigação, de uma correta execução da avaliação e do elevado nível qualitativo das informações conclusivas. Ahlert (2002) ainda relata que uma boa avaliação pode dar-se através da abrangência de alguns elementos que contribuam para uma forma concreta de aquisição de competências. Entender que cada indivíduo tem sua realidade pautada em diferentes ciclos sociais/culturais, buscando o equilíbrio entre educador e educando, tornando a avaliação uma ferramenta real de entender o desempenho dos alunos.

Segundo Farias (2018) a avaliação tem como principal função classificar, desde objetos, objetivos, pessoas etc. Em tal processo é necessário que exista uma constante prática, para que os resultados do produto final reflitam a realidade do que foi produzido durante o percurso de investigação. Desta maneira este método torna o educando uma peça fundamental, pois é nele onde observaremos os resultados, deduzir alternativas, perceber equívocos e buscar correções.

Ainda sob a perspectiva do autor citado no parágrafo acima, os educadores precisam estar abertos e perceber o contexto e cultura dos alunos, principalmente durante o processo de aprendizagem e avaliativo. Desta maneira é importante ater-se ao quanto importante é estar atento aos anseios e perspectivas dos educandos, pois isto pode tornar o processo produtivo, partindo do princípio em que ambos necessitam aprender um com o outro, em um envolvimento simbiótico. O autor atenta para que as avaliações se tornem práticas prazerosas, por parte dos alunos, com uma forma de aprendizagem menos cansativa e mais eficiente.

A avaliação desta investigação ocorreu de forma empírica e através de anotações, a sondar o desempenho e fatores de evolução relacionado aos alunos e sua aprendizagem da viola acústica com o “*Pratic Violão*”, juntamente do manual de auxílio. O investigador anotava observações importantes sobre a evolução dos utentes,

em um caderno. Estas atividades tinham relação com o conteúdo programado através do manual de auxílio, ou seja, a seguir o índice do mesmo.

### 3.1.3 Investigação-acção

A origem do termo deste tipo de estudo deu-se em 1944, por Jurt Lewin, qual os trabalhos tinham forte conotação em áreas sociais. Por meio deste segmento de investigação foram definidas noções que instruíram a área do estudo como decisões realizadas em grupo, percepção e engajamento em torno de uma problemática concreta e a estreita relação dos envolvidos com todo o processo investigativo. De forma natural esta forma de investigação chegou à área educacional. Existem correntes de pensamento sobre as possibilidades de estudos da investigação-acção, porém é importante ressaltar que todas são voltadas para a área social, como afirmam Cardoso e Rego (2017).

Ainda de acordo com os autores acima citados, é comum encontrar o foco dos estudos na problemática do cotidiano profissional, na expectativa de encontrar soluções de acordo com a reflexão estratégica do autor adepto desta linha de investigação. Juntamente destas reflexões surgem alvos fundamentais como: o conhecimento de determinada realidade social, a forma com que esta realidade pode ser modificada e como transformar os indivíduos integrantes desta.

Segundo Lourenço, Oliveira e Santos (2005) é definida como uma abordagem que se encaixa em investigações onde existam mudanças no aspeto social, um engajamento e envolvimento mútuo entre investigador e investigado. É afirmado pelos autores que nesta forma de estudo há uma flexibilidade em sala de aula, justificando a atenção social dada a cada um destes indivíduos, repetindo sua forma de lidar com a aprendizagem. Perceber como cada um destes alunos assimilam as informações, com o objetivo de que as práticas da investigação sejam utilizadas em seu cotidiano.

Ainda de acordo com os autores acima citados esta abordagem investigativa é acompanhada de descobertas e reflexões, atendo-se a necessidades reais dos participantes, encorajando e instigando os mesmos a partida de seus ganhos de competências.

Nesta forma de investigação Pires (2010) ressalta a importância da promoção criativa e da tarefa do docente como um provocador da reflexão. Tornar o aluno a ferramenta principal do estudo, onde, em grupo, é valorizada a interação social destes pares e com o próprio educador. É necessário estabelecer a problemática e objetivos

comuns ao grupo, visando melhorias na prática educativa. Um ponto importante é gerar um conhecimento prático a partir de uma forma natural do raciocínio.

Sob o mesmo raciocínio do autor acima, a investigação-ação exibe em sua atuação certa dimensão política, pois trata de questões da vida social, a apresentar projetos geralmente ligados a minorias (neste caso, pessoas com necessidades específicas). A persistência no estudo auxilia na maturidade das ideias, observação e análise dos dados, portanto é importante que a investigação tenha certo tempo de duração, para justificar suas conclusões.

### **3.2 Instrumento de estudo**

Para a aplicação do aparelho adaptado (*“Pratic violão”*) será necessário a participação ativa de pessoas com PC, da delegação regional da APPC de Faro, integrados nas atividades ocupacionais. Pretende-se entender de que forma a música pode influenciar nas competências motoras após o período de prática do instrumento e em como o equipamento desenvolvido pode possibilitar a aprendizagem da viola acústica. A observação de como estes indivíduos progredem em suas atividades diárias relacionadas a motricidade fina, se a adaptação é um benefício para a aprendizagem prático da viola acústica e como estas competências agregam valores na vida da pessoa que tem estas necessidades.

## **4 Dispositivo de apoio**

O *“Pratic violão”* é constituído sob as medidas feitas a partir de um violão em tamanho padrão. Tanto a espessura do equipamento quanto o posicionamento dos furos para o encaixe dos dedos partiram de uma estrutura de tamanho único, não havendo adaptações para outros tamanhos, no momento.

Cada acorde possui uma cor diferente, para identifica-los de uma forma lúdica e de fácil associação. A intenção é que o aluno inicie os estudos usando o *“Pratic violão”*, porém, após memorizar as posições dos dedos em determinado acorde, não seja mais necessário usar o dispositivo, procurando a autonomia destes indivíduos.

Uma vez que esta investigação é um estudo piloto/ pré-estudo, foram produzidos apenas dois dispositivos (ou acordes), o de dó maior e o de sol maior. A peça projetada para o acorde de dó maior tem cerca de 10,5 cm de tamanho, por aproximadamente 8,0 cm de altura e 3,5 cm de espessura. O objeto é composto por três orifícios onde serão

encaixados os dedos. Estes buracos estão organizados de tal maneira a que o aluno consiga, ao posicionar os dedos, formar o acorde em questão.

O molde do acorde de sol maior partilha das mesmas medidas da peça do acorde anterior, sendo 10,5 cm de tamanho, por aproximadamente 8,0 cm de altura e 3,5 cm de espessura. Os buracos para os encaixes dos dedos estão dispostos à partir do acorde de sol maior, ou seja, as posições dos dedos são diferentes das do acorde anterior.

Segundo Spinelli (2018) a memória representa uma parte importante de uma série de elementos que envolve a aprendizagem, prática e performance musical. Se tratando da viola acústica a memória muscular é de grande valia, pois é a partir desta competência que o instrumentista executa as músicas e apreende as informações pertinentes àquele instrumento. Ao vivenciar diariamente, ou mesmo semanalmente, o estudo da viola acústica, é suposto que o indivíduo guarde estas informações a cada contacto durante as aulas, ou no estudo em casa. É assim com nos relata, também, Costa e Ying (2017), salientando que a memória motora é de suma importância quando se implica a aprendizagem de um instrumento.

De acordo com Chaffin, Logan e Begosh (2012) a utilização da memória motora em relação à música apresenta-se quando, durante a prática musical, os movimentos são executados de forma automática, envolvendo respostas sensoriais. O autor ressalta que os músicos consideram a sensação da memória motora estar diretamente em suas mãos, tratando este tipo de competência quase de forma inconsciente ou implícita a prática instrumental.

Deste modo, a utilização dos moldes visa facilitar para o aluno o formato do acorde que será aprendido, direcionando a posição dos dedos, servindo como um tipo de guia e delimitador espacial para os dedos. A função da peça foi designada para ajudar na memorização, noção espacial, porém, com o objetivo final em que o objeto seja, gradativamente, retirado da aprendizagem. Pretende-se com isto que o aluno consiga as competências necessárias para memorizar as posições pertinentes para os acordes estudados e com isso ter sua autonomia ao tocar o instrumento (Consultar Apêndice 3, p. 70).

Em relação a vivência com música, um dos fatores benéficos relacionado a aprendizagem musical é a qualidade de vida, como nos relata Amor *et al.* (2017). Sob a ótica do trabalho destes investigadores o termo qualidade de vida nos é informado como uma percepção do indivíduo como parte integrante do meio onde se vive, estando integrado e participando culturalmente, ativamente com suas expectativas e objetivos,

sendo, neste sentido, algo subjetivo que é almejado por todas as pessoas, com diferentes percepções e motivações. O fato é que a qualidade de vida pode ser deixada a mercê no caso de pessoas com limitações físicas ou cognitivas, pois estes necessitam de ajuda especializada para obtenção de seu desenvolvimento e relacionamento social. A música pode estimular a interação destas pessoas através de suas emoções, em sua vida social, em seu desenvolvimento neuromotor entre demais benefícios.

Conectando música e PC a investigação dos autores sugere que o andamento musical, tonalidades maiores ou menores, ritmos suaves ou até mesmo timbres de instrumentos podem causar influência naqueles indivíduos com diferentes tipos de paralisia cerebral. A música assume características que promovem relaxamento, ameniza as aflições emocionais, desenvolve a coordenação motora simples e complexa além da concentração e memorização.

#### **4.1 Manual de apoio**

A confecção deste material de apoio foi designado tendo como base os anos de experiência profissional, lecionando guitarra elétrica e acústica para crianças, adolescentes, adultos, idosos e pessoas com necessidades específicas (em sua maioria, neste caso, crianças e adolescentes). Foram compilados nas páginas do livreto o conteúdo que se faz pertinente a aprendizagem, de forma simples, básica e objetiva, da viola acústica. Valoriza uma forma lúdica e acessível para o público alvo desta investigação: pessoas com PC e que possuem certo déficit cognitivo ou motor.

O manual de apoio tem, para esta investigação, 22 páginas em seu total e funciona como um facilitador dos objetivos previstos para a utilização do “*Pratic violão*”. O conteúdo apresenta alguns conceitos básicos sobre conhecimento musical, como os parâmetros do som, escalas, tom/semitom, formação de acordes, procedimentos para tocar, de forma funcional, o instrumento. Foi definida a ordem cronológica do conteúdo do manual a partir dos meus critérios vivenciados durante a experiência como professor de viola acústica, abordando aquilo que encontro como pontos principais para tornar a tocabilidade do instrumento da maneira mais funcional possível. As ilustrações apresentadas no livreto são todas de autoria do idealizador desta investigação, portanto, todo o material foi produzido por minha autoria intelectual.

No índice é apresentado o conteúdo que os alunos irão estudar durante a investigação. O documento pode ser consultado em por menor no apêndice (Ver Apêndice 4, p. 72).

## 4.2 Período de voluntariado

Para haver uma familiarização com o cotidiano da instituição e com seus utentes, foi iniciado um voluntariado na APPC Faro a partir do fim de setembro do ano de 2018 até início de janeiro de 2019. Durante este período houve em contacto semanal (e em alguns momentos, diário) com monitoras e utentes, com a intenção de conhecer e participar das atividades e assim, desta maneira, estabelecer um vínculo entre profissionais e alunos. Nestes meses em que houve as sessões como voluntário na instituição foram realizadas atividades musicais, além de um trabalho junto com a equipe, auxiliando na parte musical de peças de teatro e apresentação de Natal.

O voluntariado não está diretamente associado à investigação nem foi um objetivo inicial desta. Contudo, esta informação foi incluída e detalhada pela importância que a familiarização e conhecimento dos intervenientes teve nas estratégias de ensino-aprendizagem e capacidade de interação dos participantes no estudo.

Estas atividades foram registadas de forma escrita e serão relatadas nesta investigação, como forma de coleta de dados, utilizando seus resultados para auxiliar na compreensão das atividades musicais e sua influência sobre os utentes.

Logo no início do voluntariado já havia decidido fazer a investigação na instituição, portanto as aulas foram direcionadas pensando em como poderiam contribuir para a investigação e para aqueles alunos presentes nas salas em que as atividades foram realizadas. Houve uma visita a instituição, por parte do investigador, um dia antes de iniciar o trabalho como voluntário para conversar com as monitoras, conhecer as salas e saber, dentro das possibilidades permitidas, quem eram os alunos e suas predileções. Concluiu-se que, naquele determinado momento, não havia nenhum voluntário na parte musical, o que possibilitou ter mais liberdade para apresentar atividades pensadas pelo investigador, sem influência de terceiros.

Ter contacto direto com os alunos auxiliou em saber aquilo que gostavam, se identificavam, ou seja, suas predileções musicais (desde sons, músicas, estilos musicais). Aqueles alunos que eram oralizados conseguiam expressar suas preferências, enquanto para os demais, que não podiam se comunicar por forma oral, houve a ajuda dos profissionais que os acompanham diariamente e os conheciam, tanto intermediando a comunicação, como oferecendo sugestões (ver os pormenores no Apêndice 2, p. 63).

### **4.3 Participantes**

No total participaram nove alunos, neste projeto. Houve a participação, consentida pelos pais. Estes terão suas identidades preservadas, recebendo apenas siglas por seus nomes, de acordo com o sigilo proposto aos pais para a realização da investigação. Participaram no estudo 10 utentes da APPC, com idades compreendidas entre os 17 e os 40 anos e que serão identificados apenas pelas iniciais do primeiro nome. Ao conversar com a coordenação falamos sobre informar, tanto aos pais quanto aos alunos para que lhes fosse explicado sobre a proposta das aulas de viola acústica (Ver apêndice 1, p. 61).

### **4.4 Critério de seleção dos participantes**

A escolha dos alunos aconteceu de acordo com alguns fatores importantes e relevantes, para o estudo abordado, através de um trabalho prévio de voluntariado e de uma reunião com a direção da APPC. Estes fatores observados para a seleção dos participantes deram-se a partir de aptidões motoras e cognitivas. Os alunos precisavam de mobilidade o suficiente para que pudessem tocar a viola acústica (mover bem os braços, mãos e dedos das mãos, sem uma rigidez muito acentuada) além de apresentar um bom nível de compreensão cognitiva.

Durante os cinco meses de trabalho voluntário foi possível contactar com os alunos, a observar suas aptidões, destacadas no parágrafo acima, e quais seriam aqueles que estavam aptos a participar da investigação. Nestas sessões, durante e após os meses de trabalho voluntário, estive sob constante conversa e trocas de informações com professoras e monitoras, dividindo experiências e falando sobre os alunos que escolhia para o estudo.

Assim foi possível estabelecer uma vivência em suas atividades institucionais, criar um vínculo afetivo com estes alunos, entender minimamente suas dinâmicas diárias e certas predileções musicais. Foi observado e compreendido quais os estudantes que estavam aptos para a realização do estudo sobre o material confeccionado para este trabalho, apresentando uma capacidade mínima para a aprendizagem do instrumento musical a ser lecionado durante a investigação.

Foi realizada uma reunião com a coordenadora da delegação da APPC Faro, que auxiliou na seleção dos participantes. Esta seleção contou com a ajuda, também, das professoras e monitoras que conheciam em detalhes as aptidões dos alunos

selecionados. Portanto o processo de seleção dos participantes foi feito pela direção da instituição, tendo em conta o conhecimento sobre suas realidade e limitações.

O processo final foi distribuir os termos de consentimento informado, com o auxílio da coordenadora, para que os pais pudessem tomar conhecimento e autorizar, previamente, a participação. A junção entre a experiência do trabalho voluntário, unido com o parecer dos profissionais responsáveis pelos alunos foi o necessário para chegarmos a conclusão daqueles que participariam da investigação.

#### **4.5 Modelo de recolha de dados**

A partir do início investigação, portanto, logo que começamos as aulas de viola acústica com os participantes foi iniciada a recolha dos dados. Estas informações coletadas aconteceram por meio de anotações em um caderno do professor e de forma empírica. Por se tratar de uma forma mais sucinta, o cotidiano e o empírico foram dominantes para o processo avaliativo, ou seja, uma avaliação a partir de respostas e estímulos provocados pelo professor. Estes estímulos serviram para perceber se o aluno conseguiu entender o conteúdo ministrado durante as aulas a partir das perguntas feitas pelo mediador.

Para interpretar se os alunos conseguiam perceber sobre o conteúdo visto em sala, ao fim das aulas o professor comentava e perguntava sobre o assunto em questão, aprendido no dia. Estas informações de cada aluno eram anotadas no caderno de anotações, como uma frequência, utilizada como forma de avaliar o conhecimento dos mesmos.

Era de costume que na aula seguinte sempre eram revistos conteúdos da sessão anterior. Isto acontecia tanto para perceber quais daqueles participantes estavam a assimilar bem o conteúdo, como para cimentar aqueles que já haviam percebido bem as explicações sobre as aulas de música e viola acústica.

A partir do assunto existente no manual de auxílio, elaborado pelo professor, eram feitas perguntas sobre as temáticas das aulas, tendo como referência o conteúdo programático do índice deste manual. Por exemplo, numa aula era abordado o assunto “escalas maiores”, eram feitas perguntas sobre esta temática e assim acontecia com os demais conteúdos perencentes ao manual.

Em todas estas situações o professor anotava em seu caderno (que servia como um diário de aulas), as ações e evoluções dos alunos. Assim foi possível perceber quais aqueles estavam a apresentar aspectos de aprendizagem.

#### **4.6 Sessões de música**

Cada sessão estava organizada em assuntos pertinentes, tanto a aprendizagem teórico musical quanto o da viola acústica (ambos de forma básica, acompanhando o conteúdo empregado no manual de auxílio elaborado). As atividades decorreram no ginásio da instituição, onde havia ali a disponibilidade de cadeiras e amplo espaço, sendo um lugar confortável para as aulas (Apêndice 5, p. 94).

A sala foi organizada de forma que os alunos pudessem ter um contacto próximo ao professor, tornando o ambiente leve e informal. Os alunos sentaram em frente a minha pessoa, e todos ficamos no mesmo nível de visão, pois as sessões foram ministradas com o investigador sentado (e quando necessário levantava para auxiliar o aluno a segurar a viola acústica, ou orientar algum movimento específico).

O investigador estruturou o ambiente onde as aulas aconteceriam e o material a ser utilizado, levados por conta própria, que contou com dois violões (um para ser dividido entre os alunos, já que são turmas pequenas, de no máximo dois ou três indivíduos), sendo um de cordas de nylon (voltado para os alunos, por serem mais macias ao pressioná-las no braço do instrumento) e outro com cordas de aço (usado pelo professor, para demonstrações portuais e de como as atividades seriam postas em prática). Além dos violões o investigador levou consigo um quadro branco (para as explicações e desenhos explicativos), instrumentos de apoio (percussões ou instrumentos que auxiliavam para a aprendizagem e acompanhamento das músicas e atividades), um caderno para anotações pessoais e o manual do “*Pratic violão*”, elaborado para a utilização durante as aulas.

O conteúdo foi dividido por sessões de trinta minutos, com participação de um a três alunos ao mesmo tempo. Foi organizada uma ordem de forma organizada para as sessões de acordo com a disponibilidade dos alunos relacionada as atividades dentro da instituição. Este calendário de atividades ficou previsto para os meses de fevereiro, março e abril, do ano de 2019, sempre na quinta-feira, das 9:30 ao 12:30. A descrição pormenorizada das atividades está disponível na pagina 107, apêndice 15.

## 5 Resultados observados

Durante toda a investigação o foco foi perceber se o “*Pratic Violão*” tinha real relevância para o aprendizado da viola acústica e se os alunos conseguiam, na prática das sessões, aprender música e tocar o instrumento.

Ao fim da investigação foram coletadas as informações gerais de cada aluno participante, a fim de analisar seus desempenhos, tanto no quesito social, quanto musical e quais os resultados obtidos com a utilização do “*Pratic Violão*”. A intenção é perceber se houveram benefícios com as aulas de música e a aprendizagem do instrumento, durante o tempo da investigação.

Para demonstrar melhor os resultados escritos foram divididos os aspectos musicais em teóricos e práticos, pontuando em cada um deles o que percebi como desenvolvimento do aluno citado. Antes destes aspectos teóricos e práticos, serão apresentados breves comentários sobre o aluno.

Todas as atividades abaixo seguem o “Manual de auxílio” e foi trabalhado em sala, por uma questão de tempo de investigação, o acorde de dó maior, sendo este o foco da avaliação da aprendizagem, entre outros aspetos pertinentes a prática do instrumento. É importante salientar que este não é um estudo normativo da viola acústica. O material relacionado a prática é adaptado e o tempo para a assimilação da teoria pode variar de acordo com cada aluno. A intenção não é seguir um cronograma perfeito para que haja a aprendizagem, mas sim se utilizar do material feito para esta investigação e, com isto, conseguir os melhores resultados possíveis de cada indivíduo.

Existem duas tabelas, onde a primeira apresenta breves informações sobre a aprendizagem dos alunos ao fim da investigação. A outra trabela informa o rendimento por parte destes alunos. A classificação e a assimilação do conteúdo visto em sala com os alunos, presentes na segunda tabela, foram divididos como: aprendeu (compreendeu e cimentou bem o que foi visto), aprendeu parcialmente (conseguia fazer, porém necessita de mais treino para que fosse plenamente assimilado) e não aprendeu (quando não conseguiu, ou não tivemos tempo para desenvolver mais o assunto).

**Tabela 5.1****Aprendizagem ao fim da investigação**

As anotações das sessões e processo de desenvolvimento de competências/ aprendizagem dos participantes pode ser consultado nos apêndices 6 ao 14, nas páginas 95 a 105.

| Participante  | Notas auxiliares durante as sessões  |
|---------------|--|
| Sujeito P.    | <p>Facilidade e disposição para a aprendizagem da música e da viola acústica. Assiduidade nas aulas e empenho para realizar as atividades propostas.</p> <p>Socializou com o professor, criou um vínculo, ao demonstrou contentamento em participar das aulas. Com a vontade que o P. apresentava ao participar das aulas e com mais tempo de treino, o aluno conseguiria tocar a viola acústica.</p>  |
| Sujeito Z.    | <p>Boa participação durante as aulas, porém necessita de mais tempo para começar a demonstrar resultados. É necessário trabalhar a compreensão teórica e prática, dar ao aluno oportunidade de conhecer e desenvolver mais as habilidades pertinentes para tocar a viola acústica.. O vínculo professor/aluno foi muito bem estabelecido.</p>  |
| Sujeito R.    | <p>Apresentou excelente resultado relacionado a teoria musical. Já conhecia a escala de dó maior, portanto, já estava previamente familiarizado com os nomes das notas. Entendeu bem as diferenças sonoras e alturas das notas na escala (sons graves e agudos), conseguiu perceber como é feita a formação do acorde e compreendeu bem a parte rítmica.</p> <p>Apresentava certa dificuldade em pressionar as cordas com os dedos da mão esquerda e, ao mesmo tempo, dedilhar as cordas com a mão esquerda (confundia este movimento, hora esquecendo de pressionar bem os dedos, hora perdendo o ritmo da mão esquerda). Há grande potencial para que este aluno consiga entender a mecânica de como tocar a viola acústica.</p> |
| Sujeito A.    | <p>Há uma grande facilidade para a prática do instrumento, pois o aluno desenvolveu bem a parte teórica e ainda melhor a parte prática. Além de compreender bem a teoria vista por nós em sala de aula o aluno apresentou uma facilidade relacionada a posicionar e pressionar os dedos da mão direita e tocar bem o ritmo com a mão esquerda. O aluno pediu para seus pais comprarem uma viola acústica.</p> <p>Há grande potencial neste caso e acredito que resultados mais satisfatórios e em curto prazo não demorariam a surgir.</p> <p>Houve, por motivos que desconheço, muita ausência deste aluno durante a investigação, faltando a parte das sessões de música.</p>  |
| Sujeito A. C. | <p>Aqui há um outro caso de um desenvolvimento extremamente fluido e rápido. Esta aluna apresenta uma grande facilidade para a aprendizagem do instrumento. Tive a experiência de observar esta aluna a tocar instrumentos percussivos e percebi que a mesma apresenta muita facilidade rítmica e musicalidade. Com a prática da viola acústica não foi diferente.</p>   |

Continua

|                      |  |
|----------------------|--|
|                      | <p>Durante o desenvolvimento da parte teórica existia ali certa dificuldade em assimilar os conteúdos, porém na parte prática esta aluna apresentou uma compreensão rápida e certa. Pressionava bem os dedos da mão esquerda, tinha uma fluidez rítmica e conseguia, assim, uma tocabilidade muito interessante.</p>   |
| <p>Sujeito T.</p>    | <p>A aluna apresenta um pouco mais de dificuldade para a assimilação de conteúdos práticos, porém conseguiu melhor resultado quando aprendemos a parte de teoria musical.</p> <p>Para este caso acredito ser necessário mais tempo, com persistência, para alcançarmos resultados mais significativos. A aluna memorizou muito bem as notas da escala de dó maior, as partes da viola acústica, as posições das mãos e dos dedos e compreendeu bem a parte rítmica.</p> <p>Durante a prática instrumental a aluna não conseguia segurar a viola acústica com firmeza, por uma questão fisicopostural. Para que melhorasse a prática foi lhe posto um apoio para elevar a altura dos pés, ajudando em sua postura para agarrar ao instrumento. Pressionava bem o dedo nas cordas (mão esquerda), mas confundia bastante a mão responsável pelo ritmo (mão direita) e, em muitas das vezes, não conseguia dedilhar bem estas cordas.</p>   |
| <p>Sujeito C. R.</p> | <p>A aluna apresenta uma ótima postura para segurar o instrumento, porém, além de ter faltado a várias sessões, acredito que o tamanho da viola acústica teria que ser menor, devido a baixa sua estatura.</p> <p>Foi difícil perceber o quanto a C. R. conseguiu desenvolver na parte teórica, pois, por ser muito tímida, estava sempre muito calada. Era sempre simpática, cumprimentava o professor com muita simpatia, mas durante a aula, mesmo se sugestionada a falar o fazia muito pouco.</p> <p>Relacionado a parte rítmica tive a oportunidade de observar a aluna a tocar instrumentos percussivos e a mesma apresenta muita aptidão neste quesito.</p>  |
| <p>Sujeito J.</p>    | <p>Esta aluna apresentava certa baixa autoestima e isto, em alguns momentos, impediu que a aprendizagem do instrumento fosse mais efetivo.</p> <p>Para a teoria musical a aluna apresentava bom desenvolvimento, entendendo bem o que foi estudado em sala. Apresentava uma boa memória, lembrando bem do conteúdo visto na sessão anterior e, a cada acerto, o professor sempre a elogiava e mostrava que sua capacidade de aprendizagem era muito boa.</p> <p>Na prática a aluna desenvolvia muito bem a pressão dos dedos, sincronizava bem o movimento das mãos com a parte rítmica e tinha facilidade para compreender os sons e sua dinâmica (rápido/lento/forte/fraco). Em algumas das sessões se dizia incapaz de conseguir, porém era sempre muito motivada pelo professor, além de demonstrar realmente grande capacidade durante a aprendizagem do instrumento.</p> <p>Há muita possibilidade de aprendizagem por parte da aluna, na parte teórica e prática. Com uma aprendizagem bem direcionada a aluna pode evoluir bastante.</p> |

Continua

|             |   |
|-------------|---|
| Sujeito Ra. | <p>O aluno foi indicado por uma professora a estar presente durante esta investigação, pois especificamente com o Ra. eu nunca havia tido contacto, durante o tempo em que fiz voluntariado. Porém, sabendo de sua capacidade a professora sugeriu ao professor para que o aluno fosse introduzido na lista daqueles que iriam para as aulas de viola acústica.</p> <p>Na primeira aula esta professora entrou em sala acompanhando o aluno, para que o mesmo pudesse ficar mais encorajado, além de fazer a ponte para iniciarmos o vínculo. Nas próximas sessões que se seguiram o aluno passou a ir sozinho, acompanhado apenas de suas colegas de turma, que também participavam das aulas. O resultado chegou a um ponto em que, mal o professor de música batia a porta de sua sala, o aluno já corria para chegar no espaço onde eram realizadas as aulas de viola acústica, para chegar primeiro (sempre animado e com vontade de participar, bem diferente da primeira aula).</p> <p>Considero que este foi um grande avanço, pois o aluno saiu de um estado de rejeição a aprendizagem para uma situação onde estava cada vez mais motivado a aprender e participar. O vínculo com o professor foi bem estabelecido e o Ra. ficou aberto para o conhecimento, fator que considero o mais importante para que haja sucesso durante as aulas.</p> |
| Sujeito D.  | <p>Infelizmente este aluno foi somente a primeira sessão, pois faltou todas as aulas que se seguiram (nem na instituição eu o encontrava, portanto estava a faltar as demais aulas também).</p> <p>Não há como avaliar, neste caso, pois não tivemos contacto o suficiente para que seja dito algo com precisão.</p>  |

**Tabela 5.2**

**Sobre o rendimento dos alunos**

| Alunos | Teoria                                 | A | AP | NA | Prática                                     | A | AP | NA |
|--------|--|---|----|----|---|---|----|----|
| P.     | Partes viola acústica                  | X |    |    | Agarrar o instrumento/postura               | X |    |    |
|        | Organização dedos                      | X |    |    | Pressionar cordas (mão esquerda)            |   | X  |    |
|        | Escala de dó maior                     | X |    |    | Ritmo (mão direita)                         |   | X  |    |
|        | Compreensão rítmica                    |   | X  |    | Pressionar e tocar as cordas                |   | X  |    |
|        | Acorde de dó maior                     |   | X  |    | Tocar e utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ” | X |    |    |
|        | Utilização do “ <i>Pratic violão</i> ” | X |    |    | Não utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ”     |   | X  |    |

Continua

|    |  |   |   |   |   |   |   |
|----|--|---|---|---|---|---|---|
|    | Sons graves e agudos                   | X |   | Tocar uma nota do acorde                    | X |   |   |
|    | Sons fortes e fracos                   | X |   | Tocar duas notas do acorde                  |   | X |   |
|    |  |   |   | Tocar o acorde completo                     |   |   | X |
| Z. | Partes viola acústica                  | X |   | Agarrar o instrumento/postura               |   | X |   |
|    | Organização dedos                      |   | X | Pressionar cordas (mão esquerda)            |   | X |   |
|    | Escala de dó maior                     |   | X | Ritmo (mão direita)                         | X |   |   |
|    | Compreensão rítmica                    |   | X | Pressionar e tocar as cordas                |   | X |   |
|    | Acorde de dó maior                     |   | X | Tocar e utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ” | X |   |   |
|    | Utilização do “ <i>Pratic violão</i> ” | X |   | Não utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ”     | X |   |   |
|    | Sons graves e agudos                   |   | X | Tocar uma nota do acorde                    |   | X |   |
|    | Sons fortes e fracos                   | X |   | Tocar duas notas do acorde                  |   |   | X |
|    |  |   |   | Tocar o acorde completo                     |   |   | X |
| R. | Partes viola acústica                  | X |   | Agarrar o instrumento/postura               | X |   |   |
|    | Organização dedos                      | X |   | Pressionar cordas (mão esquerda)            |   | X |   |
|    | Escala de dó maior                     | X |   | Ritmo (mão direita)                         |   | X |   |
|    | Compreensão rítmica                    |   | X | Pressionar e tocar as cordas                |   | X |   |
|    | Acorde de dó maior                     |   | X | Tocar e utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ” | X |   |   |
|    | Utilização do “ <i>Pratic violão</i> ” | X |   | Não utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ”     | X |   |   |
|    | Sons graves e agudos                   | X |   | Tocar uma nota do acorde                    | X |   |   |
|    | Sons fortes e fracos                   | X |   | Tocar duas notas do acorde                  | X |   |   |
|    |  |   |   | Tocar o acorde completo                     |   |   | X |
|    | Partes viola acústica                  | X |   | Agarrar o instrumento/postura               |   |   | X |
|    | Organização dedos                      | X |   | Pressionar cordas (mão esquerda)            |   |   | X |

|       |  |   |   |   |   |   |   |   |
|-------|--|---|---|---|---|---|---|---|
| A.    | Escala de dó maior                     | X |   |   | Ritmo (mão direita)                         |   |   | X |
|       | Compreensão rítmica                    | X |   |   | Pressionar e tocar as cordas                |   |   | X |
|       | Acorde de dó maior                     |   |   | X | Tocar e utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ” |   |   | X |
|       | Utilização do “ <i>Pratic violão</i> ” | X |   |   | Não utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ”     |   |   | X |
|       | Sons graves e agudos                   |   | X |   | Tocar uma nota do acorde                    |   |   | X |
|       | Sons fortes e fracos                   | X |   |   | Tocar duas notas do acorde                  |   |   | X |
|       |  |   |   |   | Tocar o acorde completo                     |   |   | X |
| A. C. | Partes viola acústica                  | X |   |   | Agarrar o instrumento/postura               |   |   | X |
|       | Organização dedos                      | X |   |   | Pressionar cordas (mão esquerda)            |   |   | X |
|       | Escala de dó maior                     |   | X |   | Ritmo (mão direita)                         |   |   | X |
|       | Compreensão rítmica                    | X |   |   | Pressionar e tocar as cordas                |   |   | X |
|       | Acorde de dó maior                     |   |   | X | Tocar e utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ” |   |   | X |
|       | Utilização do “ <i>Pratic violão</i> ” | X |   |   | Não utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ”     |   |   | X |
|       | Sons graves e agudos                   | X |   |   | Tocar uma nota do acorde                    |   |   | X |
|       | Sons fortes e fracos                   | X |   |   | Tocar duas notas do acorde                  |   |   | X |
|       |  |   |   |   | Tocar o acorde completo                     |   |   | X |
| T.    | Partes viola acústica                  | X |   |   | Agarrar o instrumento/postura               |   | X |   |
|       | Organização dedos                      |   | X |   | Pressionar cordas (mão esquerda)            | X |   |   |
|       | Escala de dó maior                     | X |   |   | Ritmo (mão direita)                         |   | X |   |
|       | Compreensão rítmica                    | X |   |   | Pressionar e tocar as cordas                |   | X |   |
|       | Acorde de dó maior                     |   |   | X | Tocar e utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ” | X |   |   |
|       | Utilização do “ <i>Pratic violão</i> ” | X |   |   | Não utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ”     | X |   |   |
|       | Sons graves e agudos                   |   | X |   | Tocar uma nota do acorde                    | X |   |   |

Continua

|       |  |   |   |   |   |                         |   |   |
|-------|--|---|---|---|---|-------------------------|---|---|
|       | Sons fortes e fracos                   |   | X |   | Tocar duas notas do acorde                  |                         |   | X |
|       |  |   |   |   | Tocar o acorde completo                     |                         |   | X |
| C. R. | Partes viola acústica                  | X |   |   | Agarrar o instrumento/postura               | X                       |   |   |
|       | Organização dedos                      |   | X |   | Pressionar cordas (mão esquerda)            |                         | X |   |
|       | Escala de dó maior                     |   |   | X | Ritmo (mão direita)                         | X                       |   |   |
|       | Compreensão rítmica                    | X |   |   | Pressionar e tocar as cordas                |                         |   | X |
|       | Acorde de dó maior                     |   |   | X | Tocar e utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ” |                         | X |   |
|       | Utilização do “ <i>Pratic violão</i> ” | X |   |   | Não utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ”     |                         | X |   |
|       | Sons graves e agudos                   |   |   | X | Tocar uma nota do acorde                    |                         |   | X |
|       | Sons fortes e fracos                   |   |   | X | Tocar duas notas do acorde                  |                         |   | X |
|       |  |   |   |   |   | Tocar o acorde completo |   |   |
| J.    | Partes viola acústica                  | X |   |   | Agarrar o instrumento/postura               | X                       |   |   |
|       | Organização dedos                      | X |   |   | Pressionar cordas (mão esquerda)            | X                       |   |   |
|       | Escala de dó maior                     | X |   |   | Ritmo (mão direita)                         | X                       |   |   |
|       | Compreensão rítmica                    | X |   |   | Pressionar e tocar as cordas                | X                       |   |   |
|       | Acorde de dó maior                     |   |   | X | Tocar e utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ” | X                       |   |   |
|       | Utilização do “ <i>Pratic violão</i> ” | X |   |   | Não utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ”     | X                       |   |   |
|       | Sons graves e agudos                   | X |   |   | Tocar uma nota do acorde                    | X                       |   |   |
|       | Sons fortes e fracos                   | X |   |   | Tocar duas notas do acorde                  | X                       |   |   |
|       |  |   |   |   |   | Tocar o acorde completo |   |   |
|       | Partes viola acústica                  | X |   |   | Agarrar o instrumento/postura               | X                       |   |   |
|       | Organização dedos                      | X |   |   | Pressionar cordas (mão esquerda)            | X                       |   |   |
|       | Escala de dó maior                     | X |   |   | Ritmo (mão direita)                         | X                       |   |   |

|     |  |   |   |                         |   |   |   |   |
|-----|--|---|---|-------------------------|---|---|---|---|
| Ra. | Compreensão rítmica                    | X |   |                         | Pressionar e tocar as cordas                | X |   |   |
|     | Acorde de dó maior                     |   | X |                         | Tocar e utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ” | X |   |   |
|     | Utilização do “ <i>Pratic violão</i> ” | X |   |                         | Não utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ”     | X |   |   |
|     | Sons graves e agudos                   | X |   |                         | Tocar uma nota do acorde                    | X |   |   |
|     | Sons fortes e fracos                   | X |   |                         | Tocar duas notas do acorde                  |   |   | X |
|     |  |   |   |                         | Tocar o acorde completo                     |   |   | X |
| D   | Partes viola acústica                  |   |   | X                       | Agarrar o instrumento/postura               |   |   | X |
|     | Organização dedos                      |   |   | X                       | Pressionar cordas (mão esquerda)            |   |   | X |
|     | Escala de dó maior                     |   |   | X                       | Ritmo (mão direita)                         |   |   | X |
|     | Compreensão rítmica                    |   |   | X                       | Pressionar e tocar as cordas                |   |   | X |
|     | Acorde de dó maior                     |   |   | X                       | Tocar e utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ” |   |   | X |
|     | Utilização do “ <i>Pratic violão</i> ” |   |   | X                       | Não utilizar o “ <i>Pratic violão</i> ”     |   |   | X |
|     | Sons graves e agudos                   |   |   | X                       | Tocar uma nota do acorde                    |   |   | X |
|     | Sons fortes e fracos                   |   |   | X                       | Tocar duas notas do acorde                  |   |   | X |
|     |  |   |   | Tocar o acorde completo |   |   | X |   |

Nota. A – Aprendeu; AP - Aprendeu parcialmente; NA- não aprendeu.

## 6 Discussão

Os resultados obtidos durante a investigação foram positivos, pois utilizando-se do “*Pratic Violão*” como um facilitador para a aprendizagem do ensino musical e da viola acústica, os alunos demonstraram resultados satisfatórios, ao fim das sessões.

A criatividade pode se tornar uma aliada quando falamos em educação, principalmente a educação especial. Por muitas vezes certos materiais são escassos, caros ou inexistentes, portanto é importante atentar para os casos onde é preciso criar ferramentas facilitadoras para a aprendizagem. Estimular tanto o aluno quanto o professor a criar situações onde haja resiliência e as barreiras e dificuldades possam ser transpassadas a favor do conhecimento.

Enquanto professor pude observar certa carência relacionada a aprendizagem da viola acústica, pois criatividadeeste instrumento, muitas vezes, é descartado das opções quando se cogita lecioná-los a alunos com déficit motor. Penso que muito dessa exclusão, relacionada a aprendizagem da viola acústica, pode acontecer devido ao esforço de determinados movimentos para a execução de atividades e exercícios corriqueiros, ou até mesmo o repertório, dos exemplos simples aos mais complexos. Aliar os ganhos da aprendizagem do instrumento a coordenação motora fina pode trazer benefícios aqueles que precisam desenvolver este aspecto.

Como anteriormente visto nesta investigação, existem diversos objetos e ferramentas de apoio, seja por meio de *softwares* que auxiliam na compreensão musical, como aparatos físicos, de aplicabilidade prática. Dentre este material existente foi encontrado uma lacuna onde há a oportunidade de trabalharmos uma nova maneira de lecionar música, voltado para a viola acústica e favorecendo sua aprendizagem.

Como ferramenta de socialização e inclusão é necessário afirmar que a música é um canal eficiente de comunicação, extinguindo barreiras, numa linguagem universal, além de fomentar a amizade, identificação e aproximação entre os pares (Santos, 2016). No âmbito de sua principal questão, o “*Pratic violão*” foi pensado para promover a inclusão, já que seus atributos foram concebidos para que pessoas com necessidades específicas, a nível cognitivo ou motor, pudessem ter acesso a aprendizagem da viola acústica. Porém é importante dizer que os demais possíveis usuários deste dispositivo não necessariamente precisam pertencer a um grupo de pessoas com especificidades de aprendizagem. Este aparelho tem o objetivo, também, de abranger aqueles que queiram aprender este instrumento musical como uma atividade recreativa ou, posteriormente,

profissional. Este dispositivo é uma forma de iniciação a viola acústica, que pode ser usufruída por quem tiver interesse. Pessoas com necessidades específicas, ou não, podem utilizar do objeto deste estudo.

Para cada acorde foi escolhido uma cor específica, e para os acordes que serão utilizadas nas peças serão o azul (no acorde de Dó maior) e o roxo (no acorde de Sol maior). Como vimos, as cores exprimem emoções que influenciam em nossas sensações, além de exercer certo poder sobre nosso psicológico, como ressaltam Yoshiura e Duarte (2002).

A cor azul, utilizada no acorde de Dó maior pode exercer significado, segundo Boccanera (2007), ligado a pensamentos e sentimentos mais refinados, calmo, relaxante, liberador de tensões, tendo a característica de cor fria. Já o acorde de Sol maior, representado pela cor roxa/violeta (esta cor pode ser definida entre estas cores citadas), estimula a criatividade, o cérebro e acalma os nervos.

A confecção do material foi realizado a partir de um material termoplástico polipropileno, geralmente utilizado em peças para ortoprotesia. Esta peça, encaixada logo após o rastilho da viola acústica, contém furos para o encaixe dos dedos, que será utilizada como um “molde” para a formação dos acordes. São nestes furos onde o aluno irá colocar os dedos e memorizar, de forma gradativa, as posições ideais para tocar o instrumento. As peças buscam atender e obedecer a anatomia do instrumento, tanto quanto a do usuário. É importante salientar que as peças do “*Pratic violão*” estão divididas em diferentes cores, para que haja uma identificação visual naquilo que será trabalhado com os alunos.

É importante que existam formas alternativas de educação musical, com materiais e equipamentos que contemplem o maior número de pessoas possível. Métodos e instrumentos musicais adaptados a oferecer equidade para aqueles que desejam aprender música ou um instrumento musical (Silva & Louro, 2018).

A construção de materiais adaptados pode apresentar diferentes abordagens sobre como tocar um instrumento musical, influenciando diretamente na dinâmica entre o objeto e o aprendiz. Estas adaptações visam anular as dificuldades daqueles alunos com necessidades educativas específicas, a proporcionar acessibilidade e a possibilidade de tocar o instrumento, ou mesmo entender música (Carvalho Filho, 2018).

Os objetos adaptados, projetados para as aulas de viola acústica, foram pensados para ter, além dos atributos facilitadores, um apelo visual ao usuário. Para isto as peças produzidas são acompanhadas de cores em sua composição, pois segundo Yoshiura e

Duarte (2002), a cor é um apelo visual, chamando a atenção do observador, motivando-o a interagir. A cor pode provocar sensações e ações em quem as observa, pois impressiona (ao ver o pigmento e a luz refletindo sua cor há uma conexão visual, chamando a atenção de quem a observa) e expressa (cada pigmento, cada cor espessa um significado e instiga a emoção, comunica ideias). As cores interagem com o observador e também umas com as outras, e ao utilizá-las de forma harmônica nos é transmitida uma sensação de prazer através de nosso aparelho visual. Tal organização harmônica visual ajuda a perceber fatores cognitivos, pois o cérebro rejeita aquilo que provoca confusão, ou não está organizado.

Além dos objetos adaptados existe a tecnologia assistiva ligada ao ensino musical, como aplicações e softwares criados para ajudar no foco ou facilitar a compreensão de alunos com autismo para a aprendizagem do violino. Estudo este que, dentre demais já existentes, atestam sua eficiência por meio de resultados científicos (Castro & Ferreira, 2016).

Artefatos são desenvolvidos para que existam maneiras de que a aprendizagem de música seja acessível e, inspirados na metodologia Orff, ofereça aos alunos formas alternativas do fazer musical. Aliado a tecnologia existem formas de produzir sons através de gestos e jogos colaborativos, como o tapete musical, concebido pela ideia de tornar a música um meio facilitador de interação entre os pares, como nos relata Marcondes, Fillipo, Pimentel & Santos (2018).

Dentro da sala de aula, onde os alunos e o professor estavam sentados em cadeiras da mesma altura, acredito que ao estarmos no mesmo “nível”, em termos de aprendizagem, quebramos a hierarquia do professor em pé, como uma autoridade em sala, tornando, neste momento em específico, um ambiente mais leve de tensões.

As sessões decorreram nos dias esperados, pontualmente e com grande assiduidade da maioria dos alunos. Estes aceitaram bem a rotina das aulas e, de forma natural, estavam sempre aptos e dispostos a participar. O espaço cedido pela instituição foi de muita valia para a concentração e o foco destes alunos durante as atividades, pois o ginásio era um lugar calmo e espaçoso, acolhedor tanto para o professor quanto para os utentes. Além disto, como estes sujeitos do estudo já frequentavam a delegação da APPC de Faro, diariamente, já estavam bem habituados ao espaço, outro aspeto muito importante, pois ali sentiam-se a vontade.

Houve certa dificuldade com a questão da autoestima de alguns poucos alunos, que inicialmente recusaram-se a participar por não achar que seriam capazes de tocar o

instrumento. Porém este detalhe foi contornado durante as sessões, pois além das professoras e monitoras os encorajarem, os próprios, ao passar das aulas, percebiam-se a tocar a viola acústica. Para isto é necessário afirmar que a música faz com que o indivíduo crie em si autoconfiança e autoestima, a tocar, cantar, criar, ou seja, ser uma ferramenta ativa do fazer musical (Santos, 2016). Desta forma é possível conceber a ideia de que a música teve forte influência para que os alunos continuassem suas atividades de forma motivada.

Durante o processo de investigação mostrou-se necessário um tempo maior de estudo, para que resultados mais positivos pudessem surgir com mais alunos. Cada participante apresentou um tempo de assimilação do conteúdo de forma distinta, portanto enquanto alguns aprenderam e assimilaram de forma mais rápida tiveram aqueles que precisavam de mais aulas para que fossem obtidos resultados ainda mais significativos. A avaliação final foi muito satisfatória, porém ao ter mais tempo de investigação os resultados poderiam ser ainda melhores.

Estas correções abrem possibilidades de melhorias em sua utilização, além de haver mais formas de expandir o uso para um maior número de pessoas, como aquelas que apresentam pouca (ou nenhuma) visão, diferentes tamanhos para atender estaturas e violas acústicas distintas, existe a ideia de adaptar para guitarra baixo, entre outras que possam surgir ao utilizarmos as demais ferramentas adaptadas. É de grande importância acreditar nos aprendizes, no trabalho e persistir na utilização da peça adaptada, pois, pelo que foi observado, há grande potencial a ser desenvolvido.

Foi percebido que o “*Pratic violão*” necessita de melhorias, tanto na parte anatômica do objeto em si, como em possíveis novos tipos de materiais para sua construção. As principais observações percebidas foram que os buracos para os encaixes dos dedos precisam de mais abertura, o material poderia ter uma espessura mais fina, as peças podem apresentar mais estabilidade ao agarrar no braço da viola acústica e as cores podem ser melhor definidas.

Há mais possibilidades de trabalhar o dispositivo, com aumentar as opções de acordes, tanto maiores quanto menores. Nesta investigação não houve a real necessidade de construir mais do que dois acordes, pois este estudo funciona para perceber como o dispositivo pode auxiliar na aprendizagem da viola acústica. Portanto, a pensar desta maneira, produzir somente dois acordes foi o suficiente para testar a eficácia do “*Pratic Violão*”.

O objetivo principal foi atingido, que é o de acessibilizar a aprendizagem da viola acústica, porém serão necessários ajustes para intensificar o sucesso de sua utilização, pois, além de mais ergonomia, há a necessidade de uma melhor definição das cores e se possível uma maneira de adaptar a instrumentos de tamanhos variados. Isto se dá pois existem violas acústicas de diferentes tamanhos, então seria interessante que o dispositivo atendesse a diferentes dimensões do braços, englobando uma panóplia de instrumentos. Quanto mais houver uso deste objeto criado para o estudo, mais oportunidades surgirão de perceber onde há de ser melhorado e reajustado. O aparelho adaptado funcionou bem, porém ainda há detalhes que facilitariam mais a usabilidade da peça, como os citados neste parágrafo.

Na visão do investigador esta investigação foi de muita valia, tanto para a experimentar a usabilidade do “*Pratic violão*” quanto para os alunos participantes, pois foi possível fomentar a arte, traduzir notas e sons em sorrisos e autodeterminação, promovendo orgulho próprio nos alunos, a se perceber como agentes principais em sua aprendizagem. Socializarmos uns com os outros, a aprender mutuamente, enquanto experienciamos juntos a funcionalidade do equipamento, tocamos em duo ou em grupo, perceber o crescimento individual e vibrar a cada novo acerto. A resiliência e a evolução através da música, da musicalidade, da arte e da troca de conhecimento entre professor e alunos.

## 7 Conclusão

Nesta parte final do trabalho é possível perceber os objetivos atingidos com esta investigação, quais as vantagens, desvantagens e propostas para o futuro do dispositivo “*Pratic Violão*”, assim como quais melhorias o produto deve apresentar.

Após quase três meses de investigação chegamos a conclusão das sessões. Foram semanas interessantes, onde foi necessário bastante prática, observação, interação, estimulação e, principalmente, experimentação. Foi de muita valia trabalhar com os alunos e perceber suas conquistas e limitações.

Igualmente importante foi estar junto a equipa da delegação regional da APPC de Faro, onde obtive acolhimento e auxílio por parte das professoras, monitoras, coordenadora e diretora. Fazer este trabalho possibilitou aos alunos a conviverem com a música de uma forma ativa, a tornarem-se peças fundamentais do seu processo de aprendizagem. Desenvolver habilidades nos utentes da instituição e, durante o tempo da investigação, promover, em seu cotidiano, a possibilidade de trabalhar a autoestima de cada um dos mesmos.

Pretende-se que este dispositivo, acompanhado do manual de auxílio, possam tornar mais acessível o ensino da viola acústica. A partir de um material onde as pessoas tornem-se capazes de tocar o instrumento, com um cronograma de estudos flexível, lúdico e, ao meu ver, com grande potencial de obter bons resultados. Tornar a aprendizagem mais leve, divertida e alternativa, a atender a necessidade de um número maior de pessoas, com ou sem necessidades específicas.

No último dia, quinta-feira, como de costume, os alunos permaneceram em suas respectivas salas de aula, seguindo as atividades diárias, dentro da instituição. Ao entrarem na sala, um por cada vez, houve diálogo com os alunos, professoras e foi dito que ali se findava a investigação sobre a aprendizagem da viola acústica.

Foi interessante observar a reação dos alunos. Alguns ficaram indiferentes, mas foram bem receptivos a minha presença. Já outros demonstraram que estavam entristecidos com o fim da investigação, o que me deixou bastante feliz, pois pude constatar que houve uma boa interação entre professor e alunos, estabelecendo um vínculo afetivo com estes indivíduos. As professoras e monitoras também demonstraram ter pena ao acabar a investigação, o que me faz acreditar que o vínculo profissional também foi bem estabelecido.

Durante a investigação foram prezados o respeito, limites, humor e disposição dos alunos que participaram. Buscamos tornar o ambiente de aprendizagem o mais apto para que todos pudessem extrair o melhor das sessões. Tornar o ensino e a prática musical acessíveis para diversas pessoas, trabalhando a arte como forma de expressão pessoal e como potencializador da autoestima.

É desejado que o estudo do “*Pratic Violão*” tenha continuidade. No campo acadêmico, na parte de doutoramento, pretende-se buscar a continuação investigativa dentro de projetos de universidades, no ramo da educação. Há também interesse por parte do autor desta investigação em tornar o dispositivo apto para alcançar um nível mercadológico, no caso de possíveis patentes ou propostas de empresas que demonstrem interesse em investir neste dispositivo. As previsões são de que as melhorias possam ser postas em prática, seja com uma forma diferente de materiais, diversidade de tamanhos, cores e utilização para mais instrumentos de corda, além da viola acústica. Revisar o manual de auxílio que acompanha o dispositivo, trabalhar um repertório maior e mais complexo, a abranger um número maior de usuários.

Em suma, o dispositivo “*Pratic Violão*”, juntamente com o manual de auxílio, permite promover a inclusão através da busca por uma forma alternativa da aprendizagem da viola acústica. Ao estarem todos a aprender da mesma forma, com equidade, permite que um maior número de pessoas, inclusive aquelas com necessidades educativas específicas, possam usufruir deste instrumento musical.

## Bibliografia

- Ahlert, A. (2002). A avaliação como um processo interno da prática pedagógica. *Caderno de Educação Física: estudos e reflexões*, 4(8), 119- 125. Recuperado de <http://saber.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/download/1340/1087>
- Amor, R., Rodrigues, I., Santos, R., Alli, R., Milani, C., & Vagenas, D. (2017). A influência da atividade musical em pessoas com paralisia cerebral no município de santana de parnaíba. *Revista InCantare*, 0. Recuperado de <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/view/1964/1245>
- Assis-Madeira, E. A., & Carvalho, S. G. (2018). Paralisia cerebral e fatores de risco ao desenvolvimento motor: uma revisão teórica. *Cadernos De Pós-Graduação Em Distúrbios Do Desenvolvimento*, 9(1). Recuperado de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/11165>.
- Boccanera, N. B. (2007). *A utilização das cores no ambiente de internação hospitalar*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3751?mode=full>
- Bortoni-Ricardo, S. M. (2008). *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Caixinha, V. A. S. (2015). *Construção da autonomia: A motricidade fina e as aprendizagens*. Relatório de prática de ensino infantil. Universidade do Algarve, Faro, Portugal. Recuperado de <https://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/7872/1/Relat%C3%B3rio%20-%20Constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20autonomia%20a%20motricidade%20fina%20e%20as%20aprendizagens%20escolares.pdf>
- Cardoso, A. Paula, & Rego, B. (2017). Metodologias de investigação na formação de professores: A investigação-ação e o estudo de caso. In L. Menezes *et al.* (Eds), *olhares sobre a educação: em torno da formação de professores* (pp. 21-33). Viseu: Escola Superior de Educação de Viseu. Recuperado de <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/4631>
- Carvalho Filho, W. (2018). *Múscia e educação especial: a utilização dos métodos ativos no ensino de música para pessoas com deficiência visual*. Monografia de licenciatura, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil. Recuperado de <https://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/7852>
- Castro, T., & Ferreira, N. (2016). *Vitula assistiva: tecnologia assistiva no ensino de violino para crianças com autismo*. Recuperado de <https://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/6773/4658>
- Chaffin, R., Logan, T. R., & Begosh, K. T. (2012). A memória e a execução musical. *Em Pauta*, 20(34/35), 223-244. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/39614/25316>
- Chagas, P. S., Defilipo, E. C., Lemos, R. A., Mancini, M. C., Frônio, J. S., & Carvalho, R. M. (2008). Classificação da função motora e do desempenho funcional de crianças

com paralisia cerebral. *Brazilian Journal of Physical Therapy*, 12(5), 409-416. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-35552008000500011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552008000500011)

Chediak, A. (1984). *Dicionário de acordes cifrados*. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale.

Chediak, A. (1986). *Harmonia e improvisação*. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale.

Chiarelli, L. K., & Barreto, S. J. (2004). A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. *Revista Recre@rte*, (3), 1-10. Recuperado de <https://docplayer.com.br/8818601-A-musica-como-meio-de-desenvolver-a-inteligencia-e-a-integracao-do-ser.html>

Chizzotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16(202), 221-236. Recuperado de [http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Pesquisa\\_Qualitativa\\_em\\_Ciencias\\_Sociais\\_e\\_Humanas\\_-\\_Evolucoes\\_e\\_Desafios\\_1\\_.pdf](http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Pesquisa_Qualitativa_em_Ciencias_Sociais_e_Humanas_-_Evolucoes_e_Desafios_1_.pdf)

Coppede, A. C. (2012) *Motricidade fina na criança: um estudo bibliométrico da literatura nacional e internacional*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2012. Recuperado de <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/6862?show=full>

Costa, A. G. S., & Cavalcante Neto, J. L. (2019). Desenvolvimento da motricidade fina em crianças com desnutrição crônica. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(1), 54-60. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2526-89102019000100054&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2526-89102019000100054&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)

Costa, M. A., & Ying, L. M. (2017). Ensino coletivo de música e sua relevância na formação das crianças. *Revista Encontros Universitários da UFC*, 2(1), 2977. Recuperado de <http://periodicos.ufc.br/eu/article/view/27701>

Cristina Araújo Rosa, A., & Rodrigues de Matos, M. (2017). Classificação funcional de indivíduos com paralisia cerebral de acordo com a escala de avaliação GMFCS. *Revista Univap*, 22 (40), Edição Especial. Recuperado de <https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/861/739>

Decreto lei no 54/2018 de 6 de julho da presidência do conselho dos ministros. Diário da República I série, Nº 129. (s.d.).

Duarte, R. (2002). Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cad. Pesqui.*, (115), 139-154. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0100-15742002000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-15742002000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)

Duarte, S. R. S. (2002). *A cor como fator determinante da criatividade na imagem fotográfica*. Dissertação de mestrado. Universidade Paulista, São Paulo, SP, Brasil.

Fachinetti, T. A., Gonçalves, A. G., & Lourenço, G. F. (2017). Processo de Construção de Recurso de Tecnologia Assistiva para Aluno com Paralisia Cerebral em Sala de

Recursos Multifuncionais. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 23(4), 547-562. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382317000400006>

Farias, M. I. R. (2018). *Métodos avaliativos no ensino de ciências: uma análise da percepção discente sobre a avaliação*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal da Paraíba, areia, PB, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/3519>

Felicetti, S. A., & Santos, E. M. (2016). Tecnologias assistivas, cegueira e baixa visão, paralisia cerebral: uma revisão da literatura. *Revista Tecnologia e Sociedade*, 12(24), 1-26. Recuperado de <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/3681>

Fernandes, E., & Rizzo, S. (2018). Neurociência e os benefícios da música para o desenvolvimento cerebral e a educação escolar. *Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar*, 1(5), 13-20. Recuperado de <https://www.fics.edu.br/index.php/rpgm/article/view/793>

Ferreira, C. A. L. (2015). Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação. *Revista Mosaico*, 8(2), 173-182. Recuperado em dia mês (por extenso), ano de <http://periodicos.ufpb.br/index.php/claves/article/viewFile/2719/2324>

Heidrich, R. O., Branco, M. A., Mossmann, J. B., Schuh, A. R., & Jense, E. (2016). Jogos digitais para interação com Brain Computer Interface para auxiliar no processo de inclusão escolar de pessoas com paralisia cerebral. *Blucher Design Proceedings*, 2(9), 3397-3407. Recuperado de <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2016/0292.pdf>

Hoffmann, J. (2015). Avanços nas concepções e práticas da avaliação.

Hummes, J. (2014). Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. *Revista Da ABEM*, 12(11). Recuperado de <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/343>

Laranjeiras, Í. C., Albuquerque, K. S. L. S., & Fontes, M. G. M. S. (2011). Metodologia da pesquisa científica para além da vida acadêmica: apreciação de estudantes e profissionais formados sobre sua aplicabilidade na vida profissional. *ReAC – Revista de Administração e Contabilidade*, 3(1), 19-31. Recuperado de <https://www.reacfat.com.br/index.php/reac/article/view/22/24>

Leite, J. M. R. S., & Prado, G. F. do. (2019). Paralisia cerebral Aspectos Fisioterapêuticos e Clínicos. *Revista Neurociências*, 12(1), 41-45. Recuperado de <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8886>

Lourenço, J. M. B., Oliveira, M. S., & Monteiro, S. F. (2005). *Investigação Acção*. Recuperado de <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/t1investigacaoacao.pdf>

Mancini, M. C., Fiúza, P. M., Rebelo, J. M., Magalhães, L. C., Coelho, Z. A. C., Paixão, M. L., Gontijo, A. P. B., & Fonseca, S. T. (2002). Comparação do desempenho de atividades funcionais em crianças com desenvolvimento normal e crianças com paralisia cerebral. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 60(2B), 446-452. Recuperado de

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0004-282X2002000300020&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0004-282X2002000300020&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)

Mancini, M., Schaper, C. & Figueiredo, E. (2004). Gravidade da paralisia cerebral e desempenho funcional. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, 8. Recuperado de [https://www.researchgate.net/publication/238674945\\_Gravidade\\_da\\_paralisia\\_cerebral\\_e\\_desempenho\\_funcional](https://www.researchgate.net/publication/238674945_Gravidade_da_paralisia_cerebral_e_desempenho_funcional)

Marcondes, T., Filippo, D., Pimentel, M., & Santos, E. (2018). Tapetes Musicais Inteligentes: aprendendo música com o corpo e por meio da colaboração. In *Anais Estendidos do XVII Simpósio Brasileiro sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais*. Porto Alegre: SBC. Recuperado de [https://sol.sbc.org.br/index.php/ihc\\_estendido/article/view/4238](https://sol.sbc.org.br/index.php/ihc_estendido/article/view/4238)

Marques, R. M. G. (2014). *Desenvolvimento de uma aplicação musical para musicoterapia em casos de paralisia cerebral*. Dissertação de mestrado. Porto, Portugal: Recuperado de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/73951/2/32029.pdf>

Martins, H. H. T. S. (2004). Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, 30(2), 289-300. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1517-97022004000200007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-97022004000200007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)

Med, B. (1996). Teoria da música. Brasília, DF: Musimned.

Meirelles, A., Stoltz, T., & Lüders, V. (2014). Da psicologia cognitiva à cognição musical: um olhar necessário para a educação musical. *Música em Perspectiva*, 7(1). Recuperado de <https://revistas.ufpr.br/musica/article/view/38135>

Mesquita-Pires, C. (2016). A Investigação-acção como suporte ao desenvolvimento profissional docente. *Eduser - Revista de Educação*, 2(2). Recuperado de <https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/23>

Ministros, P. d. (2018). Decreto de lei 54/55 - 2018. *Diário da República n.º 129/2018, Série I de 2018-07-06*.

Mónico, L. S., Alferes, V. R., Castro, P. A., & Parreira, P. M. (2017). A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. *Atas – Investigação Qualitativa em Ciências Sociais*, 3, 724-733. Recuperado de <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1447/1404>

Mota, J. M., & Lopes, F. J. (2018). Adaptações curriculares na perspectiva das necessidades educacionais especiais para o aluno com deficiência intelectual. *Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar*, 1(4), 109-118. Recuperado de <https://www.fics.edu.br/index.php/rpgm/article/download/776/706>

Pacheco, J. A. (1995). O pensamento de a ação do professor. Porto editora.

Pederiva, P. L. M; Tristão, R. M. (2006) Música e cognição. *Ciência & Cognição*, 2006, 9, 83-90. Recuperado de <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/601>

- Petean, E. B. L., & Murata, M. F.. (2000). Paralisia cerebral: conhecimento das mães sobre o diagnóstico e o impacto deste na dinâmica familiar. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 10(19), 40-46. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2000000200006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2000000200006&script=sci_abstract&tlng=pt)
- Rodrigues, I., Almeida, R., & Sousa, A. (2019). A música no ambiente escolar. *Anais do Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias*, 272-273. Recuperado de <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cintergeo/article/view/6853/4470>
- Rosa Neto, F., Weiss, S. L. I., Santos, A. P. M., & Amaro, K. N. (2010). Análise da consistência interna dos testes de motricidade fina da EDM - Escala de Desenvolvimento Motor. *Journal of Physical Education*, 21(2), 191-197. Recuperado de <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/7207>
- Rosa, G. K. B., Marques, I., Medina-Papst, J., & Gobbi, L. T. B. (2008). Desenvolvimento motor de criança com paralisia cerebral: avaliação e intervenção. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 14(2), 163-176. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382008000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382008000200002)
- Rotta, N. T. (2002) Paralisia cerebral, novas perspectivas terapêuticas. *Jornal de Pediatria*, 78(Suppl. 1), S48-S54. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0021-75572002000700008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0021-75572002000700008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)
- Santos, M. S. F. S. (2016) *O contributo do Programa de Interação e Socialização pela Música (PISM), na promoção do desenvolvimento pessoal e social dos alunos com Trissomia 21, entre pares sem e com Trissomia 21*. Dissertação de mestrado. Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. Recuperado de <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/5535>
- Silva, J. P., & dos Louro, V. S. (2018). A aplicabilidade do “Lápis Sonoro” em contexto pedagógico musical com uma criança com autismo. *Núcleo Interdisciplinar de comunicação sonora*, 1(1), 88-94. Recuperado de <https://revistas.nics.unicamp.br/revistas/ojs/index.php/nr/article/view/243>
- Silva, L. L., Costa, B. N. R., Dias, Í. R. M., Pacheco, T. M., & Barbosa, M. U. F. (2017). *Criança com paralisia cerebral hipotônica atendida na clínica escola de fisioterapia da unicatólica: um relato de experiência*. Recuperado de <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/mostrafisioterapia/article/download/1929/1635>
- Silva, R., & Iwabe-Marchese, C. (2015). Uso da realidade virtual na reabilitação motora de uma criança com Paralisia Cerebral Atáxica: estudo de caso. *Fisioter Pesq.*, 22(1), 97-102. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/fp/v22n1/1809-2950-fp-22-01-00097.pdf>
- Spinelli, J. T. (2018). *Memória e imagética na prática violonística*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado de <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/183294>
- Teixeira, E. V., Sassá, P., & Silva, D. M. (2016). Equoterapia como recurso terapêutico na espasticidade de membros inferiores em crianças com paralisia cerebral dipléica.

*Revista Conexão Eletrônica*, 13(1), 1-12. Recuperado de <http://revistaconexao.aems.edu.br/wp-content/plugins/download-attachments/includes/download.php?id=930>

# Apêndices

**APÊNDICE 1. Termo de Consentimento Informado****TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

Caro Participante:

O estudante de mestrado Felipe de Oliveira Ribeiro, nº 60145, do mestrado em “Educação Especial - domínio cognitivo e motor”, da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, encontra-se a desenvolver uma tese de mestrado intitulada de “Pratic Violão”, sobre a orientação do prof. Doutor João Miguel Quintino Guerreiro.

O objetivo deste estudo consiste na aprendizagem adaptado do violão. Através de um equipamento idealizado pelo pesquisador desse projeto, pretende-se apresentar ao aluno voluntário meios para obter um resultado positivo durante o percurso da prática instrumental. Os resultados contribuirão para, além da aprendizagem do instrumento, observar em como o equipamento pode auxiliar no desenvolvimento motor de cada aluno.

Neste sentido, gostaríamos de convidá-lo a participar no estudo de mestrado, através da realização de atividades de ensino de música e de aplicação do manual de atividades e instrumento “Pratic Violão”, dirigido aos utentes da APCC de Faro.

A participação de cada utente consiste na realização de aulas de música/instrumento musical, utilizando o equipamento e experimentando os resultados previstos, tanto para o viés musical quanto para as possíveis melhorias nas aptidões motoras, ao longo de três meses.

Pretendemos, ao final do estudo, e caso sejam alcançados os pré-requisitos necessários, ser realizada uma apresentação musical. Esta apresentação poderá ser gravada em forma de áudio/vídeo, para ser exibida durante a apresentação da tese. Esta gravação ficará guardada como arquivo pessoal do pesquisador, podendo ser divulgada e executada pelo idealizador deste projeto (este material será utilizado somente para o trabalho de tese). Cada aluno receberá uma cópia do vídeo por mídia digital. Não será cobrado nada e não haverá gastos, decorrentes de sua participação durante a pesquisa. A participação neste estudo não envolve riscos além dos decorrentes da vida diária.

Os participantes poderão contactar com um violão com cordas de nylon, mais macias para a iniciação musical. As sessões serão aplicadas de uma a duas vezes por semana, dependendo do tempo que será exigido para cada aluno. Estas sessões terão a duração de 30 minutos e poderão acontecer de uma a duas vezes por semana.

Durante a aula (ou sessão) será desenvolvido a aprendizagem do violão através do aparelho criado para este estudo, o “Pratic Violão”. Para o acompanhamento do aluno o professor irá realizar atividades de apoio com um manual criado para ajudar no desenvolvimento do aprendiz (atividades estas que são de cunho motor).

São esperados os seguintes benefícios imediatos da sua participação nesta pesquisa: socialização, trabalhar a auto estima, exercitar a autonomia e autoconhecimento, trabalhar a coordenação motora fina voltada para a guitarra (junto com o material adaptado).

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para mais informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo investigador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador principal.

Eu \_\_\_\_\_  
(nome do responsável) declaro, que tomei conhecimento dos objetivos e riscos incertos ao estudo e autorizo que o/a meu/minha filho/a \_\_\_\_\_ (nome do participante) participe nas sessões de música dedicadas ao ensino inclusivo do violão. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

Local e data: \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do responsável pelo participante da pesquisa)

Eu, \_\_\_\_\_  
obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

\_\_\_\_\_  
(Testemunha 1)

\_\_\_\_\_  
(Testemunha 2)

## APÊNDICE 2. Sessões de música

De acordo com as informações recebidas por parte dos alunos e dos profissionais da APPC Faro foram planejados alguns momentos musicais, tentando alcançar cada indivíduo, com suas diferentes limitações. Fiz as sessões em três salas, com turmas que variavam entre, pelo menos, cinco e doze alunos em cada sala (existia esta variação numérica de alunos, pois nem sempre todos estavam presentes, ou precisavam se ausentar por outros afazeres dentro da instituição ou motivos pessoais). Como nem todos os alunos conseguiam ler, escrever ou comunicar-se oralmente, foram adaptadas várias das atividades para que todos fossem capazes de participar e interagir com o momento musical.

Na instituição haviam vários instrumentos percussivos como tambores, chocalhos e pandeiretas, até mesmo alguns deles adaptados, como uma touca de guizos para aqueles alunos que podiam se expressar através do balançar da cabeça. Junto aos instrumentos que já ali existiam, foram apresentados mais alguns outros que pertenciam ao investigador, que serão citados durante as descrições das sessões. Foi apresentado aos alunos dois tipos de violões (um com cordas de aço e outro com cordas de nylon), uma melódica (ou escaleta), um kazoo e instrumentos de percussão para musicalização. A organização das sessões eram iniciadas com uma música de acolhida (música para receber os alunos e saber seus nomes, com canções que estimulam a interação social). Após isto realizava-se a atividade que pretendia e por fim encerrava com uma música de despedida, para dar aos alunos a noção de início, meio e fim.

### **Primeira sessão como voluntário**

Para a primeira sessão iniciou-se com uma música onde o professor deseja boa tarde aos alunos, fazendo-os interagir comigo e uns com os outros. A atividade em questão apresentava aos alunos uma música em que os mesmos teriam que acompanhar o tempo da música com uma pandeireta. Foi utilizada uma contagem básica, de um, dois, três e quatro, num compasso quatro por quatro. A cada pulsação da música o aluno teria que tocar a pandeireta. Escolhi para este dia a música “Ode to Joy”, do compositor Beethoven, pois esta apresenta uma melodia de fácil memorização, repetitiva e seu andamento é moderado, auxiliando na compreensão rítmica. A música era tocada em uma coluna, enquanto aluno e professor a acompanhavam. Como principal intenção

para esta atividade, pretendia-se que o participante pudesse se perceber como parte integrante ao acompanhar a música, junto com o professor.

Os alunos interagiram bem, cada qual com sua forma de se expressar. Havia aqueles que conseguiam realizar a atividade sem grande ajuda, porém para outros era necessária a intervenção, minha ou de alguma auxiliar, para que este conseguisse executar, ao seu modo, as músicas apresentadas. No fim, cantamos a canção de despedida, marcando o encerramento da proposta do dia.

Esta atividade serviu para perceber as aptidões rítmicas e de coordenação dos alunos.

### **Segunda sessão como voluntário**

Nesta sessão realizou-se uma atividade com outra proposta. Iniciou-se a sessão com a música do “Bom dia”, onde, durante a canção, eram citados os nomes de cada aluno e os desejava uma boa manhã, como uma forma de iniciar o momento musical, situando e sugerindo aos utentes ali presentes que estava a ser iniciada a atividade.

Para este dia foi levado um xilofone com a escala em dó maior. Foi apresentado aos alunos a proposta, que consistia em: era cantada uma pequena canção com três notas, o dó, ré e o mi, no xilofone. Enquanto era cantado, tocava-se o instrumento, justamente destas notas, como uma espécie de solfejo, porém, ao invés de notas usávamos as palavras. Para cada nota havia uma sílaba da palavra “como vai você?”, sendo “co-mo (dó-dó) vai vo (ré-ré) –cê (mi)”. Após isto era respondido com a ordem inversa de notas, mi, ré e dó. A resposta era “Eu vou (mi-mi) mui-to (ré-ré) bem! (dó)”. Aqueles alunos que não conseguiam segurar a baqueta do xilofone e percutir o instrumento, devido a alguma limitação motora, participavam da atividade tocando a pandeireta, interagindo ritmicamente. Os alunos que eram oralizados cantavam junto enquanto aqueles que não apresentavam comunicação verbal ou tocavam o xilofone, ou a pandeireta, interagindo de forma rítmica. No fim, cantamos a canção de despedida, marcando o encerramento da proposta do dia.

Houve uma boa interação entre professor e alunos, pois estes responderam bem a proposta. Alguns destes alunos/utentes tinham algumas limitações motoras muito severas e neste caso tinham uma participação bastante passiva, seja observando a atividade, ou ouvindo a canção.

Durante esta proposta pude observar noções rítmicas, melódicas, memorização de sequência e coordenação motora, sendo cada uma destes quesitos proporcionais as limitações de cada aluno.

### **Terceira sessão como voluntário**

A proposta para este dia iniciou com a música de “Boa tarde”, que fala sobre amizade e cita o nome do aluno durante a canção, visando uma identificação e interação com o mesmo. Enquanto cantava a música o aluno podia acompanhar, ritmicamente, com um instrumento a sua escolha (tendo como opção a pandeireta, um chocalho, um tambor ou um guizo). Após concluir esta atividade, cantamos a canção de despedida, marcando o encerramento da proposta.

Os alunos puderam participar, inclusive de maneira adaptada, ocorrendo o caso em que uma aluna em específico escolheu o tambor para tocar com os pés, pois apresentava limitações mais severas relacionadas ao uso das mãos.

### **Quarta sessão como voluntário**

Iniciamos esta atividade com a música de acolhida do “Boa tarde”, novamente falando sobre amizade. A proposta deste dia foi realizada com músicas pop, que os alunos tinham afinidade. Estas músicas me foram indicadas por algumas monitoras da instituição que tinham convívio com os alunos.

Foram levadas as músicas “Despacito” e “Shape of you”, que foram tocadas em uma coluna. Os alunos acompanhavam, de forma livre, as músicas. Observou-se aqueles que tinham maior desenvoltura com os instrumentos, ou que conseguiam ouvir e tentar acompanhar as músicas ao serem tocadas. Os que tinham mais dificuldade em tocar junto com a pulsação da música também foram observados e com estes houve a intervenção do investigador, a tocar junto, com uma leve instrução, sendo menos invasivo durante o processo da execução musical.

Ao fim, a atividade foi encerrada com a canção de despedida.

### **Quinta sessão como voluntário**

Durante o trabalho voluntário houve a oportunidade e um convite, feito pela equipe da APPC, para que o investigador a organizar uma apresentação musical para a festa de natal dos utentes da instituição. Para esta apresentação foi utilizada uma música natalina, intitulada “Vem que está chegando o natal”, da cantora Aline Barros. Foi

planejado para que a atividade acontecesse com o investigador tocando a viola acústica e cantando, com os alunos acompanhando a canção com instrumentos percussivos. Os ensaios aconteciam, geralmente, ao fim de cada sessão, durando cerca de trinta a sessenta minutos.

Os alunos foram organizados, divididos em grupos de instrumentos (havia aqueles que tocavam os tambores, outros tocavam os chocalhos, outros os guizos e pandeiretas) e a música era ensaiada, trabalhando cada grupo de instrumentos de forma individual e posteriormente com todos juntos. Ao separar os grupos de instrumentos foram trabalhadas as necessidades de cada parte individualmente, o que facilitou perceber quem estava tocando de forma aleatória e quem estava se esforçando para acompanhar a música. Foi concluído que todos se esforçaram bastante e demonstraram gostar de participar e tocar os instrumentos. A partir desta sessão, até o dia da apresentação de natal, haviam ensaios sempre ao final das atividades musicais.

#### **Sexta sessão como voluntário**

Nesta sessão, antes da atividade, como determinado em todas as propostas, iniciou com a canção do “Boa tarde”. Neste dia o investigador apresentou aos alunos a melódica (ou escaleta), tocando a música “Oh, Suzanna” e deixando os alunos descobrirem o instrumento e conhecerem, ao modo deles, o som, o peso, a forma de tocar. Quando a música era tocada na melódica pedia para que os alunos acompanhassem com instrumentos de percussão, caso desejassem. Houve uma variação também, nesta sessão, a canção entre a melódica, a viola acústica e o kazoo.

A música é bastante animada e empolgou bastante os alunos e algumas monitoras. Encerramos a atividade com a canção de despedida e, novamente, ensaiamos a música para a festa natalina. Aos poucos, o grupo de alunos que queriam tocar (ou eram indicados pelas monitoras e professorar para participar) aumentaram e o grupo estava ficando maior. Este foi um fator positivo, pois os demais utentes/alunos demonstraram interesse em se apresentar e tocar os instrumentos de percussão.

#### **Sétima sessão como voluntário**

Para a atividade sugerida neste dia foi apresentado aos alunos a flauta transversa e, novamente, a melódica. Foi tocada a música “A dona aranha” e “Dó, Ré, Mi, Fá”, onde os alunos tocavam percussão de forma livre. Iniciou-se com o “Boa tarde”, foi

apresentada a música aos utentes, que tocaram os instrumentos e após isto cantamos a canção de despedida.

### **Oitava sessão como voluntário**

Foi realizada, neste dia, a música do “Bom dia”. No momento da canção foi requisitado para que os alunos completassem trechos da música com sílabas e ritmo. Ao cantar a canção deixava algumas partes para serem completadas por eles e ao fazerem isto sugeria-lhes que tocassem o tambor de forma silábica, sendo para cada sílaba um tempo musical tocado no instrumento. Após esta atividade, foi cantada a canção de despedida.


### **Conclusão do voluntariado**

Em outras sessões o investigador auxiliou como ajudante durante o processo de ensaios para peças teatrais, trabalhando com a parte musical. Foi possível, nestes ensaios, perceber e entender mais a dinâmica de cada aluno, suas capacidades e potencialidades, pois houve a convivência do investigador com o cotidiano fora das aulas de música. Portanto, foi de muita valia participar e estabelecer esta forma de contacto com os alunos e os profissionais, participando, sugerindo e trocando informações, tantos com os monitores, como também com os alunos.

Por se tratar de um grupo com diferentes tipos de limitações específicas cada aluno se expressava e demonstrava interesse ao seu modo. Havia, por exemplo, uma aluna que não enxergava e nem se expressava verbalmente, porém, ao ouvir o som dos instrumentos (principalmente o som da viola acústica), manifestava-se com sorrisos ou expressão corporal. Isto acontecia com outros alunos, em situações similares (a não ser os que eram severamente comprometidos, estes não conseguiram, até então, expressar algum tipo de contentamento ou descontentamento, nem físico tão pouco emocionalmente). Perceber os sorrisos, sua expressão corporal, me fizeram crer que estes alunos demonstravam felicidade e interesse durante as propostas.

A peça teatral foi apresentada em um palco, em um teatro da cidade. Neste momento também pude estar nos bastidores do evento, observando os comportamentos dos alunos e em como eles ficam felizes e autoconfiantes ao se perceberem como parte integrante de um projeto. Atuando, dançando, interagindo com seus pares, com os profissionais, com o público, entendi muito sobre a importância de como a arte pode ser um dos incentivadores para a melhora da autoestima.

O que pude observar após este período como voluntário é que a música pode influenciar no humor, em seu autoconhecimento, na interação social, além de tornar o ambiente mais agradável para os profissionais ali presentes (envolvia monitoras e professoras nas atividades), juntamente com os utentes. Ao chegar nas salas de aula onde foram aplicadas as atividades, os alunos me recepcionavam com empolgação e se mostravam muito dispostos a realizar as atividades. Mesmo ainda nos corredores da instituição, ou durante a espera após o almoço, onde estavam todos reunidos, eu era sempre recebido com desejos de boa tarde e alguns me pegavam pelas mãos e me guiavam até suas respectivas salas, interessados em participar das atividades.



0000525

**CERTIFICADO DE AÇÃO VOLUNTÁRIA**

Graciete Maria Pontes Campos, com o Cartão de Cidadão n.º 02208439, como Diretora Executiva, da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral de Faro, com sede social em Rua da Guiné-Bissau, n.º 2 8005-203 Faro, em nome e representação da mesma,

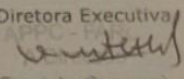
**CERTIFICA**

que Felipe de Oliveira Ribeiro, com o NIF n.º 288350898, participou como voluntário no período de 21 de setembro de 2018 a 04 de janeiro de 2019 na Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral de Faro.

O referido voluntário colaborou nas atividades de sala do Centro de Atividades Ocupacionais, esteve sempre disponível e foi bastante prestável no apoio das atividades desenvolvidas, principalmente no Atelier de Expressão Musical.

Por ser verdade e nos ter sido solicitado passamos este certificado que datamos e assinamos.

Faro, 12 de abril de 2019

A Diretora Executiva  
  
(Graciete Campos)

|  |  |                                 |   |
|--|--|---------------------------------|---|
| Associação Portuguesa<br>de Paralisia Cerebral<br>Faro | Rua da Guiné-Bissau n.º 2<br>8005-203 Faro<br>NIF: 509 556 276 | Tel: 289 828 814<br>91 001 4754 | Email: info@apc-faro.org.pt<br>WWW.APPC-FARO.ORG.PT |
|--|--|---------------------------------|---|

APÊNDICE 3. *Pratic Violão* – Fotos do equipamento

## Dó maior



Sol maior



## APÊNDICE 4. Livreto de auxílio

# PRATIC VIOLÃO

## Manual de auxílio



Material criado e idealizado por: Felipe de Oliveira Ribeiro

## INTRODUÇÃO

Este manual acompanha nossa ferramenta, o «Pratic Violão» e irá nos ajudar a compreender os acordes, além de auxiliar no desenvolvimento para o aprendizado do violão.

Espero que você possa desfrutar e ter um ótimo proveito deste livreto, com o propósito de tocar, de forma simples e divertida, este belíssimo instrumento: o violão.

Felipe Ribeiro

## ÍNDICE

|   |            |
|---|------------|
| Breve introdução a teoria musical .....                               | 1          |
| Características do som: altura, intensidade<br>duração e timbre ..... | 2, 3       |
| A anatomia do violão .....  | 4          |
| As cordas do violão .....   | 5          |
| A postura no violão .....   | 6          |
| O que são escalas?.....   | 7          |
| O que são os acordes? .....   | 8          |
| O que são cifras? .....   | 9          |
| As mãos e o violão .....  | 10         |
| Como utilizar o «Pratic violão» .....                                 | 11         |
| Dó maior ( C ) .....  | 12, 13, 14 |
| Um novo símbolo: o sustenido (#) .....                                | 15         |
| O acorde de Sol maior .....   | 16         |
| Sol maior ( G ) .....   | 17, 18, 19 |

## BREVE INTRODUÇÃO A TEORIA MUSICAL BÁSICA

Antes de apresentarmos as atividades e os acordes teremos uma breve explicação teórica para contextualizar os estudos do violão, que iremos iniciar.

\* Nesta parte respeitar sempre os limites cognitivos do aluno. Esta breve introdução teórica tem que servir como um facilitador, não como um limitador do conhecimento.

## CARACTERÍSTICAS DO SOM: ALTURA, INTENSIDADE, DURAÇÃO E TIMBRE.

Antes de falarmos sobre as Características do som, vamos saber algo muito interessante: o que é o som?

SOM - são vibrações, ou ondas sonoras que se propagam no ar e chegam até o nosso ouvido.

Agora sim podemos falar sobre cada característica do som e suas definições:

ALTURA - a altura do som é definida como sons graves e sons agudos.

INTENSIDADE - é determina se o som é forte ou fraco.

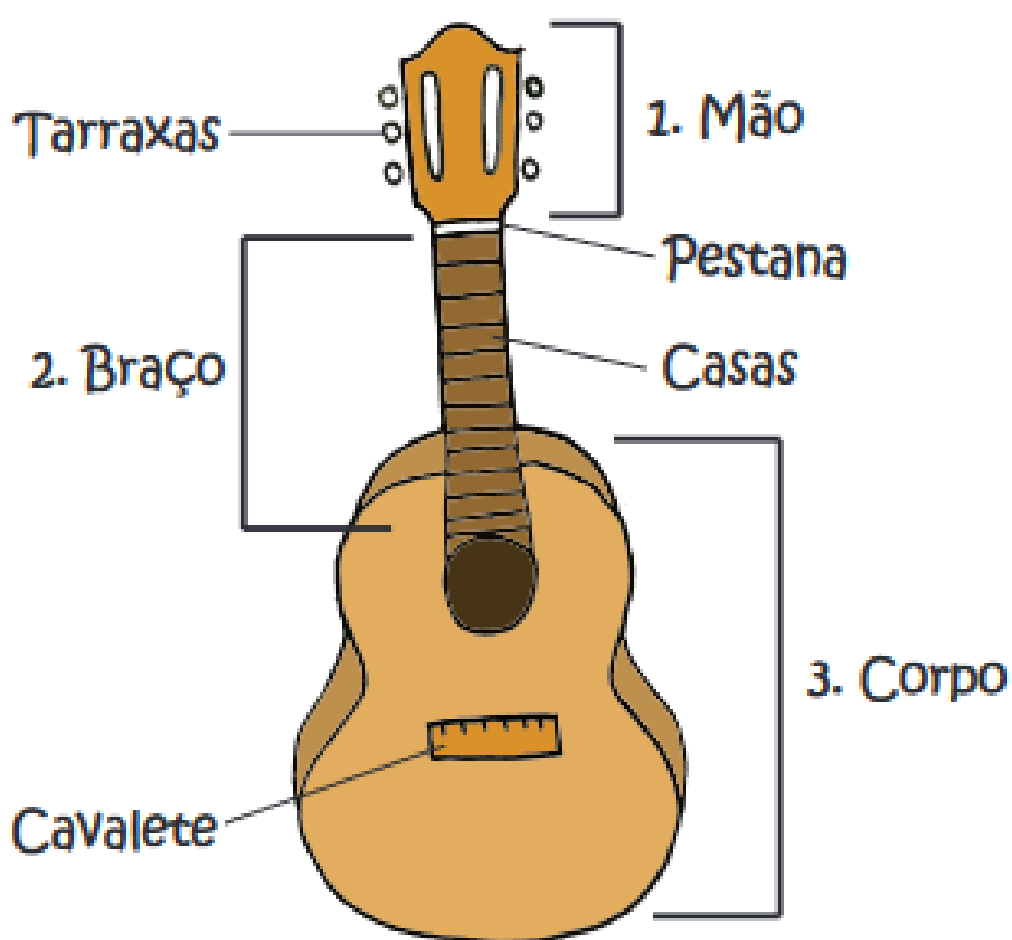
## CARACTERÍSTICAS DO SOM: ALTURA, INTENSIDADE, DURAÇÃO E TIMBRE.

**DURAÇÃO** - é o tempo que o som dura ao ser tocado.

**TIMBRE** - é a diferença entre os vários tipos de sonoridades diferentes. A exemplo dos instrumentos musicais: o som da guitarra é diferente do som do piano, que é diferente do som da bateria, que é diferente do som da flauta e assim por diante.

## A ANATOMIA DO VIOLÃO

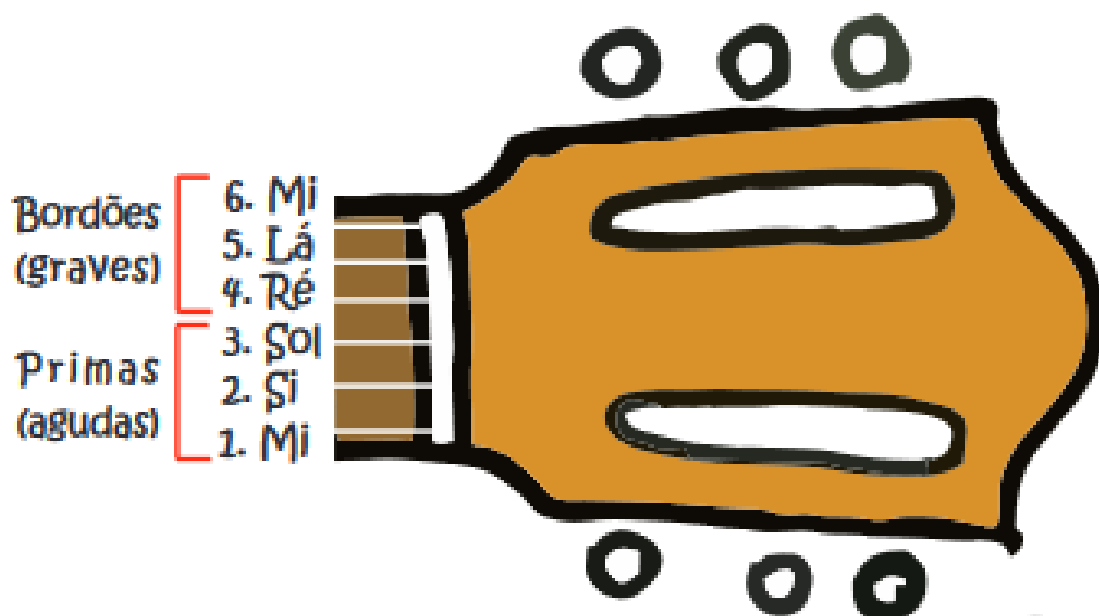
É muito importante sabermos as partes que formam o violão. Veremos abaixo as 3 divisões principais deste instrumento:



## AS CORDAS DO VIOLÃO

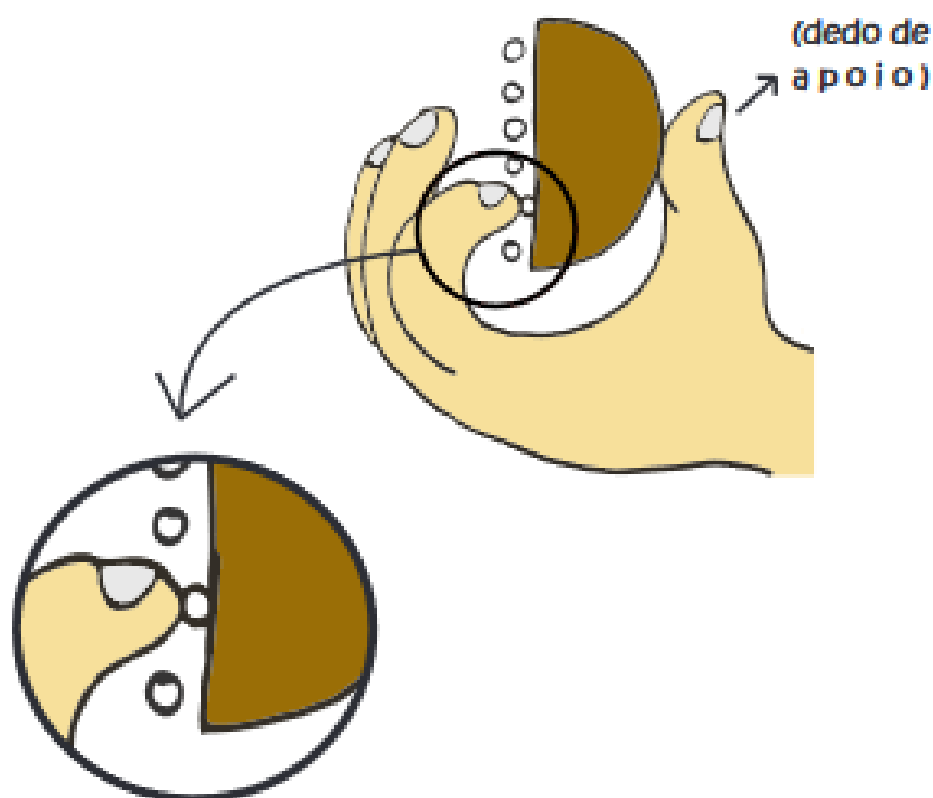
O violão tem 6 cordas, que são contadas de baixo para cima. As 3 primeiras cordas chamamos de cordas primas (estas cordas tem um som mais agudo), e as 3 últimas cordas são os bordões (estas são cordas de som mais grave).

As cordas tem nomes de notas musicais, como veremos na ilustração abaixo:



## A POSTURA NO VIOLÃO

Será muito importante aprendermos sobre a maneira correta de tocar o violão. Abaixo temos aqui um desenho de como a mão terá que pressionar as cordas do instrumento.



Lembrar de apertar bem a corda com a ponta dos dedos!!

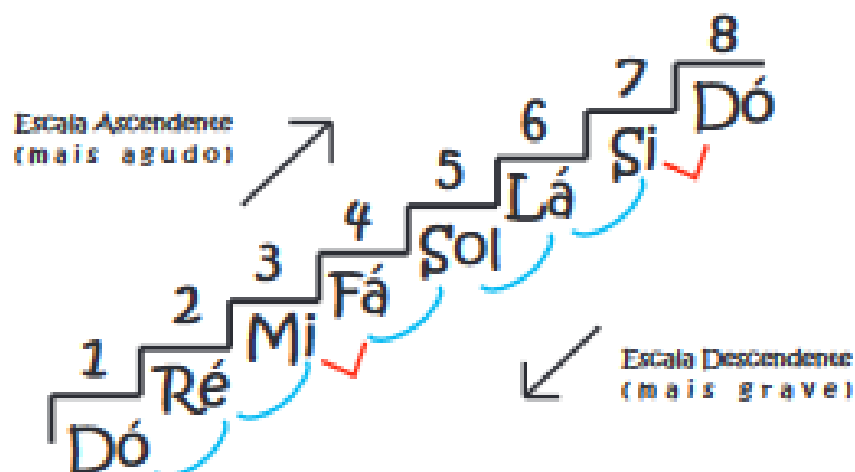
## O QUE SÃO ESCALAS?

Existem 7 notas musicas e todas elas são muito importantes para o nosso aprendizado. Estas notas estão divididas em Tons (↪) e semitons (↴):

|    |    |    |    |     |    |    |    |
|----|----|----|----|-----|----|----|----|
| 1  | 2  | 3  | 4  | 5   | 6  | 7  | 8  |
| Dó | Ré | Mi | Fá | Sol | Lá | Si | Dó |

Chamaremos estas 7 notas de escala maior (a 8ª nota é a repetição da 1ª, porém em uma região mais aguda).

Outro exemplo de como funciona a escala é dividi-la em «degraus», como podemos ver na imagem a seguir:

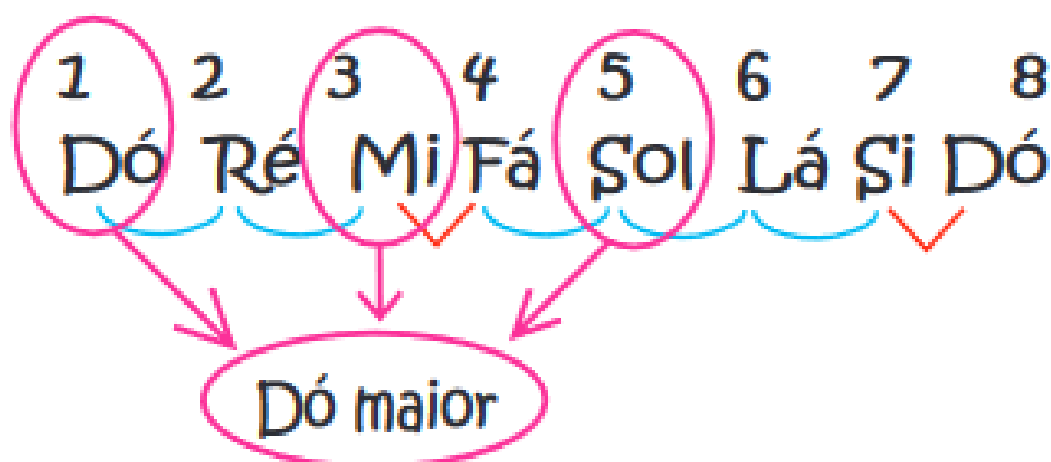


Material criado e idealizado por: Felipe de Oliveira Ribeiro

## O QUE SÃO OS ACORDES?

Das escalas é que são originados os acordes. A combinação harmônica de três notas formam o acorde.

O acorde em tríade (três notas) é sempre formado pela primeira (1), terceira (3) e Quinta (5) nota desta escala. Portanto temos a seguinte formação:



## O QUE SÃO AS CIFRAS?

A cifra é um sistema onde os acordes são substituídos por letras do alfabeto, que vão da letra «A» a letra «G». Observe abaixo os exemplos:

A = Lá

B = Si

C = Dó

D = Ré

E = Mi

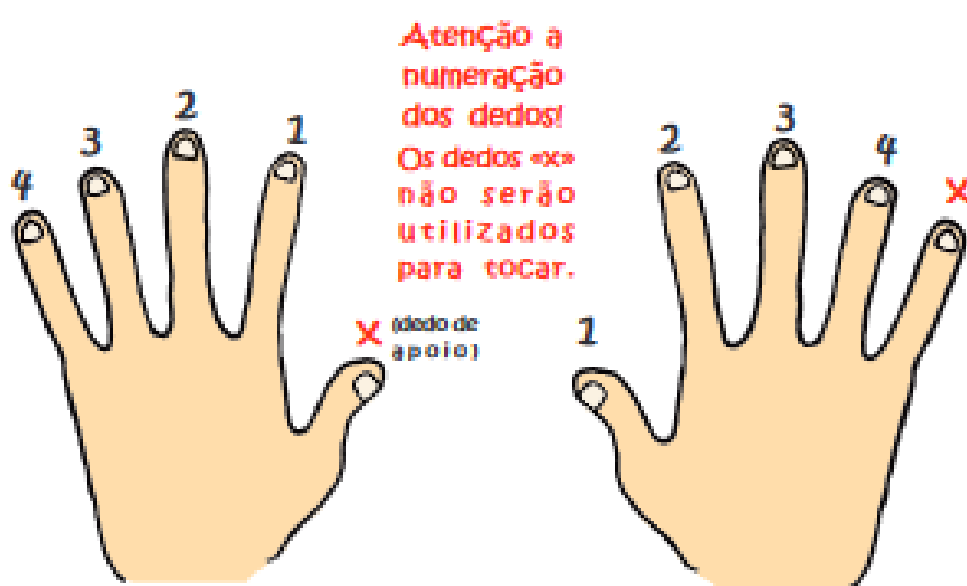
F = Fá

G = Sol

Obs: As notas são diferentes dos acordes. As notas são sequenciadas uma após a outra melodicamente, enquanto os acordes são combinações das notas de forma harmônica.

## AS MÃOS E O VIOLÃO

É importante entendermos como funciona as mãos para tocarmos o violão. Na mão esquerda e mão direita temos algumas diferenças. Cada mão irá desempenhar uma função diferente.



Mão esquerda  
(mão que faz  
os acordes.)

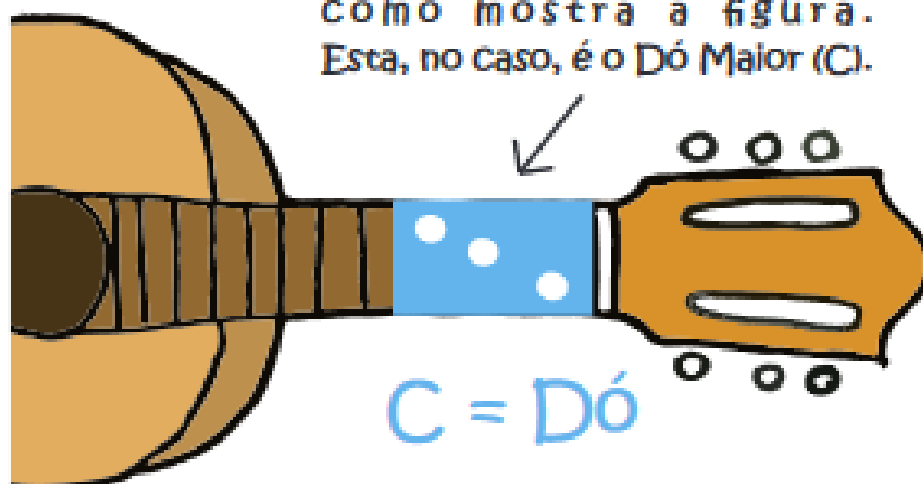
Mão direita  
(mão que faz  
os ritmos.)

Obs: O exemplo acima funciona com alunos destros. Caso o aluno seja canhoto basta inverter a funcionalidade das mãos.

## COMO UTILIZAR O «PRATIC VIOLÃO»?

Agora que aprendemos, basicamente, alguns recursos musicais e a anatomia deste instrumento, vamos entender como funciona o equipamento. Para utilizarmos o «Pratic Violão» será necessário encaixar o aparelho no início do braço do instrumento, logo após a pestana, como ilustra a imagem abaixo:

A peça é encaixada logo após a pestana do instrumento, como mostra a figura. Esta, no caso, é o Dó Maior (C).



## Dó maior ( C )



O Dó maior é o primeiro acorde que iremos aprender. A letra do alfabeto correspondente a este acorde é o «C». Ou seja: quando falamos em música temos:

Dó maior = C

Em nosso manual do «Pratic Violão» a cor do Dó maior ( C ) será a cor azul.



\*Dedos da mão esquerda.

## Dó maior ( C )



### Sugestões de atividades:

- 1 - Praticar o acorde aos poucos, explorando corda por corda, fazendo com que o aluno memorize bem cada posição.
- 2 - Praticar os dedos da mão direita com exercícios de dedilhado, variando as sequências, trabalhando sua independência.
- 3 - Praticar com o aluno a formação do acorde de Dó maior ( C ) reforçando a escala, tons e semitons, a sonoridade melódica e a sonoridade harmônica.
- 4 - Praticar a parte rítmica com a mão direita, exercitando a intensidade, duração, rápido/lento, trabalhando de forma a conscientizar o aluno sobre tais nuances.

# Repertório

## A dona aranha

C

A dona aranha

C

Subiu pela parede

C

Veio a chuva forte

C

E a derrubou

C

Já passou a chuva

C

E o sol já vai surgindo

C

E a dona aranha

C

Continua a subir

C

Ela é teimosa

C

E desobediente

C

Sobe, sobe, sobe

C

E nunca esta contente

C

A dona aranha

C

Desceu pela parede

C

Veio a chuva forte

C

E a derrubou

C

Já passou a chuva

C

E o sol já vai surgindo

C

E a dona aranha

C

Continua a descer

C

Ela é teimosa

C

E desobediente

C

Sobe, sobe, sobe

C

E nunca esta contente

Compositor: Cancioneiro popular

Material criado e idealizado por: Felipe de Oliveira Ribeiro

14

## UM NOVO SÍMBOLO: O SUSTENIDO(#).

Para o próximo acorde que iremos aprender neste módulo precisamos entender um novo símbolo que iremos utilizar: este símbolo chama-se sustenido #.

Dentro da escala de Sol maior encontraremos o sustenido #.

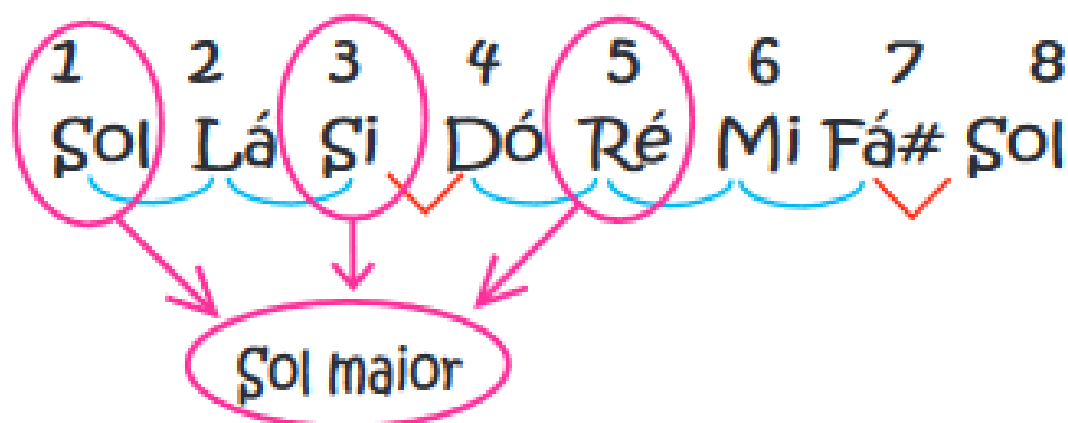
|     |    |    |    |    |    |     |     |
|-----|----|----|----|----|----|-----|-----|
| 1   | 2  | 3  | 4  | 5  | 6  | 7   | 8   |
| Sol | Lá | Si | Dó | Ré | Mi | Fá# | Sol |

Diferente da escala de Dó maior, na escala de Sol maior encontramos o sustenido na nota Fá, então temos a nota Fá#.

Obs: o sustenido é o que chamamos de acidente musical. O sustenido # aumenta a nota em meio tom.

## O ACORDE DE SOL MAIOR.

Assim como no acorde de Dó maior, o acorde de Sol maior é composto pela tríade, ou seja, é formado por três notas que estão dentro da escala de Sol maior. Estas são a (1), a (3) e a (5), encontradas dentro da escala, com veremos abaixo:



## Sol maior ( G )



O Sol maior é o segundo acorde que iremos aprender. A letra do alfabeto correspondente a este acorde é o «G». Ou seja: quando falamos em música temos:

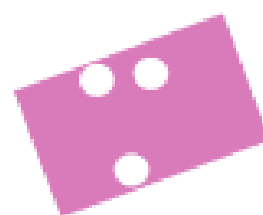
Sol maior = G

Em nosso manual do «Pratic Violão» a cor do Sol maior ( G ) será a cor roxa.



\*Dedos da mão esquerda.  
O dedo pode ser o \*3 ou o \*4.

## Sol maior ( G )



### Sugestões de atividades:

- 1 - Praticar o acorde aos poucos, explorando corra por corda, fazendo com que o aluno memorize bem cada posição.
- 2 - Praticar os dedos da mão direita com exercícios de dedilhado, variando as sequências, trabalhando sua independência.
- 3 - Praticar com o aluno a formação do acorde de Dó maior ( C ) reforçando a escala, tons e semitons, a sonoridade melódica e a sonoridade harmônica.
- 4 - Praticar atividades com o #.
- 5 - Praticar a parte rítmica com a mão direita, exercitando a intensidade, duração, rápido/lento, trabalhando de forma a conscientizar o aluno sobre tais nuances.

# Repertório

## Oh Suzana!

Quando eu <sup>G</sup>fui <sup>G</sup>pro Alabama

E <sup>G</sup>toquei <sup>G</sup>meu violão

Encontrei <sup>G</sup>uma <sup>G</sup>menina

Num <sup>G</sup>cavalo <sup>G</sup>alazão

Ela <sup>G</sup>me <sup>G</sup>pediu sorrindo

Pra <sup>G</sup>tocar <sup>G</sup>uma canção

Que <sup>G</sup>falasse <sup>G</sup>do Alabama

De <sup>G</sup>um <sup>G</sup>banjo e um violão

<sup>G</sup>Oh <sup>G</sup>Suzana,

<sup>G</sup>Não <sup>G</sup>chores por mim

<sup>G</sup>Pois eu <sup>G</sup>volto pro Alabama

<sup>G</sup>Pra <sup>G</sup>tocar meu banjo assim

Compositor: Bob Nelson

Material criado e idealizado por: Felipe de Oliveira Ribeiro

**APÊNDICE 5. Foto da sala**

**APÊNDICE 6. Estudante P.**

Figura 1



Figura 2



Figura 3

**APÊNDICE 7. Estudante Z.**

Figura 1



Figura 2

**APÊNDICE 8. Estudante R.**

Figura 1



Figura 2

**APÊNDICE 9. Estudante A.**

Figura 1



Figura 2

**APÊNDICE 10. Estudante A. C.**

Figura 1



Figura 2



Figura 3

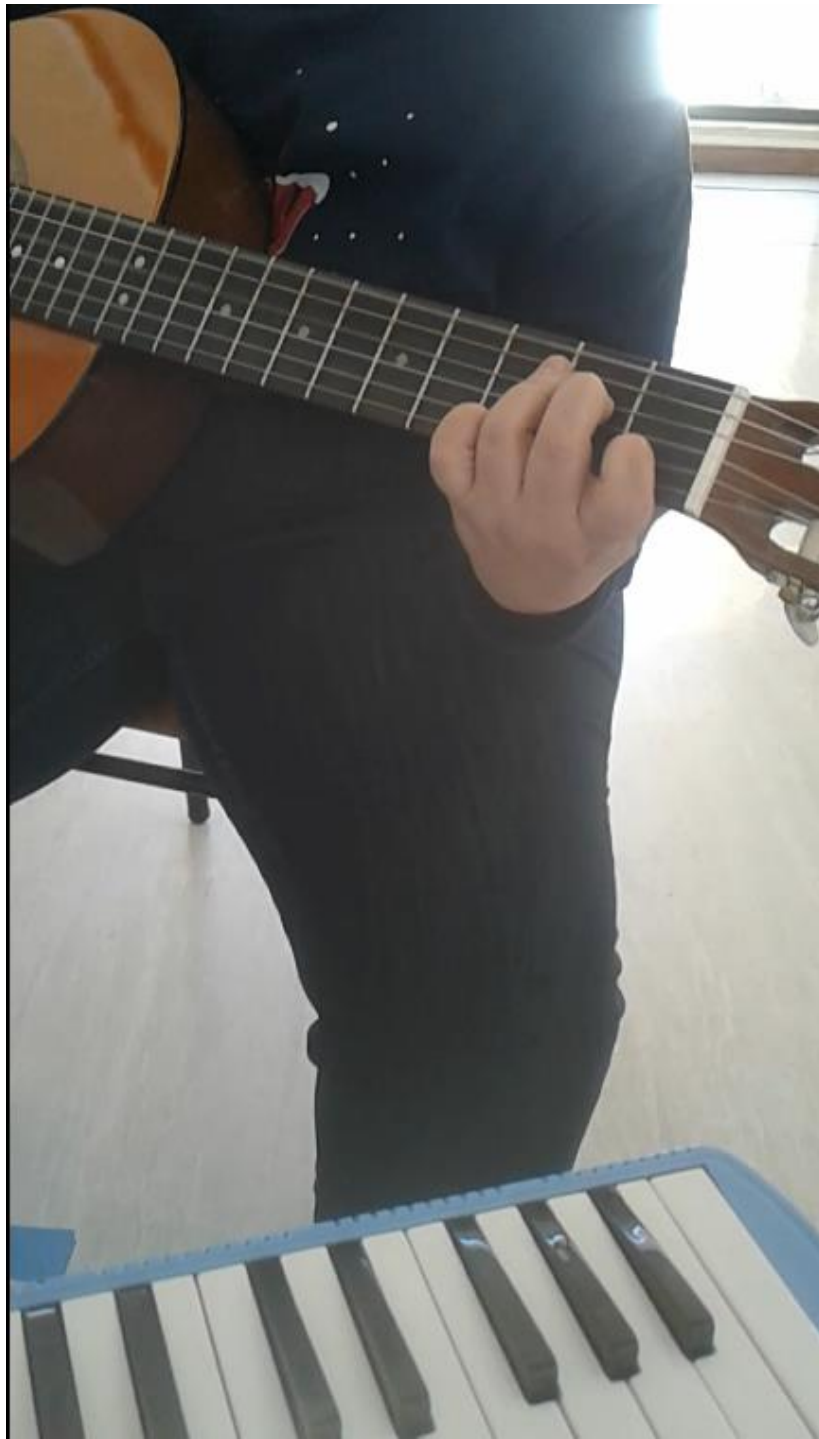


Figura 4

**APÊNDICE 11. Estudante T.**

Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

**APÊNDICE 12.** Estudante C. R.

Figura 1



Figura 2

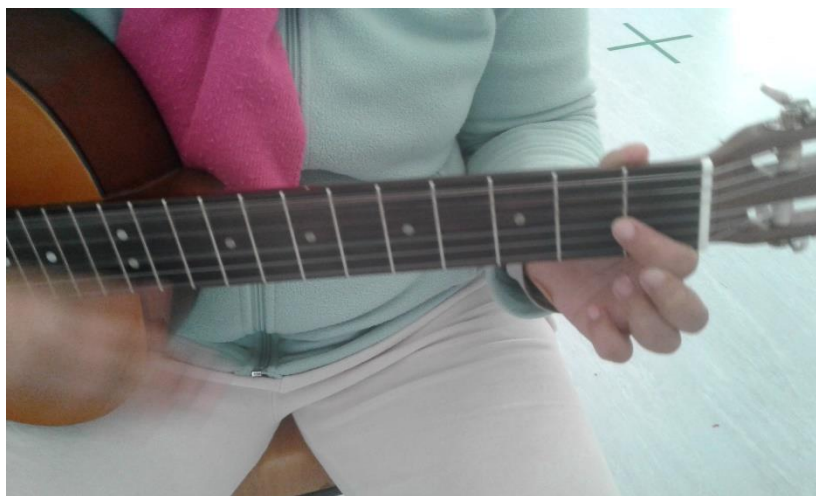
**APÊNDICE 13. Estudante J.**

Figura 1



Figura 2



Figura 3

**APÊNDICE 14.** Estudante Ra.

Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

## APÊNDICE 15. Descrição das aulas “*Pratic Violão*”

### **Fevereiro**

Pretende-se para este mês: conhecer a anatomia do instrumento, a funcionalidade das mãos, conhecimento básico sobre a sonoridade da escala (dó maior), perceber diferentes timbres (a viola acústica, pandeireta, mini xilofone e melódica), conhecer o “*Pratic violão*” ao utilizar o acorde de dó maior. As datas das sessões deste mês foram os dias 14, 21 e 28.

### **Primeira sessão (14/02)**

Conteúdo desta sessão: Anatomia da viola acústica, as cordas, postura e a mãos esquerda (ritmo).

Atividades realizadas neste dia: As partes básicas da viola acústica (corpo, braço e mão), ritmo da mão direita (em tempo quatro por quatro, com dinâmica de forte e fraco), pandeireta em ritmo quatro por quatro acompanhando a mão direita do aluno, xilofone com as notas musicais da escala de dó maior (a cada nota tocada no xilofone, o aluno, que estava com a guitarra em mãos, acompanhava de forma ritmica), com o mini xilofone o aluno cantava (juntamente com o professor) as notas da escala de dó maior.

Para este primeiro dia da investigação aconteceu o contacto com os nove alunos selecionados para o estudo. Serão descritas aqui as sessões, divididas por horários e alunos (ou turmas), relatando sobre informações relevantes dentro da posposta do trabalho realizado.

Utilizamos como referência o manual de auxílio do “*Pratic Violão*”.

### **9:30 h**

Durante a sessão das 9:30 h foi iniciada a aula com dois alunos, que serão chamados de P. e Z., ambos adultos, com mais de vinte anos de idade. O professor foi ao encontro dos participantes em suas respectivas salas de aula e encaminhados para o ginásio, onde eram ministradas as sessões de música com os alunos. Ao chegarem, o ambiente já estava organizado para a aula de viola acústica e ao avistarem os instrumentos ficaram felizes e pareciam bastante estimulados a aprendizagem, pois sorriam bastante.

O aluno P. precisou tocar com palheta (ainda precisa exercitar a força da mão direita, responsável pelo ritmo) e demonstrou uma boa desenvoltura rítmica. Durante a atividade do mini xilofone o aluno também demonstrou um bom ouvido e boa afinação vocal, pois conseguia reproduzir, cantando, com certa facilidade as notas tocadas no mini xilofone. Trabalhou bem a dinâmica entre o som forte e o som fraco, ficando perceptível quando o aluno tinha a intenção, ou não, de aplicar mais força durante o estudo de ritmo. Compreendeu facilmente a anatomia da viola acústica (corpo, braço e mão).

O aluno Z. não precisou utilizar-se da palheta para tocar as cordas, apresentou força suficiente para tocar as cordas rítmicamente, sem o auxílio do dispositivo. Porém demonstrou mais dificuldade em perceber a métrica musical (em quatro por quatro) e, por ser pouco oralizado, não cantou e nem afinou tão bem as notas durante a atividade do mini xilofone. O aluno levou um pouco mais de tempo para perceber a diferença de quando estava tocando forte ou fraco, porém antes do fim da sessão já estava mais consciente destas dinâmicas. Percebeu bem a anatomia da viola acústica (corpo, braço e mão).

Foi concluído que os dois tiveram um bom primeiro contacto com o instrumento, obtendo, ambos, uma boa resposta quanto ao esperado para o encontro inicial das sessões. Ainda neste momento não utilizamos o “*Pratic violão*”.

### **10:00 h**

Durante esta sessão estava somente o aluno R.. Este aluno sabe ler, portanto, compreendeu facilmente as partes da viola acústica através da explicação do professor, como lendo o manual de auxílio. O R. apresentou boa noção rítmica, executando de forma excelente a atividade relacionada a mão direita, além de diferenciar bem a dinâmica da mão (tocar forte ou fraco). Acompanhou muito bem ao som da pandeireta ao tocar as cordas da viola acústica, estabelecendo, mais uma vez, uma excelente desenvoltura rítmica. Durante a atividade com o mini xilofone o aluno demonstrou saber bem a escala e sua sequência de notas (disse que havia aprendido na escola), porém não era muito afinado, vocalmente.

### **10:30 h**

Nesta sessão, o aluno da vez foi o A.. Durante a atividade rítmica o aluno apresentou uma noção moderada relacionada a métrica musical, obedecendo, de forma inconstante, aos padrões de ritmo durante a atividade. A dinâmica entre tocar forte ou fraco também não foi bastante clara, por parte do aluno. Ao ser trabalhado a atividade da escala de dó maior (com o mini xilofone) o aluno demonstrou ter certo conhecimento sobre a sequência das notas, porém não apresentou afinação ao solfejar cada nota, além de confundir sons graves e agudos. Percebeu perfeitamente as partes da viola acústica.

### **11:00 h**

A sessão a seguir foi com duas alunas, a A. C. e a T. (esta última apresenta certa dificuldade de locomoção). Durante as atividades propostas a aluna A. C. teve uma excelente desenvoltura rítmica, pois executava a métrica musical seguindo perfeitamente a pulsação sugerida pelo professor. Conseguiu perceber bem a divisão das partes da viola acústica e as diferenças sonoras da escala e sons graves/agudos.

A aluna T. Apresentou certa dificuldade em focar nas atividades e em segurar o instrumento. Repetimos algumas vezes as atividades de ritmo até que fosse plenamente compreendida. Os pés da aluna não chegavam a encostar no chão, sendo necessário algum tipo de apoio para que a mesma conseguisse segurar bem a viola acústica (além disso foi necessário a ajuda de uma auxiliar em sala, para segurar o instrumento e a aluna conseguir realizar as propostas relacionadas a prática). Entendeu de forma satisfatória as notas da escala de dó maior, mas não cantava tão bem as notas.

### **11:30 h**

Aqui tivemos a participação das alunas C. R., J. e do aluno D. (até então esta foi a turma mais numerosa deste dia). Sobre as atividades propostas, a aluna C. R. Não encostava os pés no chão, sendo necessário um apoio para que a mesma pudesse sustentar o peso da viola acústica em seu colo. Feito isto a aluna demonstrou uma boa noção rítmica, porém não conseguiu perceber com facilidade a escala de dó maior e seus sons graves e agudos. Apresentou uma pequena dificuldade para lembrar as partes do instrumento, tendo que ser repetido durante toda a atividade.

A aluna J. apresentou uma excelente noção rítmica e grande aptidão vocal, pois, além de compreender a escala de dó maior, conseguia cantar as notas com certa facilidade. Esta aluna, segundo a professora que a acompanha em seu cotidiano, apresenta um quadro de baixa autoestima elevado, porém, ao perceber-se tocando o

instrumento e realizando as atividades a aluna ficou bastante animada e empolgada com aprendizagem. Aprendeu com facilidade as partes da viola acústica.

Por último o D. também apresentou uma excelente noção rítmica e logo acompanhou a pulsação sugerida pelo professor. Também teve facilidade em aprender a sequência das notas da escala de dó maior, além de ficar bastante focado e concentrado nas atividades propostas.

### **12:00 h**

Esta sessão foi mais curta, pois o aluno Ra. não tinha plena certeza se queira, ou não, participar da investigação (segundo a professora que o acompanha diariamente, este aluno apresenta grandes questões de baixa autoestima, o que dificulta sua aprendizagem). O aluno R. entrou na sala um tanto tímido, então tive que ser cauteloso ao apresentar as atividades ali propostas.

Primeiramente falamos sobre as partes da viola acústica e o aluno demonstrou muita facilidade em aprende-las. A parte rítmica também apresentou grande facilidade em sua aprendizagem. Somente quando avançamos para a escala de dó maior e sua sequência de notas foi onde o aluno, ao sentir leve dificuldade, queixou-se sobre a atividade. Decidimos, eu e a professora que o acompanhava, não forçar e assim encerramos a aula. No fim o aluno parecia estimulado a voltar para a próxima sessão, portanto, estamos aguardando uma resposta, no momento.

### **Segunda sessão (21/02)**

Conteúdo desta sessão: Dedilhar as cordas, introdução ao acorde (com ou sem o “*Pratic violão*”)

Atividades realizadas neste dia: Revisão da aula anterior (as partes básicas da viola acústica, ritmo da mão direita em tempo quatro por quatro, xilofone com as notas musicais da escala de dó maior), além do novo conteúdo desta aula, que consistia em uma breve introdução ao acorde, a postura das mãos e tentar dedilhar as cordas (com ou sem o “*Pratic violão*”). Para esta introdução ao acorde cada aluno terá contacto com uma nota, a primeiro momento (sabendo-se que o acorde tem três notas em sua composição).

Utilizamos como referência o manual de auxílio do “*Pratic Violão*”.

Para este segundo dia da investigação o aluno D. não foi a instituição.

**9:30 h**

Os dois alunos, P. e Z., estavam bem estimulados e pude perceber que houve a compreensão do conhecimento da sessão anterior, pois conversamos sobre o assunto visto e os alunos demonstravam ter compreendido de forma satisfatória o conteúdo.

O aluno P. lembrou perfeitamente das partes todas da viola acústica, sabendo indicar, tanto verbalmente quanto visualmente (fala e apontava com a mão as partes que verbalizava). Ao praticarmos novamente a escala musical no xilofone o aluno demonstrou, novamente, uma boa afinação vocal, ou seja, ouve bem as notas e as reproduz de forma satisfatória.

Apresentou grande melhora na mão direita (mão responsável por tocar o ritmo do instrumento), pois na primeira sessão havia tocar com o auxílio de uma palheta, porém, nesta, tocou somente com os dedos (acredito que isto se deve, também, a timidez do aluno, pois foi notado que o mesmo estava mais desenvolvido e confiante nesta sessão). Antes da utilização do “*Pratic violão*” permitiu-se que o aluno tentasse, ainda sem o dispositivo adaptado, tocar a nota inicial relacionada a formação do acorde (nota esta feita com o dedo indicador da mão esquerda). Inicialmente, sem o “*Pratic violão*”, o aluno não fez pressão suficiente ao ser instruído sobre a postura das mãos. Porém ao adicionarmos o dispositivo houve considerável melhora, tanto na posição da mão esquerda, quanto em sua orientação espacial, pois ao indicar-lhe pressionar o dedo indicador no primeiro buraco, dos três existentes no dispositivo, o aluno pôde fazer o movimento com mais exatidão e precisão.

O aluno Z. apresentou uma melhor compreensão rítmica. Por não ter uma dicção bem definida, devido a suas limitações cognitivas, ainda não foi percebido bem se o aluno sabe, ou não, a sequência de notas da escala de dó maior, pois o mesmo não oraliza de forma clara algumas palavras. Aparentemente, ao cantar as notas ele se antecipa ao falar antes do investigador, como se pretendesse falar o nome da próxima nota da sequência, porém ainda não é certo definir o que é dito pelo aluno. Demonstra muita satisfação ao participar das sessões.

Antes de utilizarmos o “*Pratic violão*” o aluno Z. experimentou tocar sem o dispositivo, porém apresentou certa dificuldade ao pressionar as cordas e posicionar bem a mão esquerda. Quando o dispositivo foi adicionado a atividade o aluno, ainda assim, não conseguiu acertar o espaço do dedo e nem a postura da mão esquerda. É

possível que isso se deva a um primeiro contacto com o dispositivo. Será observado de a dificuldade irá persistir.

### **10:00 h**

Neste horário o aluno R. foi quem participou da sessão. Ao rememorar a aula da semana anterior o aluno demonstrou ter entendido bem o conteúdo. Também sabia dizer, com facilidade, as notas da escala de dó maior.

Sobre a aplicação do estudo dos acordes, em um primeiro momento foi sugerido ao aluno para que tentasse posicionar o dedo indicador da mão esquerda na primeira nota do acorde de dó maior, sem o dispositivo. Foi percebido neste momento que precisávamos exercitar a força e a pressão empregadas na corda e no braço do instrumento. Ao tentarmos com o dispositivo adaptado o aluno conseguiu encontrar, com facilidade, a posição, porém ainda precisava ter mais noção da força exercida para que a nota pudesse ser tocada de forma satisfatória (com pouca pressão do dedo sob a corda o som fica inaudível).

Este aluno apresenta uma aprendizagem teórico musical bastante eficiente, mas ainda é necessário exercitarmos consideravelmente a parte física, para o mesmo conseguir fazer a força suficiente na corda e o som da nota seja ouvido.

### **10:30 h**

Para esta sessão iriam participar os alunos A. e D., porém este último não foi a instituição neste dia. Portanto, nesta turma, somente o primeiro aluno estava presente. O aluno A. conseguiu lembrar das partes da viola acústica, além de tocar bem o ritmo visto na aula anterior e sabia perfeitamente a sequência das notas da escala de dó maior (mesmo não afixando, vocalmente, estas notas ao cantar cada uma delas).

Ao iniciarmos a atividade com a formação do acorde de dó maior, o aluno demonstrou uma excelente pressão dos dedos ao apertar a corda do instrumento. Primeiramente fizemos o acorde sem o “*Pratic violão*”, para perceber como o aluno reagiria ao contacto inicial com a pressão da corda.

Logo foi concluído que o A. apresenta um ótimo potencial para a aprendizagem do instrumento, pois, sem dificuldades, conseguiu tocar a nota de uma forma muito clara. Após inserir o aparelho adaptado durante a sessão o aluno intensificou sua melhora, pois conseguiu encaixar o dedo perfeitamente no equipamento, o que ajudou em sua visualização para a posição da nota. Entendi que o dispositivo auxiliou a aprendizagem,

pois, mesmo que o aluno já apresentasse aptidões e facilidades, ao introduzirmos o “*Pratic violão*” durante as atividades foi percebido melhora em seu desenvolvimento.

Vale salientar ainda que, ao sair da aula o investigador foi deixar o aluno em sua sala de aula e logo que a professora o avistou, informou que o A. havia chegado desanimado naquela manhã, mas após a sessão da aprendizagem da viola acústica melhorou bastante seu humor e disposição, naquele dia.

### **11:00 h**

Durante esta sessão estavam presentes as alunas T. e A. C.. A aluna T. lembrou da ordem das notas da escala de dó maior, as partes da viola acústica, além de apresentar uma boa memória rítmica. A aluna A. C. também tem um ritmo excelente, porém não conseguiu memorizar e falar a sequência da escala de dó maior e nem as partes da viola acústica (vistas na aula anterior).

Ao iniciar a parte prática, ou seja, a aplicação do “*Pratic violão*”, as alunas apresentaram resultados diferentes. A aluna A. C. conseguiu tocar da viola acústica facilmente (pressionando bem os dedos, demonstrando habilidade e firmeza ao apertar as cordas), com ou sem o aparelho. A aluna T. sentiu dificuldade na compreensão da utilização do aparelho adaptado e também não conseguiu, ao primeiro contacto, pressionar bem as cordas para que a sonoridade estivesse audível. Com o “*Pratic violão*” a aluna conseguiu um pouco mais de êxito durante a tocabilidade, pois acertou a posição do dedo e soube onde pressionar de forma mais consciente. Com esta aluna entendi que seria preciso persistir mais em relação ao quesito físico.

### **11:30 h**

Nesta sessão participaram os alunos Ra., J. e C. R., para rememorar as aulas anteriores e testar o equipamento. Há algum cuidado maior com esta turma, pois os alunos R. e J. tem certa fragilidade em sua auto estima, então o conteúdo precisa ser transmitido lentamente, para não haver uma frustração e, por consequência, a desistência destes alunos.

O aluno R. ainda estava em dúvida se iria participar, porém decidiu ir assistir a aula. Participou bem, lembrava das partes da viola acústica, não lembrava completamente da escala de dó maior e, ao experimentar da viola acústica com e sem o “*Pratic violão*”, o aluno demonstrou tocar melhor sem o equipamento.

A aluna J. não lembrou bem das partes da viola acústica e nem da escala de dó maior, porém ao tocar as notas a aluna afinava bem vocalmente. A aluna precisa exercitar mais a parte da pressão dos dedos em relação ao instrumento. Não pressionou bem as cordas, com ou sem o aparelho.

A aluna C. R. é um bocado pequenina, portanto as mãos não abarcam bem o braço da viola acústica. Esta aluna fala pouco, então não consigo classificar, ainda, se a mesma lembra ou não das notas da escala de dó maior ou das partes da viola acústica.

### **Terceira sessão (28/02)**

Conteúdo desta sessão: Compreensão das mãos esquerda e direita ao tocar o instrumento, atividades com o “*Pratic Violão*”, pressão dos dedos para pressionar as cordas.

Atividades realizadas neste dia: Revisão das sessões anteriores e o conteúdo desta aula: exercitar a pressão dos dedos, a posição correta das mãos e o reforçar o conhecimento do acorde.

Foi utilizado como referência o manual de auxílio do “*Pratic Violão*”.

Para este segundo dia da investigação o aluno D. não foi a instituição. A sessão neste dia terminou mais cedo, pois alguns alunos fizeram pequenos grupos nos horários mais convenientes para as atividades da instituição neste dia.

### **9:30 h**

Esta sessão iniciou-se com os alunos P. e Z.. O primeiro aluno apresenta guardar bem as informações vistas nas sessões anteriores, principalmente se ligado a imagens e associações (como as partes da viola acústica e os sons da escala de dó maior). Ao ser informado sobre as posições das mãos relacionadas a prática do instrumento, o aluno diferenciou bem as mãos esquerda e direita e suas funções, porém, na prática, precisa de mais pressão nos dedos. Ao aplicar o “*Pratic violão*” o aluno, novamente, apresenta uma melhora sonora, pois direciona a pressão do dedo para a posição do primeiro dedo (indicador) da mão esquerda, encaixando na peça adaptada.

O aluno Z. não fala de forma muito clara, porém consegue responder as minhas perguntas de forma satisfatória. Relembra bem as partes da viola acústica, mas não consigo perceber perfeitamente se o aluno compreende parte da escala maior. Sobre as mãos o aluno diferencia bem a esquerda da direita e compreendeu, previamente, a

utilização de cada uma delas. Quanto a pressão dos dedos e a forma de posicionar as mãos foi necessário persistir bastante, pois este aluno ainda não conseguiu perceber a sincronia necessária para o movimento necessário a tocabilidade do instrumento. O aluno precisa entender melhor o funcionamento da mão esquerda para que o “*Pratic violão*” possa ser aplicado com eficácia.

### **10:00 h**

Para esta sessão estavam os alunos R. e A. e estes apresentavam estar entusiasmados para a aula.

O aluno R. é bastante comunicativo, expressa muito bem o que deseja. Não houve nenhuma limitação ao falar sobre a teoria das mãos direita e esquerda, mas ao praticar o instrumento este aluno precisa, bastante, coordenar o movimento das duas mãos, para obter um bom resultado para praticar. A sincronia das mãos precisa ser estimulada, juntamente com a pressão dos dedos. Para a aplicação eficaz do “*Pratic violão*” o aluno precisa pressionar com mais força as cordas do instrumento e isso precisa ser praticado.

Uma grata surpresa nesta sessão foi ver que o aluno A. comprou uma viola acústica por causa das aulas. Segundo a professora, foi iniciativa do aluno pedir o instrumento aos pais. Para o A. o entendimento da função das mãos esquerda e direita foi de fácil compreensão, inclusive durante a prática. O aluno apresenta uma boa pressão dos dedos nas cordas do instrumento e coordenação das mãos. Consegue tocar de forma eficaz, sendo necessário o treino pertinente a aprendizagem da viola acústica. Ao utilizar os “*Pratic violão*” o aluno demonstra entender bem o uso do dispositivo, porém, ao que tenho percebido até o momento, sua percepção do acorde, mesmo sem o dispositivo, é muito boa. O aluno pode se desenvolver muito bem durante o estudo do instrumento.

### **10:30 h**

A seguinte sessão aconteceu com as alunas T. e A. C.. A primeira aluna não apresentou dificuldade em diferenciar as funções das mãos esquerda e direita, de forma teórica. Quando houve o momento da prática a aluna consegue ter mais sucesso com o uso do aparelho, pois, se estimulada, consegue a pressão correta para tocar a nota. Precisa de um treinamento mais intenso nesta parte motora e com isto acredito que haverá um bom resultado.

A aluna A. C. não memorizou tão bem as notas da escala e as partes da viola acústica. Em relação as mãos esquerda e direita conseguiu diferenciar bem de forma teórica, porém, melhor ainda foi a parte prática. A aluna tem uma excelente pressão na mão esquerda (a mão que aperta as cordas) e um ótimo ritmo na mão direita (a mão que dedilha as cordas). Apresenta, até o momento, um resultado muito bom e aparenta não necessitar do aparelho para conseguir aprender os acordes. Suas habilidades com o instrumento são promissoras.

### **11:00 h**

Durante a última sessão deste dia participaram as alunas J. e C. R., e o aluno Ra.. O aluno Ra. estava bem humorado neste dia, se antecipou dos demais alunos e chegou primeiro na sala. Lembrava das partes da viola acústica e das notas da escala. Ao falar sobre as mãos o aluno também teve facilidade em entender as suas funções. Já na parte prática o aluno precisa de mais pressão nos dedos para apertar as cordas e acionar o som da viola acústica. Com a utilização do “*Pratic violão*” o aluno obtém um melhor resultado, pois visualiza melhor onde deve ser pressionado, porém ainda foi preciso exercitar a força dos dedos.

A aluna J. estava um tanto sensível, então neste dia não exigi tanto da mesma, para não haver algum tipo de desestímulo. Lembrou pouco das partes da viola acústica e da escala de dó maior, porém acredito que neste dia a aluna estava mais desconcentrada. Também não conseguiu entender as mãos e o instrumento. A parte prática também ficou um bocado comprometida neste dia, pois a aluna focava em estímulos externos, ou nos colegas. Foi necessário que ela tentasse fazer as atividades, porém não obtive muito sucesso.

A aluna C. R. é sempre bem receptiva em relação a aula, está sempre bem disposta, por mais que seja tímida. Ao falar é sempre muito baixo, portanto fica difícil perceber a aprendizagem da escala e as partes da viola acústica, porém a aluna interage e isto já é de grande importância. Sobre as mãos é necessário que haja mais investimento no estudo com a aluna, tanto prático quanto teórico. Esta aluna apresenta uma postura firme e uma boa firmeza nas mãos, apesar de pequeninas.

### **Março**

Conteúdo desta sessão: Os dedos e suas respectivas posições relacionados a formação do acorde (com o auxílio do “*Pratic violão*”), a pressão dos dedos, a formação do acorde de dó.

#### **Quarta sessão (07/03)**

Conteúdo desta sessão: Os dedos e suas respectivas posições relacionados a formação do acorde (com o auxílio do “*Pratic violão*”), a pressão dos dedos, a formação do acorde de dó.

Atividades realizadas neste dia: os dedos e o dispositivo “*Pratic violão*” (posição e pressão dos dedos), tentativa de tocar o instrumento junto de uma perspectiva musical (tocando uns com os outros ou com o professor, mesmo que somente uma nota) – o conteúdo desta sessão foi, basicamente, o visto na sessão anterior.

Foi utilizado como referência o manual de auxílio do “*Pratic Violão*”.

Nesta sessão os alunos A., D., R., e C. R. não foram para a instituição, portanto não participaram neste dia, pois faltaram.

#### **9:30 h**

Nesta sessão, com os alunos Z. e P. rememoramos assuntos das sessões anteriores. Para iniciarmos a utilização do dispositivo foi apresentado aos alunos a forma com que a mesma deveria ser aplicada. Falamos sobre a cor da peça, sobre a numeração dos dedos (visto nas sessões anteriores) relacionadas aos números apresentados em cada furo (de acordo com o manual de auxílio), testamos o equipamento colocando os dedos nestes furos (ainda desencaixado da viola acústica) e após isto montamos a peça no instrumento de acordo como indicado no manual de auxílio.

O aluno P. entende muito bem a funcionalidade do dispositivo adaptado e conseguiu utiliza-la de forma funcional, porém necessita de mais pressão nos dedos e mais segurança ao tocar a nota desejada. Este aluno toca bem a nota do dedo 1 da mão esquerda, apresenta boa pressão, porém precisa ser atentado para manter a força no dedo constantemente. Ao dedilhar a corda (com a mão direita) percebo que o aluno perde a coordenação da mão responsável por apertar a corda (mão esquerda). Isto pode ser trabalhado durante o período das aulas. Após retirarmos a peça o aluno consegue manter a precisão momentânea em tocar a nota pressionando a corda.

O aluno Z. apresentou uma evolução , porém é necessário mais coordenação motora para obter a postura correta com a mão esquerda (para segurar bem o braço do instrumento). De toda forma houve uma melhora na pressão do dedo ao apertar a primeira corda do acorde de dó maior. Já foi possível ouvir bem a nota tocada pelo próprio aluno, algo que antes não era realizado de forma ideal.

#### **10:00 h**

A aluna T. demonstra grande vontade durante a aprendizagem, por mais que tenha a parte física e motora um pouco comprometida em se tratando da aprendizagem do instrumento. Sempre necessitamos de um apoio adaptado para os pés (alguns colchonetes em formato de semi círculo que deixam os pés da aluna apoiados) para que esta aluna consiga tocar a viola acústica. Há certa dificuldade em dedilhar todas as seis cordas do instrumento (a aluna toca com mais facilidade as cordas graves), porém isto pode ser trabalhado de forma que consiga corrigir esta limitação.

Ao utilizarmos o “*Pratic violão*” a aluna T. conseguiu pressionar bem a corda número 1 do acorde de dó maior, indicado pelo manual de auxílio. Apresenta a mesma dificuldade que alguns outros alunos demonstram, que é dedilhar a corda enquanto pressiona a respectiva responsável pela nota do acorde, mas isto pode ser contornado com a prática.

A aluna A. C. é um caso onde há uma grande facilidade, tanto musical quanto motora. Não consegue memorizar bem as partes da viola acústica ou a sequência da escala de dó maior, porém, durante a prática o aproveitamento é fantástico. A aluna consegue, facilmente, pressionar as cordas, tanto com o auxílio do “*Pratic violão*” encaixado no braço do instrumento quanto sem a ajuda deste dispositivo. O que pude notar é que, sem a peça adaptada, a aluna apresenta um pouco mais de dificuldade em definir a posição dos dedos, porém, de utilizarmos o dispositivo e em seguida a retirarmos, a memória muscular faz com que a aluna toque muito bem, livremente, as cordas a serem pressionadas. A parte rítmica também é muito boa e nesta aula conseguimos tocar juntos (eu e a aluna) parte da música que iremos preparar para o repertório de encerramento.

#### **10:30 h**

A aluno Ra. entendeu bem a funcionalidade do “*Pratic violão*”. Conseguiu pressionar bem a corda na posição do primeiro dedo da mão esquerda (indicado do

manual de auxílio para o dispositivo), demonstrando uma evolução com relação a esta parte motora, já vista na sessão anterior.

A aluna J. demonstrou, nesta sessão, estava mais desconcentrada. Foi explicado sobre como utilizar o dispositivo e de que forma poderíamos começar, neste momento, a utilização da peça. A pressão necessária para soar a nota precisa ser melhor trabalhada, pois a aluna ainda não consegue, de forma plena, definir esta sonoridade.

### **Quinta sessão (14/03)**

Conteúdo desta sessão: Os dedos e suas respectivas posições relacionados a formação do acorde (com o auxílio do “*Pratic violão*”), a pressão dos dedos, a formação do acorde de dó maior maior – o conteúdo desta sessão foi, basicamente, o visto na sessão anterior.

Atividades realizadas neste dia: os dedos e o dispositivo “*Pratic violão*” (posição e pressão dos dedos), tentativa de tocar o instrumento junto de uma perspectiva musical (tocando uns com os outros ou com o professor, mesmo que somente uma nota) - maior – o conteúdo desta sessão foi, basicamente, o visto na sessão anterior.

Utilizamos como referência o manual de auxílio do “*Pratic Violão*”.

Nesta sessão os alunos A., D., e C. R. não foram para a instituição, portanto não participaram neste dia, pois faltaram.

### **9:30 h**

Nesta sessão iniciamos com os alunos Z. e P.. Durante a primeira tentativa da utilização do “*Pratic violão*” o aluno P. apresentou certa dificuldade em acertar a pressão dos dedos, necessária para que as notas fossem tocadas. Inicialmente tocou de forma satisfatória, porém, aos poucos, o aluno passou a pressionar menos as cordas. Sua pressão em relação as cordas melhorou bastante, principalmente ao ser orientado pelo professor. Nesta sessão conseguimos ter um bom resultado com a primeira corda do acorde de dó maior (dedo número 1 da mão esquerda). Praticamos, pela primeira vez, a música do repertório sugerido no manual de auxílio, relacionado a aprendizagem deste acorde que estamos estudando.

Com o aluno Z. foi percebido que a experiência, neste dia, foi muito similar a do colega P., pois ao iniciarmos as atividades com o instrumento e o dispositivo, o aluno não apresentou muita precisão ao tocar as cordas com pressão suficiente, mesmo

utilizando o “*Pratic violão*”. Com este aluno ainda não houve resultados o suficiente para praticar a música do repertório sugerida pelo manual de auxílio, pertinente a este acorde estudado (o de dó maior).

#### **10:00 h**

Após apresentar o dispositivo, falar sobre sua funcionalidade e explicar sua utilização ao aluno R., treinarmos a pressão dos dedos na primeira posição (da primeira nota) com o dedo indicador da mão esquerda, como apresentado no manual de auxílio. Pude perceber que o aluno pressionou bem o dedo na corda do instrumento, na posição indicada. Outro aspecto importante durante a atividade foi que o aluno conseguiu coordenar melhor os movimentos das mãos direita e esquerda. Enquanto pressionava a posição inicial para fazer o acorde (com a mão esquerda), conseguia (com a mão direita) dedilhar a corda correspondente a que estava sendo exercida a pressão.

Para as próximas sessões teremos que trabalhar mais esta coordenação entre as mãos, a força para apertar as cordas e tentar melhorar a parte rítmica. Assim poderemos tocar a música sugerida para esse repertório, de acordo com o manual de auxílio utilizado em sala pelo professor.

#### **10:30 h**

Para esta sessão foi recebida em sala a aluna A. C., que tem demonstrado um excelente desenvolvimento para a aprendizagem da viola acústica. A aluna foi apresentada ao dispositivo. Foi explicada sua funcionalidade e relacionada a isto a utilização dos dedos da mão esquerda. Após contextualizar o que foi necessário para o início da atividade, partimos para a prática.

Neste caso, o dispositivo “*Pratic violão*” cumpre, com excelência, sua função e propósito para o qual foi desenvolvido. Isto acontece pois este aparelho adaptado tem como principal objetivo ajudar o aluno em sua aprendizagem com o instrumento estudado. A construção e idealização deste aparelho visam construir uma memória muscular relacionada aos acordes, além de fazer com que o aluno visualize (dentro de um espaço delimitado pelos buracos feitos no aparelho) as posições dos dedos. É de grande, e talvez maior importância, que o aluno memorize as posições dos acordes e, gradativamente, o aparelho seja retirado do instrumento, para que o aluno conquiste sua autonomia e consiga tocar a viola acústica sozinho.

No caso desta aluna iniciamos a atividade, apresentando para a mesma o aparelho, como visto na sessão anterior. Utilizamos o “*Pratic violão*” e aluna tocou muito bem, ajustando os dedos na posição e coordenando muito bem as mãos esquerda e direita ao apertar as cordas ao mesmo tempo que as dedilha. Após demonstrar uma boa desenvoltura com o dispositivo, o mesmo foi retirado e a aluna voltou a demonstrar um excelente resultado.

A aluna é a única que, até o momento, conseguiu tocar, por inteiro, o acorde de dó maior, com e sem o aparelho adaptado.

### **11:00 h**

A aluna T. esteve nesta sessão e não apresentou um desenvolvimento relacionado a pressão dos dedos. Esta aluna apresenta certa dificuldade motora o que influencia de forma muito forte quanto ao sua evolução, pelo menos de uma forma a curto prazo.

Percebi que a aluna dedilha, quase sempre, as cordas mais graves da viola acústica. Isto leva a estratégia da aprendizagem a uma nova adaptação, pois foi percebido que é importante iniciar o estudo com o dispositivo da forma contrária utilizada com os outros alunos (ao invés de começarmos pelas cordas agudas, com o dedo indicador da mão esquerda, teremos que iniciar o estudo com o dedo anelar da mesma mão). Precisamos trabalhar a pressão dos dedos de forma mais acentuada.

Foi observado que, neste caso, o estudo teria uma duração maior para termo um resultado satisfatório. De toda forma, introduzir a aluna uma iniciação musical, possibilitar e oportunizar este contacto podem despertar o gosto pela aprendizagem e a vontade de continuar a aprender este instrumento.

### **11:30 h**

Os alunos Ra. e a aluna J. participaram juntos da sessão, como de costume. Fizemos aqui o trabalho com, somente, a primeira nota do acorde, tocada com o dedo indicador da mão esquerda.

A experiência desta aula com o aluno Ra. foi positiva, pois o aluno conseguiu pressionar bem a corda indicada pelo professor, o que não havia sido feito na sessão anterior. Entretanto a experiência em tocar sem o aparelho acoplado ao instrumento foi ainda melhor, foi o aluno conseguiu ser mais preciso em sua tocabilidade. Conseguimos

ainda tocar uma música juntos (esta prevista para o repertório do acorde em questão de acordo com o manual de auxílio).

A aluna também demonstra bons resultados, porém necessita de mais autoconfiança (a aluna não acreditar que consegue desenvolver suas habilidade torna-se um fator limitante para a aprendizagem). Há uma boa resposta quanto a utilização do “*Pratic violão*”, pois a aluna consegue pressionar bem o dedo indicador da mão esquerda, principalmente com a presença do aparelho acoplado a viola acústica. Precisa de treino na parte rítmica. O desenvolvimento da aluna é satisfatório, porém necessita sempre ser reforçada quanto a sua auto estima.

### **Sexta sessão (21/03)**

Conteúdo desta sessão: Estamos a focar na prática do acorde de dó maior e também revisão dos conteúdos vistos anteriormente. A utilização do dispositivo é um ponto principal neste momento, portanto o importante no momento é descobrirmos como os alunos reagem ao uso do “*Pratic violão*”, qual suas possibilidades de melhora, tanto do dispositivo em si quanto da parte didática.

Atividades realizadas neste dia: falamos sobre ritmo, sobre a escala de dó maior e sobre a postura correta para tocarmos, de forma confortável, a viola acústica. Vimos novamente sobre a utilização do dispositivo adaptado, a focar na parte prática e em que aspectos poderia ser melhorado. Observar em como os alunos interagem com o ensino musical e se o “*Pratic violão*” os auxilia durante a aprendizagem do acorde em questão.

Utilizamos como referência o manual de auxílio do “*Pratic Violão*”.

Nesta sessão os alunos A., R., D., e C. R. não foram para a instituição, portanto não participaram neste dia, pois faltaram.

### **9:30 h**

Sobre o aluno Z. é possível dizer que o mesmo entendeu bem a parte rítmica, pois conseguia acompanhar (com uma pendeireta ou com palmas) bem as atividades sugeridas, como por exemplo acelerar ou diminuir o andamento em quarto por quatro, com nuances de dinâmica (fraco e forte). Em relação a memorizar as esclas o aluno, como já citado anteriormente, não consegue falar com clareza, então é difícil perceber o que o aluno diz, em certos momentos. Um detalhe importante que percebi é que o Z. consegue falar bem as vogais e apresenta mais dificuldade com as consoantes. Isso

levou o professor a seguir uma estratégia específica para que o aluno pudesse falar as notas da escala: eu só falava as vogais finais da escala e então o mesmo poderia reproduzir oralmente com mais facilidade o nome de cada nota. Após contornarmos esta adversidade relacionada a fala o aluno pôde, com considerável facilidade, falar o nome das notas.

Ainda sobre o Z. foi visto que a pressão dos dedos melhoraram, ao tocar a viola acústica. Também foi percebido que o aluno coordenou melhor o movimento de pressão (com a mão esquerda) enquanto dedilhava as cordas (mão direita), movimento este que é essencial para tocar o instrumento.

O aluno P. é muito bom na parte rítmica, entendendo bem a diferença entre os ritmos mais rápidos e mais lentos, além de executar bem a dinâmica do forte e fraco. A escala também é um ponto forte do aluno, pois o mesmo lembra bem da sequência das notas em dó maior.

Sobre o dispositivo adaptado, este aluno pressiona bem as cordas, mas precisa da ajuda do “*Pratic Violão*” para identificar a posição da nota que será tocada. Até o momento o P. conseguiu tocar somente a primeira nota do acorde na forma de dó maior.

### **10:00 h**

As alunas T. e C. R. participaram desta sessão, a segunda deste dia. As duas alunas entenderam bem sobre a parte rítmica (juntamente com a dinâmica de tocar forte ou fraco), porém, fora as escalas estas alunas apresentam diferenças relacionadas a aprendizagem musical, tanto teórico quanto prático.

Foi visto, nesta sessão, se a aluna T. recordava da escala de dó maior e a mesma lembrou de forma muito satisfatória de toda a sequência das notas. Sobre a parte prática buscou-se trabalhar a coordenação entre as mãos da aluna, além da pressão necessária para apertar a corda. Estamos trabalhando somente com a primeira corda do acorde de dó maior (o primeiro dedo da mãos direita). Durante as tentativas em tocar a viola acústica, nesta sessão em específico, o aluno apresentou notável melhora na coordenação em pressionar as cordas com a mão direita e tocar com a mão esquerda.

A aluna C. R. ainda não consegue memorizar bem a sequência da escala de dó maior, porém o seu desempenho prático é excelente. Primeiramente, com a ajuda do dispositivo, consegue rapidamente formar o acorde. Após utilizar o “*Pratic violão*” a aluna logo está a fazer o acorde sem precisar do auxílio do equipamento adaptado. Dessa forma (e neste caso), o dispositivo desempenha, com perfeição, a função para a

qual foi idealizada. A aluna toca o acorde por inteiro, com a posição dos três dedos da mão direita.

### **10:30 h**

Esta sessão foi com o aluno Ra. e a aluna J. e esta foi a última turma do dia. Pude constatar que os alunos memorizaram bem a escala e a parte rítmica é muito satisfatória, pois conseguiram, além de tocar mais rápido ou mais lento, definiram bem a dinâmica entre tocar forte e fraco. Relacionado a parte prática o aluno Ra. pressionou bem a corda e precisa do dispositivo para situar a posição do dedo. Porém seu desempenho melhora quando retiro o equipamento adaptado, pois a espessura do “*Pratic violão*” dificulta a pegada do aluno no braço do instrumento. Foi percebido que sua auto confiança apresenta melhora. Estamos a trabalhar o primeiro dedo da mão direita.

A aluna J. me parece ter regredido um pouco quanto a parte prática. Ao tocar não pressiona mais tão bem a corda (com a mão esquerda), o que compromete seu desempenho ao dedilhar as cordas (com a mão direita). Neste caso também estamos a tentar trabalhar somente o primeiro dedo da mão esquerda.

### **Sétima sessão (28/03)**

Conteúdo desta sessão: Voltamos a sessão somente para a prática da viola acústica. Falamos sobre as partes do instrumento e, após isso, começamos a tocar o instrumento e estimular a aplicação, novamente, do “*Pratic violão*”.

Atividades realizadas neste dia: treinamos a mão esquerda (ritmo), a mão direita (acordes) e a aplicação do aparelho adaptado. Com aqueles alunos que conseguiram foi exercitada a música indicada para o repertório.

Utilizamos como referência o manual de auxílio do “*Pratic Violão*”.

Nesta sessão o aluno D. não foi para a instituição, portanto não participou neste dia. Outro aspecto que comprometeu um pouco a investigação neste dia foi o fato do local em que as sessões são realizadas (o ginásio da instituição), teve que ser dividido com outro profissional durante o horário das 9:30 às 10:30. Portanto, durante as aulas nesses horários citados, os alunos estavam um pouco desconcentrados.

### **9:30 h**

Para esta sessão contamos com os alunos Z. e P.. Foi observado que houve certa evolução nestes alunos, pois ao sugerir as atividades os mesmos surpreenderam com suas novas demonstrações de aprendizagem. Durante esta sessão estava a acontecer outra atividade com um profissional da instituição, dividindo espaço conosco, o que desconcentrou os alunos.

O aluno P. falou bem sobre as partes da viola acústica e, ao partirmos para a prática, sua resposta foi ainda melhor com relação ao instrumento. Isto porque a percepção do aluno relacionado a parte espacial da viola acústica está progredindo. Exemplo disto é, logo no início da sessão o mesmo pegou a viola acústica e já posicionou o dedo na posição correta, sem a utilização do dispositivo. Este fato prova que, além do aluno estar a aprender, mesmo que ao seu tempo, a utilização do “*Pratic Violão*” está realmente potencializando sua capacidade de memorização.

O “*Pratic violão*” auxilia para que o aluno guarde na memória a posição estudada em sala. É importante citar que a pressão dos dedos do aluno melhoraram bastante e o mesmo consegue soar bem a nota com mais facilidade do que ao começarmos as atividades.

No caso do aluno Z. também foram apresentadas gratas surpresas nesta sessão, porém ainda precisa de bastante desenvolvimento da parte motora relacionada ao instrumento. Lembrou bem das partes da viola acústica (um fato que vale ser destacado é que, como o aluno não é bem oralizado, citou as partes do instrumento apontando para partes de seu próprio corpo, já que os nomes são os mesmos, sendo elas corpo, braço e mão) e conseguiu, mesmo que por pouco tempo, alinhar as duas mãos ao pressionar e tocar as cordas ao mesmo tempo, principalmente se chamado a atenção para isto. Porém ainda há muito que desenvolver quanto a pressão a exercer nas cordas e em coordenar tocar ao mesmo tempo a mão responsável pelo ritmo e manter os dedos pressionados.

### **10:00 h**

Esta sessão tivemos dois alunos que costumam faltar bastante, o R. e o A., porém seus resultados são positivos. É possível que se os mesmos não faltassem as sessões sua resposta quanto as atividades seriam muito mais positivas.

O aluno R. tem muita facilidade em guardar informações, principalmente teóricas (isto relacionado ao aprendizado da viola acústica). Ao tentarmos tocar o acorde o mesmo não lembrava ao certo a posição correta para pressionar a corda, porém com a utilização do dispositivo acoplado (e depois retirada) ao instrumento, o aluno

conseguiu, com facilidade, posicionar o dedo satisfatoriamente. Percebi que sua coordenação entre dedilhar e pressionar as cordas teve uma melhora, porém ainda precisa apertar mais os dedos da mão direita para que tenhamos um resultado sonoro mais próximo do ideal. Este aluno já consegue posicionar dois dos três dedos da mão direita para a formação do acorde de dó maior, faltando apenas uma posição para que consiga formar o acorde completo.

No caso do aluno A., que faltou grande parte das sessões realizadas, vale ser citado que este rapaz tem muita facilidade para tocar o instrumento. Sua memória quanto a parte teórica é muito eficiente, pois o aluno lembrava bem de todas as partes da viola acústica. Não há como sondar sua memória teórica para os demais assuntos, pois este aluno, por ter faltado bastante as sessões, não teve acesso ao conteúdo ministrado. Por outro lado, ao iniciarmos a parte prática, o aluno demonstra grande facilidade em tocar a viola acústica, além de não necessitar do dispositivo adaptado para que consiga apertar bem as notas respectivas ao acorde de dó maior.

### **10:30 h**

As alunas A. C. e T. participaram da sessão e demonstraram evolução quanto a prática do instrumento. A aluna T. apresenta dificuldade em agarrar a viola, mas por uma questão de caráter físico e não somente postural. Este fato influencia na prática, pois em alguns momentos, mesmo com ajuda do professor ou do colega, esta necessidade de estabilidade do instrumento pode comprometer a concentração e por consequência, a aprendizagem.

Em relação a aluna A. C. é importante, novamente, ressaltar sua facilidade na aprendizagem da viola acústica. O dispositivo é utilizado como um potencializador das aptidões que a aluna vem construindo durante as sessões. No início da aula a A. C. já apresenta ter noção de como é a disposição dos dedos no braço do instrumento, necessária para formar o acorde. Após aplicar a utilização do “*Pratic violão*” a aluna consegue, enfim, lembrar a formação do acorde e toca bem, inclusive, junto com o professor. Nesta aula tocamos a música relativa ao repertório que há no manual de auxílio e enquanto a aluna tocava o acorde de dó maior o professor a acompanhava, melodicamente, para tocar a música “A dona aranha”.

### **11:00 h**

Nesta sessão estive com o aluno Ra., a aluna J. e a aluna C. R. (esta última aluna faltou bastante as sessões de música). Tive grata surpresa nesta turma pela evolução de alguns destes alunos citados, principalmente relacionado a parte prática, ao tocar o instrumento.

O aluno Ra. estava muito bem disposto a participar da sessão. Além do Ra. tocar muito bem os ritmos sugeridos pelo professor, neste dia ele tocou muito bem o acorde de dó maior, faltando somente a posição de um dedo para fecharmos o acorde completamente. Notou-se que houve, neste caso, um bom desenvolvimento com a parte prática do aluno. Sempre antes de montarmos o acorde utilizávamos o dispositivo para termos a noção espacial de onde os dedos seriam posicionados. Após o uso do “*Pratic violão*” (e retirar a peça em seguida) o aluno conseguia lembrar da ordem dos dedos e de onde encaixa-los.

A aluna J. também apresentou uma melhora relacionado a parte prática do estudo. Estava bem disposta e sorridente, interagindo bem com os colegas e com o professor. Acredito que o seu bom desempenho também esteja ligado ao seu humor e auto confiança. Precisa de mais atenção quanto a mão rítmica (mão direita), porém realizou muito bem as atividades com os acordes (mão esquerda), quase a conseguir tocar o dó maior completamente, faltando apenas um dos dedos para este feito. Novamente (como no caso do seu colega, citado no parágrafo acima) a utilização do aparelho adaptado foi de muita valia, pois ajudou na memorização da posição dos dedos empregados neste acorde em específico. Está quase a tocar o acorde completamente, faltando apenas um dedo para isto.

No caso da aluna C. R., como já foi citado anteriormente nas sessões em que esta aluna participou, seu tamanho físico é um ponto que agiu como uma barreira para o desenvolvimento da aluna, além de outros detalhes. Por ser pequenina seria recomendado uma viola acústica de tamanho menor. Fora este quesito a aluna apresenta um bom dedilhado das cordas (se praticado tende a ser organizado e direcionado de uma forma mais coesa), boa postura e se mostra atenta e disposta a aprendizagem.

## **Abril**

Neste mês faremos o último encontro com os alunos da instituição, após quase dois meses de investigação.

**Última encontro (04/04)**

Neste dia (quinta-feira, como de costume) os alunos permaneceram em suas respectivas salas de aula, seguindo as atividades diárias, dentro da instituição. Ao entrarem na sala, um por cada vez, houve diálogo com os alunos, professoras e foi dito que ali se findava a investigação sobre a aprendizagem da viola acústica.

Foi interessante observar a reação dos alunos. Alguns ficaram indiferentes, mas foram bem receptivos a minha presença. Já outros demonstraram que estavam entristecidos com o fim da investigação, o que me deixou bastante feliz, pois pude constatar que houve uma boa interação entre professor e alunos, estabelecendo um vínculo afetivo com estes indivíduos. As professoras e monitoras também demonstraram ter pena ao acabar a investigação, o que me faz acreditar que o vínculo profissional também foi bem estabelecido.

Durante a investigação foram prezados o respeito, limites, humor e disposição dos alunos que participaram desta investigação. Buscamos tornar o ambiente de aprendizagem o mais apto para que todos pudessem extrair o melhor das sessões. Tornar o ensino e a prática musical acessíveis para diversas pessoas, trabalhando a arte como forma de expressão pessoal e como potencializador da auto estima.